

JOSIANE MANCHUR

**O LUGAR COMO LOCÚS DE ESTUDO NA GEOGRAFIA:
manifestações culturais ucranianas no município de Pitanga-PR e
suas representações para o ensino geográfico**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Linha de Pesquisa: Geografia em Processos Educativo, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, para obtenção do Grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Rosemy da Silva Nascimento

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Manchur, Josiane

O LUGAR COMO LOCÚS DE ESTUDO NA GEOGRAFIA: :
manifestações culturais ucranianas no município de
Pitanga-PR e suas representações para o ensino
geográfico / Josiane Manchur ; orientadora, Rosemy
da Silva Nascimento - SC, 2016.
158 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Florianópolis, 2016.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Geografia. 3. Cultura
ucraniana. 4. Geografia escolar. 5. Produção
didática. I. Nascimento, Rosemy da Silva . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

AGRADECIMENTO

Louvores sejam dados para sempre a Deus, pelo dom da vida, e por todas as suas criaturas que intercalaram meu caminho, principalmente nesse processo dissertativo.

À minha professora e orientadora Dr^a Rosemy da Silva Nascimento, pelo apoio e confiança depositada em mim durante a efetivação deste trabalho.

À Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, pela oportunidade de realizar este aperfeiçoamento e ao CNPq, pela bolsa concedida durante o cursar das disciplinas.

Aos meus amigos do GOU da UFSC, por todos os momentos de oração, partilha e solidariedade minimizando a saudade do lar familiar e do crescimento além da formação acadêmica geográfica, mas espiritual.

À minha amiga Leandra Ramos por ser meu suporte durante essa fase da minha vida, ombro amigo quando mais precisei, e por ter me ensinado a ter Fé em Deus e a não perder a esperança. À Helena Oliveira, Patricia Brovoloski, Laiane Almeida, Daniela Hort, Tarissa Stern e Helena Andrade, Kleicer Cardoso Rocha e Cristiane Aparecida Freitas.

Aos mestres Dr^a Marquiana Vilas Boas Gomes, a quem devo toda a minha formação acadêmica, e por acreditar em mim. Dr. Clayton Silva e Dr. Marcos Pelegrina por todas as conversas e direcionamento.

Aos alunos da educação básica do Colégio Antônio Dorigon, do Município de Pitanga, sujeitos desse trabalho e, em especial, à Roselba, pela parceria e incentivo.

Aos queridos amigos professores e alunos do Colégio Frei Doroteu de Pádua, por gentilezas e carinhos nessa caminhada, em especial ao Douglas Gebeluka e à Keila Cristina Weçolovis Oliveira.

Em especial, aos meus pais, por terem me ensinado o valor da educação e por nunca medirem esforços para que eu chegasse até aqui. E, também, aos meus irmãos pelo carinho e compreensão em todos os momentos dessa caminhada.

RESUMO

O objetivo dessa dissertação centra-se na apreensão e análise do ensino de geografia por meio da cultura ucraniana. Para isso nossa abordagem tem como foco o processo de constituição do lugar e as práticas culturais através das manifestações religiosas compreendendo o significado da religião para essa cultura, pois constroem no território como um dos primeiros marcos de sua identidade cultural pequenas igrejas, na qual é o local de encontros e práticas religiosas até os dias atuais. Nossa área de estudo é a Paróquia Nossa Senhora da Glória, localizada no Município de Pitanga-PR, e as dezoito comunidades rurais que estão sob sua responsabilidade, bem como cidades vizinhas como Palmital, Santa Maria do Oeste, Ariranha do Ivaí, Ivaiporã, Nova Tebas, Manoel Ribas, Boa Ventura de São Roque e Cândido de Abreu, destacando que em cada comunidade há uma igreja construída e mantida pelos descendentes de ucraniano. Para essa investigação adotam-se metodologias investigativas como trabalho de campo e entrevistas. Nesse contexto histórico compreendemos que a formação do espaço geográfico na escala local se torna objeto da pesquisa e ensino para as aulas de Geografia, visando uma aprendizagem integrada e contextualizada com a realidade. A partir dessa referência, tomamos um recorte metodológico da pesquisa-ação e a pesquisa no ensino, centrado em alunos como sujeitos do processo focado visando compreender o ensino geográfico até então aprendido por eles. Consideramos uma aprendizagem por meio dos conceitos geográficos e do método de pesquisa no ensino com alunos do projeto de Altas Habilidades do Colégio Antônio Dorigon através de dez encontros presenciais semanais de duração de duas horas com diferentes recursos didáticos, como músicas, poemas e fotografias, além de duas saídas de campo para estudo e observação da cultura ucraniana com objetivo final a elaboração de uma produção didática autoral sobre a temática. Destacamos assim a importância de se trabalhar com práticas pedagógicas na Educação Básica, que promovam o desenvolvimento da autonomia e construção do conhecimento articulado com a aprendizagem do estudo da realidade local como relevância, tanto por uma metodologia para melhor apropriação do sentido do espaço geográfico, como, em especial, em possíveis discussões sobre as dimensões do conhecimento geográfico.

Palavras-Chave: Cultura Ucraniana. Geografia Escolar. Pesquisa-ação. Produção didática.

РЕЗЮМЕ

МЕТА ДАНОЇ ДИСЕРТАЦІЇ СПРЯМОВАНА НА ЗАТРИМАННЯ І АНАЛІЗ ВИКЛАДАННЯ ГЕОГРАФІЇ ЧЕРЕЗ УКРАЇНСЬКУ КУЛЬТУРУ. ДЛЯ ЦЬОГО НАШ ПІДХІД ФОКУСУЄТЬСЯ НА МІСЦІ УСТАНОВКИ ПРОЦЕСУ І КУЛЬТУРНІ ПРАКТИКИ ЗА ДОПОМОГОЮ РЕЛІГІЙНИХ ПРОЯВІВ РОЗУМІЮТЬ СЕНС РЕЛІГІЇ ДЛЯ ЦЬОЇ КУЛЬТУРИ, ЯК ВОНИ БУДУЮТЬ НА ТЕРИТОРІЇ ЯК ОДИН З ПЕРШИХ ЕТАПІВ ЙОГО МАЛЕНЬКИХ КУЛЬТУРНОЇ САМОБУТНОСТІ ЦЕРКОВ, ДЕ ЗНАХОДИТЬСЯ МІСЦЕ ЗУСТРІЧІ І РЕЛІГІЙНІ ПРАКТИКИ ДОНІНІ. НАШЕ ДОСЛІДЖЕННЯ РАЙОН ПРИХІД БОЖОЇ СЛАВИ, РОЗТАШОВАНИЙ В МУНІЦИПАЛІТЕТІ ПІТАНГІ-PR, І ВІСІМНАДЦЯТЬ СІЛЬСЬКИХ ГРОМАД, ЯКІ ЗНАХОДЯТЬСЯ ПІД ЇХ ВІДПОВІДАЛЬНІСТЮ, А ТАКОЖ СУСІДНІ МІСТА ЯК PALMITAL, SANTA MARÍA UEST, ARIRANNA IBAÍ, IBAÍPORAN, НОВА ФІВИ, МАНОЕЛЬ РІБАС, ВЕНТУРА ДЕ САН-РОК ТА КАНДІДО ДЕ АБРЕУ, ЗАЗНАЧИВШИ, ЩО В КОЖНОМУ СУСПІЛЬСТВІ Є ПОБУДОВАНІ І ПІДТРИМУЮТЬСЯ НАЩАДКАМИ УКРАЇНСЬКОЇ ЦЕРКВИ. ДЛЯ ЦЬОГО ДОСЛІДЖЕННЯ ВОНА ПРИЙМАЄ СЛІДЧІ МЕТОДИ, ТАКІ ЯК ПОЛЬОВІ РОБОТИ ТА ІНТЕРВ'Ю. В ЦЬОМУ ІСТОРИЧНОМУ КОНТЕКСТІ, ЩО МИ РОЗУМІЄМО ФОРМУВАННЯ ГЕОГРАФІЧНОГО ПРОСТОРУ НА МІСЦЕВОМУ РІВНІ СТАЄ ОБ'ЄКТОМ ДОСЛІДЖЕНЬ І ОСВІТИ ДЛЯ УРОКІВ ГЕОГРАФІЇ, З МЕТОЮ КОМПЛЕКСНОГО ТА КОНТЕКСТУАЛЬНОГО НАВЧАННЯ З РЕАЛЬНІСТЮ. З ЦЬОГО ПОСИЛАННЯ, МИ БЕРЕМО МЕТОДОЛОГІЧНИЙ ПІДХІД ПРАКТИЧНИХ ДОСЛІДЖЕНЬ І ДОСЛІДЖЕНЬ В ГАЛУЗІ ОСВІТИ, ЗОСЕРЕДИВШИ УВАГУ НА СТУДЕНТАХ, ЯК СУБ'ЄКТИ ЦІЛЕСПРЯМОВАНОГО ПРОЦЕСУ, ЩОБ ЗРОЗУМІТИ ГЕОГРАФІЧНЕ ВЧЕННЯ ДОСІ НАВЧИЛИСЯ НИМИ. МИ РОЗГЛЯДАЄМО НАВЧАННЯ ЧЕРЕЗ ГЕОГРАФІЧНИЙ І ДОСЛІДНИЦЬКИЙ МЕТОД В НАВЧАННІ ЗІ СТУДЕНТАМИ ДИЗАЙНУ HIGH SCHOOL НАВИЧКИ ANTONIO DORIGON ЧЕРЕЗ ДЕСЯТЬ ЩОТИЖНЕВИХ ЗУСТРІЧЕЙ В КЛАСІ ТРИВАЛІСТЬ ДВІ ГОДИНИ З РІЗНИМИ НАВЧАЛЬНИМИ РЕСУРСАМИ, ТАКІ ЯК ПІСНІ, ВІРШІ І ФОТОГРАФІЇ, А ТАКОЖ ДВІ ЕКСКУРСІЇ ДЛЯ ВИВЧЕННЯ І СПОСТЕРЕЖЕННЯ УКРАЇНСЬКОЇ КУЛЬТУРИ З КІНЦЕВОЮ МЕТОЮ ПІДГОТОВКИ АВТОРСЬКИХ ДИДАКТИЧНИ

ЛІТЕРАТУР ПО ДАНІЙ ТЕМІ. ТОМУ МИ НАГОЛОШУЄМО НА ВАЖЛИВОСТІ РОБОТИ З ПЕДАГОГІЧНОЮ ПРАКТИКОЮ В ОБЛАСТІ БАЗОВОЇ ОСВІТИ, СПРИЯННЯ РОЗВИТКУ АВТОНОМІЇ І БУДІВНИЦТВО ЗЧЛЕНОВАНИХ ЗНАНЬ ДЛЯ ВИВЧЕННЯ ВИВЧЕННЯ МІСЦЕВОЇ РЕАЛЬНОСТІ І ЗНАЧИМОСТІ, ЯК МЕТОДОЛОГІЇ ДЛЯ КРАЩОГО ВОЛОДІННЯ СЕНСУ ГЕОГРАФІЧНОГО ПРОСТОРУ, ЯК ЗОКРЕМА, ПРО МОЖЛИВІ ДИСКУСІЯХ ПРО РОЗМІРИ ГЕОГРАФІЧНИХ ЗНАНЬ.

КЛЮЧОВІ СЛОВА: УКРАЇНСЬКА КУЛЬТУРА. ШКОЛА ГЕОГРАФІЇ. ДІЯ ДОСЛІДЖЕННЯ. ДИДАКТИЧНА ВИРОБНИЦТВА.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da População No Estado do Paraná em 1940... 40	40
Figura 2 - Pitanga em 1925, Rua Interventor Manoel Ribas	42
Figura 3 - Casamento 1922 de Pedro Manchur e Olga Manchur	50
Figura 4 -Igreja Ucraniana Nossa Senhora da Glória – Pitanga.....	50
Figura 5 -Igreja Nossa Senhora Aparecida.....	56
Figura 6 -Interior da Igreja Nossa Senhora Aparecida	57
Figura 7 -Igreja Anjo da Guarda.....	58
Figura 8 -Interior da Igreja Anjo da Guarda.....	59
Figura 9 – Igreja Espirito Santo	60
Figura 10 -Interior da Igreja Espirito Santo	61
Figura 11 -Igreja Nossa Senhora do Patrocínio.....	61
Figura 12 -Interior Igreja Nossa Senhora do Patrocínio.....	62
Figura 13 -Igreja São Pedro e São Paulo.....	63
Figura 14 - Interior Igreja São Pedro e São Paulo.....	63
Figura 15 -Igreja São Pedro e São Paulo.....	64
Figura 16 -Interior da Igreja São Pedro e São Paulo	65
Figura 17 -Igreja São Nicolau	66
Figura 18 - Interior da Igreja São Nicolau	66
Figura 19 -Igreja São Miguel.....	67
Figura 20 -Interior da Igreja São Miguel.....	68
Figura 21 -Igreja São Miguel Arcanjo.....	69
Figura 22 - Interior da Igreja São Miguel.....	69
Figura 23 -Igreja Natividade de Nossa Senhora.....	70
Figura 24 -Interior da Igreja Natividade de Nossa Senhora	71
Figura 25 -Igreja São José.....	72
Figura 26 -Interior da Igreja São José	73
Figura 27 -Igreja a Nossa Senhora Imaculada Conceição.....	74
Figura 28 -Interior Igreja a Nossa Senhora Imaculada Conceição	74
Figura 29 -Igreja Cristo Rei	75
Figura 30 – Igreja Bom Jesus.....	76
Figura 31 -Igreja Nossa Senhora Aparecida.....	77
Figura 32 -Igreja Natividade de Nossa Senhora.....	78
Figura 33 - Igreja São João Batista	78
Figura 34 -Via Sacra com flexão no chão	80
Figura 35 -Benção de alimentos	81
Figura 36 - Celebração na Sexta-feira Santa-Páscoa.....	81
Figura 37 -Colégio Estadual Antônio Dorigon- Pitanga- PR	107
Figura 38 – Localização das moradias dos alunos	109

Figura 39 - Transformação da paisagem nos anos de 2003 e 2016.....	110
Figura 40 - Avenida Getúlio Vargas, 1960. Pitanga	113
Figura 41 - Avenida Getúlio Vargas	114
Figura 42 - Linha do Tempo de 1825 até 2001 das fronteiras políticas do Estado do Paraná.....	115
Figura 43 - Alunos no Parque da Ciência em Curitiba-PR	117
Figura 44 - Visita ao Memorial Ucrâniano- Curitiba-PR	118
Figura 45 - Visita a Igreja Ucrâniana de Pitanga.....	119
Figura 46 -Interior da Igreja Ucrâniana de Pitanga.....	120
Figura 47 - Marco Geodésico de Pitanga.....	121
Figura 48 - Alunos no Marco Geodésico de Pitanga.....	121
Figura 49 - Aluna no Marco Geodésico de Pitanga	122
Figura 50 - Vista panorâmica do Marco Geodésico.....	123
Figura 51 -Cartaz das atividades realizadas pelos alunos	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Nível de Escolaridades dos alunos.....	104
Gráfico 2 -Instituição de origem	105
Gráfico 3 -Avaliação dos alunos sobre as aulas de Geografia.....	106
Gráfico 4 -Conhecimento sobre a cultura ucraniana	107

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Desmembramento do Território de Pitanga-PR	44
Mapa 2 - Município de Pitanga 2016	45
Mapa 3 -Espacialização das Igrejas Ucríanas na Região Central do Paraná.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -Localização das Igrejas sob a administração da Paróquia Nossa Senhora da Glória.....	54
Quadro 2 -Conceitos e Concepções Norteadoras	93
Quadro 3 -Colégios Estaduais do Município de Pitanga.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I - ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA .	27
1.1 GEOGRAFIA: A CIÊNCIA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	27
1.2 A GEOGRAFIA CULTURAL NOS ESTUDOS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA.....	29
CAPÍTULO II - CONTEXTO DA CULTURA UCRANIANA NO ESTADO DO PARANÁ	35
2.1 IMIGRANTES UCRANIANOS NO ESTADO DO PARANÁ.....	35
2.2 FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE PITANGA- PR	38
2.3 MANIFESTAÇÕES DA CULTURA UCRANIANA EM PITANGA-PR.....	45
CAPÍTULO III - ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO E A SUA LEGITIMIDADE NA EDUCAÇÃO	87
3.1 GEOGRAFIA E A CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	87
3.2 O ESTUDO DO LUGAR E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO.....	90
3.3 DOCUMENTOS OFICIAIS QUE REGEM A EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ	92
3.4 PESQUISA NO ENSINO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	98
CAPÍTULO IV - PESQUISA NA ESCOLA	103
4.1 O CAMPO E OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	103
4.2 PROCESSOS DAS ATIVIDADES	108
4.3 A PRODUÇÃO ESCOLAR SOBRE A CULTURA UCRANIANA DE PITANGA.....	124
PRODUÇÃO ESCOLAR SOBRE A CULTURA UCRANIANA DE PITANGA	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143

REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	153
APÊNDICE B - ATIVIDADES.....	155

INTRODUÇÃO

Caminhar sobre novos horizontes, respeitando nossa história e experiências passadas, é assim que inicio a trajetória e exposição dos anseios e perspectivas deste texto dissertativo.

Ao iniciar o desafio de lançar na pós-graduação e buscar uma qualificação recorde-me dos anseios, incertezas e também desânimo a respeito do ensino da Geografia escolar. Por mais que as boas experiências com projetos nas escolas da rede estadual durante a graduação me inspiraram a sonhar com uma educação geográfica significativa, possibilitando uma contribuição na formação dos alunos, de forma transformadora, o desânimo (talvez seja mais um sentimento de incapacidade de formação) me acompanhou pelos primeiros meses durante as disciplinas da pós-graduação. Esse “desânimo” surgiu durante um período, quando lecionei na educação básica no final da graduação, e que, ao me deparar novamente com o tema sobre o ensino geográfico escolar, causou-me certa aflição e descrédito. Descrédito em relação à educação geográfica, à formação dos alunos em meio a uma realidade, cujo ambiente escolar me parecia desmotivador. A sensação era de que seria mais uma aula que eles se sentissem “obrigados” a assistir.

Porém, ao iniciar novas leituras, juntamente ao contato com os docentes atuantes na educação básica, os quais atuavam há um longo período e estavam buscando uma formação acadêmica, como a pós graduação, levou-me a perceber que a profissão docente não é construída na formação inicial, e durante as disciplinas da pós-graduação, pude repensar a minha formação e práticas exercidas no período que atuei em sala de aula, além de reconhecer os erros cometidos naquele contexto e não parar neles, mas sim compreendê-los. E assim, direcionar-me para caminhos melhores.

A busca por formações me permitiu descobrir que lecionar é um aprender constante, uma formação continuada, e que somos desafiados cotidianamente pela dinâmica da sala de aula a construir as próprias práticas para um ensino geográfico com qualidade. Este talvez seja o desafio que “atrai e encanta” os docentes, a possibilidade de ensinar e melhorar a cada dia a prática docente para o educando, permitindo um conhecimento geográfico como o instrumento para sua atuação social.

A respeito da temática desenvolvida nessa dissertação, também revela um desafio, pelo fato de ser nova. O interesse pelo tema é de longa data na minha vida, pois a tradição da cultura ucraniana faz parte

da minha relação familiar e da formação sociocultural construída ao longo da infância e adolescência na cidade de Pitanga/PR. Estudar a temática surgiu das inquietações na vida acadêmica. O conhecimento geográfico cultural me permitiu refletir que meu cotidiano poderia se tornar um objeto de estudo, quando ampliamos nossas observações para além dos limites políticos administrativos geográficos e percebemos que a formação do espaço acontece desigual e com diversas interações do homem no espaço. Percebemos que a organização e manifestação da cultura ucraniana no município dava uma característica única ao local, apresentado uma tradição passada de geração em geração. No entanto, pensando em um certo grupo étnico, este poderia ser objeto de estudo, quando pensei nas aulas de Geografia para a educação básica.

Diante desse contexto, essa dissertação embasa a temática de nossa pesquisa. O dissertar revela-se um momento de percepção sobre o nosso conhecimento, e constatamos muito pouco diante do que temos para aprender, mas de leitura em leitura compreendemos e construímos esse trabalho.

Durante o caminho dissertativo, compreendi que não caminhamos sozinhos e o processo educativo não acontece isolada e está voltado para a capacidade de aprendizado diante das adversidades. Muitas vezes são o caminho “das pedras” que foram nossa caminhada, mantendo-nos em pé e não deixando- nos afundar e desistir.

Desejo boa leitura a você caro leitor!

Lembro, que não desejo que essa dissertação seja a melhor que você já leu, mas aquela que te promova a reflexões e ideias para desenvolver outros trabalhos, iguais e até melhores que eu realizei sobre o ensino geográfico escolar e a diversidade de temática da realidade local.

Nessa poucas palavras a sinceridade prevalece, pois assim como a partir de muitas leituras e ideias dos textos que elaborei essa dissertação, desejo o mesmo para suas expectativas ao ler esse trabalho.

Escrever é uma arte, a qual busca pelas palavras expressar uma mistura de diversos fatores e elementos num diálogo sobre a construção de um conhecimento. Essa arte que apresento é sobre o ensino geográfico significativo e transformador para/com o aluno no ambiente escolar, articulado com a exploração da realidade local, visando um ensino contextualizado que possibilite aos alunos integrar a aprendizagem formal com percepção e atuação no cotidiano.

Constantemente, são realizadas discussões sobre o ensino da disciplina de Geografia no ambiente escolar e, atualmente, uma corrente que vem se destacando é a abordagem significativa na qual reconhece os

alunos como sujeitos da construção do conhecimento. Essa proposta visa desenvolver atividades que despertem a reflexão e questionamentos diante das realidades encontradas e, para essa abordagem, utiliza-se elementos presentes na escala local. A escala local é o ponto de partida para inserção do conhecimento, procurando, assim, desvendar e conhecer os processos que envolvem o meio em que o sujeito atua. Trabalhar a escala local não é isolar um ponto no espaço geográfico, mas, a partir dele, compreender todas as articulações ou não articulações que o sujeito-aluno faz parte.

Visando essa problemática, a pesquisa tem por objetivo geral, construir por meio da pesquisa ação um conhecimento a partir do viés geográfico de análise do contexto local da colonização e apropriação do espaço pela cultura ucraniana no município de Pitanga, localizado na região do Centro- Sul do Estado do Paraná, culminando em um material didático juntamente com os educandos. Para o desenvolvimento desse trabalho, tem-se os seguintes objetivos específicos: a) compreender a formação histórica sociocultural dos imigrantes ucranianos e as manifestações culturais na paisagem do Município de Pitanga-PR; b) discutir os documentos oficiais que orientam no planejamento dos docentes, enfatizando a temática cultural na disciplina de Geografia na educação básica; c) desenvolver o ensino aprendizagem por meio da realidade local da cultura ucraniana através de atividades didáticas e d) elaboração de um material didático pelos alunos como expressão e representação sobre a cultura ucraniana.

Sendo assim, essa pesquisa está pautada metodologicamente na pesquisa-ação, utilizando alguns autores como Thiollent (2002) e Elliot (2001), enfatizando uma interação constante entre pesquisador e pesquisados, visando autonomia e ações dos sujeitos. A pesquisa-ação exige uma prática reflexiva de ênfase social, e um processo que se modifica continuamente em reflexão e ação. Nesse método, diagnostica-se a potencialidade da cultura ucraniana no município como meio para o ensino geográfico.

A partir dessa constatação da pesquisa-ação, formulou-se estratégias de ação, através de encontros semanais com alunos de um colégio público, culminando no desenvolvimento de ações, tendo como atores principais os próprios alunos para a construção de um conhecimento geográfico contextualizado.

Corroborando com os autores Thiollent (2002) e Elliot (1997), a pesquisa foi desenvolvida primeiramente com um histórico sobre a colonização e a atual distribuição dos descendentes da cultura ucraniana

no Município de Pitanga, através de entrevistas, visitas de campo e participação de celebrações religiosas nas comunidades ucranianas, como método investigativo.

Já o trabalho diretamente no ambiente escolar com alunos do Colégio Antônio Dorigon, dentro da pesquisa-ação, desenvolvemos a proposta da pesquisa no ensino proposta por Demo (2001), na qual propõe atividades desenvolvidas pelos alunos para investigar um tema. Nessa proposta, realizou-se dez encontros semanais de duração de uma hora e meia, com atividades para fomentar as habilidades de cada aluno. Nesses encontros foram utilizados imagem de satélite do Google Earth, imagens antigas e atuais da paisagem local, músicas, textos e aulas de campo na Igreja Ucraniana de Pitanga e no Memorial Ucraniano em Curitiba.

Como Thiollet (2002) apresenta que a pesquisa-ação, ao ser finalizada, gera um material produzido pelos sujeitos pesquisados Nesse sentido, nosso trabalho foi finalizado com a elaboração coletiva de uma cartilha sobre a cultura ucraniana do Município.

Esse texto está estruturado em capítulos, no qual o Capítulo I, intitulado de “Abordagem Cultural na Geografia” realizamos uma discussão sobre a corrente teórica da Geografia Cultural como caminho para interpretação do espaço geográfico. No Capítulo II, “Contexto da Cultura Ucraniana no Estado do Paraná”, procuramos explorar o conceito de cultura com foco nos estudos geográficos. Para isso, realizamos uma abordagem histórica sobre o processo de colonização da imigração ucraniana no Estado do Paraná, com o intuito de apresentar o cenário objetivando o contexto da cultura ucraniana presente no município de Pitanga-PR. Já no Capítulo III, “Ensino de Geografia: Construção do saber geográfico e a sua legitimidade na educação”, realizamos uma discussão sobre papel da Geografia no ambiente escolar, destacando o estudo do local para construção e complementação do conhecimento para os alunos. Para isso, se fez necessária análise dos documentos oficiais que regem a educação básica do Estado do Paraná. E por último, uma abordagem sobre a pesquisa no ensino como possibilidade para aprendizagem na educação. Finalizamos com o capítulo IV, intitulado de “Pesquisa Na Escola”, apresentando os métodos, procedimentos e instrumentos na realização da pesquisa com os alunos na escola. Também apresentamos todo o processo de desenvolvimento das atividades e os resultados culminados em um material didático com elaborações e produções dos alunos sobre a cultura ucraniana.

Diante disso, a Geografia tem finalidade de promover e abrir para discussões sobre a formação social do espaço, percebendo que esse espaço no qual vivemos, apresenta diversos agentes sociais, e perceber que ao identificá-los no espaço, não significa negar os outros, mas destacar e utilizar como elementos para construir um conhecimento geográfico.

Conhecer o espaço geográfico através das lentes culturais é a possibilidade de desvendar os sujeitos sociais que atuam na construção do espaço nas suas mais diversas expressões, transportado para a materialidade. A cultura ucraniana está presente no Município de Pitanga e faz parte da minha histórica, ora atuante, ora adormecida. Muitas vezes essa cultura está presente sem mesmo compreender o sentido, mas ao migrar para outro lugar e deixando de ser constante, percebi a necessidade de afirmar uma cultura a cada encontro com outra cultura, no sentido de acionar minha identidade para não perder as origens em meio ao mundo repleto de tantas outras culturas.

Diante desse contexto, expresso dois vieses: no primeiro momento, a necessidade de não deixar acabar uma cultura com detalhes riquíssimos e que expressa um sentido único, traduzido de significado pertencentes da minha essência. E o segundo, como o conhecimento sobre a cultura adquirida ao longo da formação acadêmica, permitiu a observação além da cultura ucraniana, a existência das outras culturas, despertando assim uma admiração e respeito, buscando compreender essa diversidade cultural existente.

Nesse sentido, ao perceber o contexto da existência da cultura ucraniana, há outras culturas ricas no seu contexto e na sua essência para aqueles que praticam. É esse respeito das culturas na sociedade que nos fazem pessoas melhores e capazes de viver em sociedade.

Compreender que o espaço geográfico não é feito apenas de elementos físicos como vegetação, solo, relevo, considerando o social como integrante e atuante, muitas vezes, conflitantes e outras, pacíficas, nos faz verdadeiros geógrafos.

Desejo boa leitura nessa dissertação, e que possa inspirar tanto o professor a buscar práticas criativas e prazerosas para ensinar seus alunos, quanto a todos terem um novo observar sobre o espaço de vivência, identificando a beleza produzida pela sociedade, compreendo, também, o jogo de interesses e conflitos existentes entre os sujeitos que ao longo da história constroem o espaço geográfico.

CAPÍTULO I - ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA

Neste capítulo, destacamos a abordagem cultural para a ciência geográfica, ressaltando a sua construção ao longo do processo histórico, evidenciando nesse contexto, quais os potenciais geográficos da cultura como leitura do espaço.

1.1 GEOGRAFIA: A CIÊNCIA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Ao abordar a corrente teórica Geografia Cultural, a qual emerge a partir dos anos 70 e, neste momento, embasa nossa dissertação, devemos repensar sobre a epistemologia da ciência geográfica, por meio das principais correntes que permearam e que promoveram movimentos de renovação, reafirmando como uma ciência.

O conhecimento geográfico é bastante antigo, sua origem remota a Antiguidade Clássica, porém encontrou-se disperso entre os conhecimentos sem uma padronização e sistematização, permanecendo inalterado até o final do século XVIII. Designava como Geografia relatos de viagem, escritos literários, agrupamentos de conhecimentos sobre fenômenos naturais ou dados estatísticos administrativos, entre outros. De acordo com Moraes (1983), a sistematização do conhecimento geográfico ocorre no início do século XIX, com o conhecimento efetivo sobre a extensão real do Planeta Terra, por meio das grandes navegações sob a superfície terrestre, permitindo, assim, um panorama para cartografar informações sobre os lugares.

A Geografia é uma ciência moderna, intitulada no final do século XIX, rotulada, como Geografia Tradicional, cujos pioneiros foram Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter, os quais adotaram o método positivista voltado para as descrições dos elementos no espaço geográfico. E a partir de 1970, emerge um movimento de renovação visando novas metodologias e nova linguagem para estudar o objeto dessa ciência: o espaço. Essa renovação irá se fazer necessária, devido às mudanças na sociedade moderna, que, segundo Moraes (2007), enumera três razões para novos caminhos e métodos para os estudos na ciência geográfica: a primeira razão acontece pelas alterações da base social, principalmente as relações e modos de produção capitalista promovidos pelos avanços tecnológicos, que permitiram maior circulação de produção e uma nova organização do espaço; uma

segunda razão está no avanço do sistema capitalista por todas as escalas geográficas, com ações complexas externas, em que o espaço terrestre se globaliza com fluxos das relações econômicas, culminando, assim, para novas bases filosóficas, as quais embasam o objeto de estudo da ciência geográfica.

Diante desse cenário, emerge no início do século XX, o movimento de renovação na ciência geográfica sob duas vertentes: Pragmática e Crítica. (MORAES, 2007). Na vertente Pragmática, encontra-se a visão de uma Geografia prática, voltada para questões da sociedade atual e não para o passado. Para isso, busca-se a aplicação com novas tecnologias, principalmente com análise estatística e característica de Geografia dos Sistemas, destacando que os elementos dos espaços funcionavam interligados, cabendo ao pesquisador coletar os dados e inter-relacioná-los.

A Geografia Crítica surge diante da problematização das questões sociais presentes no espaço, principalmente as classes burguesas, que até então não haviam rompido nas correntes anteriores. E neste movimento de renovação no Brasil que Milton Santos argumenta que a Geografia tem como foco o espaço geográfico como um produto social, ou seja, resultado da produção humana ao longo do processo histórico (SANTOS, 1986). Sob essa visão, o autor descreve que o espaço pode ser um fato, um fator social e uma instância social, destacando, assim, que este não é um produto acabado e inerente às práticas sociais. O espaço assume condição de “fato social” pelo motivo de denunciar os acontecimentos sociais, as práticas reais da sociedade. Já como “fator social”, acontece pela interferência na organização da vida social que se faz presente e como uma “instância”, pela razão de ser uma estrutura fixa.

Ainda sobre o espaço geográfico, Santos (1986, p. 122) apresenta o estudo através de funções e formas, como meios de compreender as interações sociais que o moldam.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos olhos e que se

manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 1986, p. 122).

Portanto, a corrente teórica que predomina na Geografia, de meados do século XX até os dias atuais, são estudos destacando o papel social na formação do objeto dessa ciência, não sendo um elemento secundário ou inativo, mas atuante e de interferência na compreensão e leitura dos espaços.

Quando estudamos a epistemologia da ciência geográfica, devemos ter clareza que as correntes teóricas que embasaram e marcaram o processo histórico, não ocorrem de modo linear, ou seja, não existe somente uma corrente de atuação que orientam os estudos geográficos. Mas uma corrente predomina sobre as outras, como na atualidade, uma corrente sobressalente que seja capaz de responder os anseios e explicar o objeto da Geografia é Crítica. Outro item a ser considerado é a dispersão espacial dos geógrafos, os quais estudam que a partir de suas observações, apresentando contribuições relevantes para essa ciência. Porém, entendem que uma sistematização é necessária para compreender as linhas que predominaram em certos momentos históricos sobre o objeto da Geografia.

Daremos um direcionamento para as correntes teóricas, na perspectiva da dimensão cultural como um viés de análise apresentada por Congrove (2003), Claval (2002), Rosendahl (2012), Corrêa (2012), entre outros, compreendendo que a Geografia estuda o espaço geográfico e considera o homem, como um dos agentes modeladores na formação, logo, produz práticas culturais visíveis na paisagem. Para Corrêa (2012), a dimensão cultural revela um viés para interpretação e estudos geográficos, mas ao longo da história foi dotada de intencionalidade e objetivos diferenciados, como descrevemos a seguir, para a compreensão de seus enfoques e princípios.

1.2 A GEOGRAFIA CULTURAL NOS ESTUDOS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Nesse item apresentam-se algumas contribuições teóricas sobre as temáticas culturais nos estudos geográficos, enfatizando que cada uma foi importante no seu devido tempo e possibilitaram melhores estudos e compreensão do espaço pelo viés cultural.

De acordo com Claval (2000), o termo “Geografia Cultural” surge com Frederich Ratzel, na Alemanha, em 1860. Após defender a tese sobre as migrações chinesas na Califórnia, é nomeado professor em Munique - Alemanha, absorvendo estudos de Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter. Nessa formação, Ratzel apresenta sua importante obra, a *Antropogeografia*, abordando a inter-relação da ação humana com ambiente e a mobilidade social sobre a superfície terrestre. Em 1880, dedica-se aos estudos de diferenciação regional da Terra, atribuindo aos fatos culturais, vínculos aos meios de aproveitamento do ambiente e, também, formas de facilitar os deslocamentos - como base investigativa do meio através dos objetos materiais artefatos, utilizados pelos homens para modificar e promover transformações espaciais.

Segundo Sauer (2014, p. 20), Ratzel apresenta estudos para uma Geografia Humana, na qual enfoca “um conjunto de categorias do meio físico, ordenadas a partir de conceitos abstratos da posição e espaço, até os climas e litoral- e sua influência sobre o homem” Sendo reinterpretada pelos geógrafos como determinista – o ambiente determina a ação do homem- mas os antropólogos utilizaram esse estudo para “difusão da cultura”.

Em 1907, o alemão Otto Schüter apresenta contribuições sobre a paisagem como objeto da geografia humana, argumentando que os grupos humanos modelam os espaços que vivem com reflexo nas paisagens, e cabe à ciência geográfica estudar as marcas que o homem as impõe.

Esses dois autores, Ratzel e Schüter, contribuem para que os estudos geográficos valorizem a ação humana, não apenas como um elemento no espaço, mas como interferência de modificações nas paisagens naturais, transformando-as em paisagens culturais.

A Geografia Cultural ganha destaque com novos estudos a partir da escola norte americana de Berkeley com Carl Ortin Sauer, após trinta anos dos estudos culturais alemães, ressurgindo com estudos geográficos para além de “ver” a cultura como conjunto de instrumentos e artefatos da ação do homem agir sobre o mundo, mas que existe um conhecimento desenvolvido para agir e operar no ambiente, e deve ser considerado nos estudos culturais.

Os estudos culturais de Sauer apresentam uma dialética entre paisagem cultural e natural, na qual as paisagens culturais são o resultado da ação humana sobre as paisagens naturais (CONGROVE, 2014). Nesse sentido, a paisagem é a palavra-chave neste momento dos estudos geográficos.

Segundo Ducan (2014, p. 64), Sauer adota a visão de Alfred Kroeber e Robert Lowie, da cultura supraorgânica, ou seja, a cultura como uma “[...] entidade acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e misteriosamente responde as leis próprias”, reafirmando que a cultura determina a ação do homem. E o que determina a cultura é ela própria, independente dos homens. Essa visão surge na Antropologia e na Psicologia, a qual Sauer utiliza para os estudos culturais na Geografia.

Para Sauer (2014), a abordagem cultural é baseada na observação e na representação cartográfica. Sendo assim, a ciência geográfica tem parcela de estudos pelo fato de a sociedade atuar como último agente que modifica a superfície da terra. E sob essa perspectiva, o interesse da Geografia Cultural é pelas construções materiais como resultados de uma intencionalidade da sociedade que a construiu, imprimindo expressões característica no espaço.

A área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano da terra, o conjunto cultural que registra a medida integral do uso humano da superfície ou, seguindo Schlüter, as marcas visíveis, realmente extensivas e expressivas da presença do homem. O geógrafo mapeia a distribuição dessas marcas, agrupa-as em associações genéticas, descreve-as desde a origem e sintetiza-as em sistemas comparativos de áreas culturais. (SAUER, 2014, p. 23).

Outro ponto que Sauer (2014) destaca nos estudos da Geografia Cultural é uma valorização histórica, a qual busca o passado para explicar o presente.

Os estudos culturais têm novas análise com a escola francesa, com Vidal de La Blache no final do século XIX, com o conceito de “Gênero de Vida”, apresentando como um conjunto de técnicas e hábitos como meio de explicar os grupos humanos espacialmente nos estudos da Geografia Humana. Para La Blache, as paisagens são reflexos de uma organização social, que através de comportamentos, hábitos e ações humanas, resultam em complexas paisagens transformadas sob a superfície terrestre (CLAVAL, 2014). Segundo Claval (2014), por mais que La Blache não tenha expressado sobre cultura, pois sua intenção é o estudo dos lugares, a cultura se fez

presente por meio da técnica e da força do hábito desenvolvido pelos grupos humanos no espaço vivido, conferindo um papel central da cultura nos estudos geográficos para diferenciação regional. Vale ressaltar que esses hábitos eram estudados a partir da materialidade, sendo que somente após meados do século XX, os estudos da dimensão comportamental foram consideradas, quando novos métodos ultrapassaram a visão naturalista e positivista na ciência geográfica.

Percebemos nestes estudos que a abordagem cultural é baseada no materialismo das ações humanas presentes na paisagem, fato este que tem um nova abordagem no início do século XX, com o movimento de renovação na Geografia e que respinga na área cultural.

A crise é abordada por Claval (2000, p 56), pelo progresso técnico e uma uniformização do mundo por meio do acesso aos produtos e industrializações das regiões, e “a geografia cultural entra em declínio, porque desaparece a pertinência dos fatos culturais para explicar a diversidade das distribuições humanas”. Meados do século XX, as sociedades estudadas a partir do gênero de vida não são mais explicativas. Em 1970, a sociedade apresenta um consumo cultural de massa no cenário mundial e geopolítico, despertando interesses para a Geografia Cultural, ressurgindo, assim, novas possibilidades de estudo.

A Nova Geografia Cultural - *New Cultural Geography* – foi delineada nos anos 1980 com tendências de integrar os significados nos objetos geográficos, principalmente por compreender a paisagem como “textos”, interpretando as relações que os grupos sociais constroem. Revelaram um modo de organização, ao ressaltar as experiências humanas pelo viés simbólico da sociedade com o lugar.

Insistindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido, sobre o peso das representações religiosas, torna indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais. É necessário conhecer a lógica profunda das ideias, das ideologias e das religiões para perceber como elas modelam a experiências que as pessoas têm do mundo e como influem sobre a sua ação. (CLAVAL, 2000, p. 61).

Nessa perspectiva, como destaca Claval (2000), os novos estudos da Geografia Cultural, a partir de 1980, serão trilhados valorizando os lugares e as representações e percepções dos espaços e do ambiente atribuído pela sociedade que nela habita. Nestes estudos, destacam

autores como Denis Cosgrove na Inglaterra, James Duncan nos Estados Unidos da América, Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl no Brasil.

Para Cosgrove (2003), o termo cultural é incapaz de definição clara como um conceito objetivo, mensurável e compreensível apenas por meio da prática. Por isso a concepção da Geografia Humanista com objetivo de compreender o mundo vivido dos grupos humanos, mergulhando na subjetividade, será um dos caminhos para essa nova abordagem nos estudos da Geografia Cultural.

Ao estudar o espaço, a Geografia Humanista tem como foco principal o conceito de lugar, por revelar uma dimensão prática das existências do cidadão, como espaço vivido e sentido. A escolha dessa dimensão se dá por compreender uma maior complexidade de relações, do que uma escolha de uma área por critérios político-administrativos. Logo, o lugar é aqui compreendido como:

[...] uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN apud HOLZER, 1999, p. 70).

Essa compreensão é adotada a partir da Nova Geografia com um viés de análise de grupos sociais, em que estes produzem, transformam e redefinem a cultura, onde se enfatiza os significados descritos como um contexto (reflexo, meio e condição) como Corrêa (2010, p. 16) apresenta que a “ação humana produzindo paisagem, lugares, regiões e territórios, considerando-os como respostas às condições de existência e reprodução social, os quais estão impregnados de valores crenças, mitos e utopias socialmente criados e recriados”. Nesse sentido a compreendermos o significado das práticas aos indivíduos, já que esta traz um complemento da abordagem imaterial, ou seja, os significados, nas ações que não estão materializadas nos objetos fixos.

E nesse sentido a cultura no espaço segundo Hauresco (2012), são práticas em um contraste com o tradicional, sem querer dizer ultrapassado, mas moderniza-se preservando as práticas num contexto, com novas tecnologias, e o sistema de organização da tradição junto com as técnicas utilizadas, modernizam com o decorrer do processo

histórico. Nesse exemplo, percebemos a interferência dos tempos modernos nas práticas tradicionais, referindo-se que o tradicional “não é o culto ao passado, ou a nostalgia de um tempo que não existe mais” (HAURESCO, 2012), mas preservação de elementos essenciais que vão se adaptando às novas técnicas para sua sobrevivência nos tempos atuais.

Ao compreender as manifestações no espaço geográfico como identidade e marcar de uma cultura por uma sociedade analisaremos a seguir a cultura ucraniana que se estabeleceu no Município de Pitanga, como podemos perceber pelo processo histórico de colonização dos imigrantes e as atuais práticas mantidas e remodeladas pelos seus praticantes até os dias atuais, mesmo mais de cem anos de imigração.

CAPÍTULO II - CONTEXTO DA CULTURA UCRANIANA NO ESTADO DO PARANÁ

Neste capítulo, trabalhamos o processo histórico de migração e colonização dos imigrantes ucranianos no Brasil, destacando os fatores migratórios e a fixação em terras paranaense. Esse contexto histórico se fez necessário, pois há o entrelaçamento dos ucranianos à formação do Município de Pitanga-PR, sendo estes escolhidos para fixarem residência e manter suas tradições perpetuando até os dias atuais. E neste capítulo, abordaremos as manifestações culturais da cultura ucraniana no município, através de símbolos, igrejas e práticas mantidas pelos descendentes atualmente.

2.1 IMIGRANTES UCRANIANOS NO ESTADO DO PARANÁ

Segundo Boruszenko (1969), a Ucrânia surge como nação definida no século IX, mas seu território é tomado por conflitos que perpassam ao longo dos séculos. Destaca-se, portanto, os conflitos no século XVI com a nação Polonesa, e posteriormente com a nação Russa, em que ambas nações exerceram poder até o século XIX. É sob esse contexto que a imigração ucraniana esteve diretamente ligada, pois a população buscava fugir e fixar-se num território para desenvolver suas atividades e sobreviverem, sem conflitos.

De acordo com Boruszenko (1969), o maior contingente ucraniano se encontra nos países da URSS, que ao longo dos últimos anos, vários países tornaram independentes, extinguindo a denominação URSS. Mas a população descendente de ucranianos continuou nesta região, podendo ser encontrados em quase todos os países do Ocidente, como os Estados Unidos da América, Canadá, Brasil, Argentina e outros países americanos. São calculados no Ocidente “[...] em mais de 2 milhões, e destes, cêrca de 150 mil vivem no Brasil, sendo cerca de 120 mil no Paraná” (BORUSZENKO, 1969, p. 6). O principal destino foi a região do Paraná, por volta de 1895, vindos da Galícia. Porém se tem informações da vinda desses imigrantes em 1876 e 1891, no entanto isso não comprova, devido à ausência de documentos oficiais que registram essa migração nos portos brasileiros.

A imigração ucraniana no Paraná pode ser organizada, segundo Boruszenko (1969), em três etapas: primeira no final do século XIX, por volta de 1890, de origem da Galícia e Bukovina, pelo fato de más condições socioeconômicas, sendo um dos motivos de expulsão da

população do território. Assim, os imigrantes que chegam ao Porto de Paranaguá se fixam aos arredores de Curitiba. Em torno de 5 mil são caracterizados como agricultores. A segunda etapa inicia antes da Primeira Guerra Mundial (1908-1914), em que se tem maior registro de ucranianos imigrando para o Ocidente, em torno de 45 mil. Nota-se no Estado do Paraná que a quantidade é superior à fase anterior, com 18.500 imigrantes, que imigraram por motivações de oportunidades de trabalho. A terceira etapa é após a Segunda Guerra Mundial (1947-1951), em que chegam ao porto em torno de 7 mil imigrantes com diferentes profissões. Conforme assevera Boruszenko (1969, p.8), “após 70 anos de imigração, registra-se, pois, a vinda para o Paraná de 60 mil pessoas” descendentes de imigrantes.

Segundo Guérios (2012), o incentivo para imigração está vinculado a fatos históricos: primeiro pela consequência da divisão do Tratado de Tordesilhas, em queo oeste de Paranaguá pertencia aos espanhóis mesmo com a posse dos portugueses pelo Tratado de Madrid, em função da expansão dos bandeirantes e conflitos. Tomando posse sobre as reduções, em 1650, o atual território do Paraná era pouco habitado. E um segundo fato é a emancipação da província, pois até 1853 manteve sob submissão da Província de São Paulo. Após uma série de discussões e articulação de interesse, em 10 de dezembro de 1853, a província do Paraná obtém sua emancipação com o pretexto de consolidação do território brasileiro e uma melhor administração, evitando perda para os países vizinhos. Esse cenário permanece, mesmo após 40 anos dessa emancipação. Com isso, o território encontrava-se pouco ocupado. Passa-se à abertura para imigração para ocupar as áreas de mata fechada, pois as áreas de campo já tinham sido ocupadas pelos tropeiros e também pelo fato da aprovação da lei de proibição de tráfico de escravos no Brasil.

A abertura para imigração tem o interesse numa propaganda de cultivo de terras que até então não se tinha, tendo em vista que tudo se importava, todos os alimentos. Como ressalta Guérios (2012, p. 97), “assim esperava-se que os novos colonos que viessem ao Paraná fossem lavradores, e que permanecessem envolvidos com o trabalho agrícola”, mesmo quando se estabelecem aos arredores dos centros urbanos por questões de infra-estrutura, no período entre 1870 até 1889. Após o ano de 1889, o cenário político brasileiro é modificado para República, e, com isso, voltaram a investir em projetos para colonizar as áreas desocupadas no interior.

De acordo com Guérios (2012, p. 101), os primeiros rutenos¹ chegam ao Estado e encontram este cenário:

Assim, quando os primeiros contingentes significativos de imigrantes rutenos vieram ao Paraná, no início da década de 1890, o modelo de formação das colônias nos arredores já povoadas do Estado havia se esgotado. Os núcleos existentes não sofriam mais com a carência de alimentos, e ao mesmo tempo as áreas de floresta continuavam desocupadas: de fato, em 1890, o Estado do Paraná contava ainda com 83,41 % de sua cobertura vegetal original (MAACK. 1969 p. 192), composta na maior parte do território por uma densa floresta de araucária. [...]

Nesse contexto, compreendemos que o cenário encontrado pelos primeiros imigrantes no atual Estado é marcado por abertura de mata fechada, cujo caminho a ser explorado é pelos rios.

Sendo assim, essas regiões, que foram apropriadas pelos colonos ucranianos, eram terras devolutas, onde o governo brasileiro redistribuiu pela Lei de Terras de 1850, em que os pequenos proprietários utilizaram as extensões de florestas para sua exploração.

Esse processo de colonização visava a ocupar essas terras, e sob a concepção dos estados, havia vazios populacionais, ou seja, “o vazio compreende a ausência de brancos colonizadores” (AMADO, 1995, p. 3), desconsiderando a população indígena do local. Segundo Mota (1992), o atual Estado do Paraná contava com um grande número da população indígena, e no processo de “ocupação” desses “vazios demográficos” são expulsados de suas terras para dar lugar para o colonos.

Infelizmente não vamos explorar essa questão mais afundo, por falta de tempo mas não podemos deixar passar em branco esse conflito existente entre os povos desapropriados do território, os indígenas pelos colonos ucranianos.

¹ Rutenos- Grupo étnico de origem eslava que se localizava na atual Ucrânia antes da Independência.

Atualmente, restaram apenas poucos dessa população indígena que vivem nas aldeias aos arredores da rodovia, no Município de Manoel Ribas.

Os primeiros imigrantes ucranianos ao chegarem na região do Paraná, no ano de 1847, em Paranaguá, se deslocaram para a colônia Tereza Cristina, no atual Município de Cândido de Abreu, pelo fato de serem terras doadas por D. Pedro I aos colonos.

Em seguida, muitos imigrantes se expandem pelo território, realizando um processo de redistribuições pelo Estado do Paraná, assim como afirma Boruszenko (1969, p. 8)

Concentraram-se em colônias, que vão desde os atuais municípios de União da Vitória a Palmas - pelos de Cruz Machado, Paulo Frontin, Mallet, Rio Azul, Irati, até Prudentópolis, Ponta Grossa, Ipiranga, Guarapuava e Reserva; estabeleceram-se também em Antônio Olinto (hoje município do mesmo nome), e nas colônias de Marcelina e Guajuvira nas proximidades de Curitiba, bem como em Wenceslau Brás, no Norte velho. Mais tarde, acompanhando o desbravamento e o movimento geral para o Norte e Oeste, os imigrantes ucranianos estenderam-se pelos municípios de Pitanga, Pato Branco, Apucarana, Borrazópolis, Maringá, Campo Mourão, e outros.

Ao chegarem na região, desenvolveram atividades pioneiras de funções agrícolas, como, por exemplo, no município de Nova Tebas-PR (LUIZ; HARACENKO, 2010), e em outras atividades, conforme Boruszenko (1969, p. 10) afirma que “uma parcela dos imigrantes ucranianos dedicou-se a setores de atividades nas indústrias como empresários ou operários, sobretudo na fábrica de móveis. Estes são mecânicos e técnicos especializados ou, ainda, dedicaram-se às profissões liberais²”. Nesse contexto, é significativo e visível as contribuições dos imigrantes ucranianos na formação e construção do desenvolvimento dos municípios do Estado do Paraná, como no caso do nosso estudo no município de Pitanga-PR.

2.2 FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE PITANGA-

² Compreende-se como profissões liberais, atividades artísticas como a poetisa Helena Kolody, a qual expressa em seu trabalho a cultura ucraniana; advogados, farmacêuticos, arquitetos entre outros.

PR

A formação do Município de Pitanga, de acordo com Ferreira (2006), inicia-se com um povoamento dos irmãos franceses Caillot e Henrard, que se estabeleceram num lugar denominado Boa Ventura, na Serra Pitanga, por volta de 1847. Em seguida, Elias do Nascimento e Manuel Martiniano de Freitas fixaram-se na localidade denominada Tigre. A partir de julho de 1897, chegaram as famílias de Antônio Leonel Ferreira, João Luiz Pereira e José Martins Oliveira conhecido como José Batista, demarcando morada na Serra Pitanga às margens de um rio. Posteriormente, essa localidade foi denominada Rio Batista, como forma de homenagear José Martins Oliveira.

Pitanga é elevada à categoria de Distrito Policial, subordinada à Delegacia Regional de Guarapuava no ano de 1916. Já em 1945, é elevada à Distrito Judiciário, época da instalação das primeiras repartições públicas do lugar. Em dezembro de 1943, por meio do Decreto-Lei nº 199, Pitanga é elevada à categoria de município, com desmembramento de Guarapuava, a qual, segundo Cleve (2010, p. 27) “compreendida a vasta região situada entre os rios Piquiri, Bonito e Ivaí, até a sua criação, fazia parte do extenso município de Guarapuava, que chegou a possuir uma área de aproximadamente 175.000 Km² ou cerca de dois terços da superfície do Paraná, integrando a antiga província teocrática espanhola de El Guayra [...]”. Ainda segundo Cleve (2010), essa região era de imensa floresta, como descreve a seguir:

Na direção Norte não havia campos limpo, salvo notícia de que os existia em pequena quantidade na região de Campo Mourão. Fora disso, o que havia mesmo era a imensa e imponente floresta [...] que formavam o grande sertão da Serra Pitanga, nas confluências dos rios Piquiri, Ivaí e Bonito, até então inexplorado pelo homem branco. É bom que se diga, porém que entre os séculos XVI e XVII houvera, nas cercanias do rio Paraná, confluências com os rios Piquiri e Ivaí por algum tempo, a exploração predatória de madeira e ervamate por argentinos e paraguaios, e a penetração de missões jesuítas espanholas [...]. (CLEVE, 2010, p. 43).

Essa região era de povoamento desigual e esparsa no espaço, como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 1 - Distribuição da População No Estado do Paraná em 1940



Fonte: Bernardes (1950).

Nesse contexto, o território de Pitanga apresentava grande extensão, sem uma clara delimitação política-administrativa em documento oficial.

Mota (2009) apresenta o interior do Paraná Noroeste, Oeste e Sudoeste do Paraná até a década de 1940, demonstrando “vazios demográficos”. O chamado “vazios demográficos” é considerado pela ausência de povoados contínuos e com um número expressivo de contingente populacional, sendo que nesta região havia povos indígenas, principalmente os Kaingang, que não tinham residência fixa num ponto no território, migrando sazonalmente por regiões outras do estado. Isto resultou numa desconsideração na história oficial na colonização do Estado, ou seja, “nenhum mapa acusa a presença indígena, as colônias indígenas que já existiam desde meados do século XIX, e muito menos os toldos indígenas que se espalhavam por toda a região nos vales dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri” (MOTA, 2009, p. 34).

O motivo de excluir essas lacunas de povoamento na região Central e Oeste do Estado levou na adoção de políticas para atração de

população, dentre elas, estimular a migração de europeus para colonizarem essas regiões.

O processo de apropriação do território paranaense pelas colonizações ucranianas revela-se nada pacificamente, pois forma terras doadas pelo governo do Estado onde havia uma população residente.

Esse processo de conflito pode ser constatado quando acontece o processo de apropriação pelos ucranianos através da identidade, na qual eles devem se firmar com tal cultura para dominar esse espaço, por isso se fez a necessidade de uma legitimação de identidades.

Hoje, talvez essa autoafirmação não se faz necessária pois os ucranianos diluíram-se na sociedade local, porém mantem-se algumas práticas como maneira preservar um memória.

Na Serra Pitanga, a colonização é iniciada por volta da metade do século XIX, com povoados esparsos e desorganizados, por vários colonos oriundos de outras regiões do Estado, os quais abriram caminhos em meio à floresta, e, assim estabeleceram suas residências.

No ano de 1914 começaram a chegar a Pitanga os primeiros colonos, que eram procedentes das localidades do Rio dos Patos, Ivaí e Prudentópolis, na maioria de origem alemã, ucraniana, polonesa e italiana. Os primeiros a chegar foram [...] estabeleceram-se no lugar Rio do Meio dos Alemães, caminho de Guarapuava a Pitanga. Suas mudanças foram trazidas em carroções puxados por duas ou mais parselhas de cavalos ou burros, seguindo obstáculos e dificuldades de toda ordem, vencidos esses intrépidos povoadores. Mais tarde, em 1918 chegou outra leva de colonos [...] (CLEVE, 2010, p. 63).

Nesta descrição, percebemos o processo migratório. Vaz (2004, p. 80) relata a história de uma moradora imigrante na sua chegada à região de Pitanga em 1916: “Pitanga tinha só umas 30 casas na rua grande”, iniciando a formação do município e aumento a população dessa região.

Os imigrantes ucranianos chegam a essa região devido à promessa de terras para desenvolver suas atividades e estabelecerem as suas moradias, pois a região era pouco povoada.

Os primeiros imigrantes ucranianos, ao chegarem na região que hoje é o município, depararam-se com as condições de mata fechada, e

iniciaram então as construções das primeiras casas em estilos e com referências as suas experiências de origem.

De acordo com a Senhora Olga Chulek, os seus pais vieram da Ucrânia para Prudentópolis, mas devido ao número elevado de descendentes, desbravaram novas terras na Serra Pitanga.

“Primeiro a gente morava em Prudentópolis, mas tinha muita gente lá, daí meus pais decidiram vir pra região de Pitanga, pois tinha mais terra para plantar. [...] Minha mãe nasceu na Ucrânia, e por causa da guerra fugiram para Austrália e daí que pegaram o navio e vieram para o Brasil. Na viagem um irmão da mãe morreu e não tinha o que fazer, jogaram no mar. [...]”. Olga Chulek³

A paisagem, onde hoje é o município, tinha casas esparsas e as ruas eram de chão batido, com uma vegetação ao fundo da Mata de Araucária, como podemos observar nas imagens do ano de 1925 a seguir.

Figura 2 - Pitanga em 1925, Rua Interventor Manoel Ribas



Fonte: *Skyscrapercity*, 2015

No ano de 1933, uma imigrante ucraniana descreve a paisagem quando chega à região, deslocando de Prudentópolis:

³ Entrevista concedida a Josiane Manchur, no dia 12 de janeiro de 2016.

JPC- Na época em que vocês chegaram, 1933 como era Pitanga?

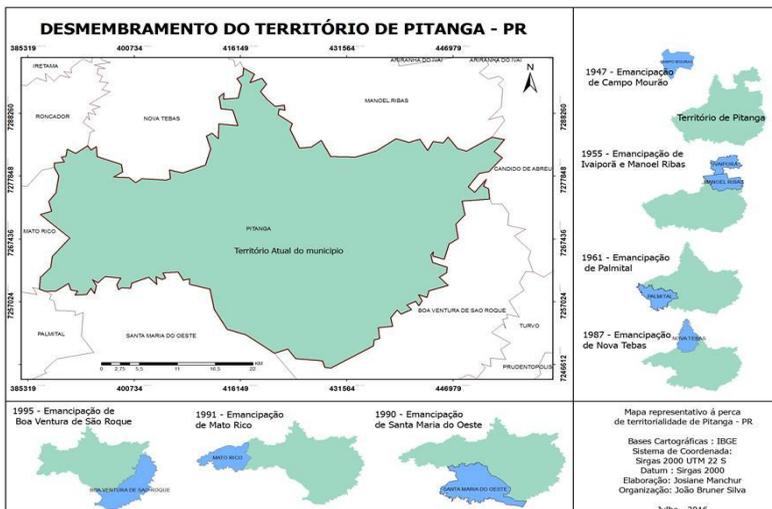
Theodora Romanichem: Era tudo mato e carreiro; nem estrada tinha direito. Tinham vários paiois que o povo ia chegando ia fazendo no meio do mato.

JPC- Quais são as maiores dificuldades de sua família quando chegaram a Pitanga?

Theodora Romanichem: Não tinha de quem comprar e não tinha para quem vender, então o que se plantava a gente colhia para o gasto. Criação a gente criava para poder comer, conseguimos compra alguns porcos. Tudo era mato perto de ondem morávamos, poucos vizinhos, gente desconhecida, porque quem nós conhecíamos moravam todos longe, porque era só mato, não tinha nada por perto, tudo era longe, era muito difícil naquele tempo [...] (*Jornal Paraná Centro*, 2007 s/p)

Elevado à categoria de município com a denominação de Pitanga, no decreto-lei estadual n.º 199, de 30-12-1943, desmembrado do Município de Guarapuava, após treze anos começa um processo de desmembramento passando por processo de perda de território político-administrativa até o ano de 1995, com Boa Ventura de São Roque sendo o último município desvinculado da administração de Pitanga como podemos observar no mapa a seguir.

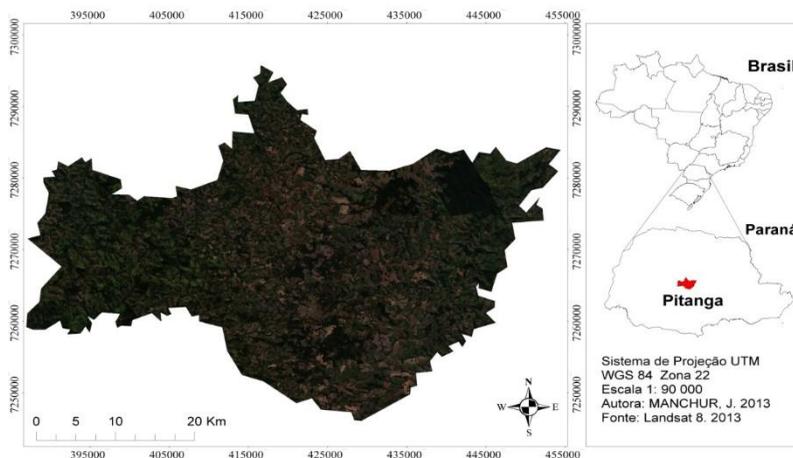
Mapa 1 - Desmembramento do Território de Pitanga-PR



Fonte: elaborado pela autora.

Neste processo de desmembramento, a taxa de população pitanguense esteve em declínio, em 1943 com mais de 50 mil habitantes, chegando em 2007 um total de 32 mil habitantes, mantendo essa média até os dias atuais, como relata o senso de 2010 (IBGE, 2010). Atualmente, Pitanga está localizado na região do Centro-Sul, no Terceiro Planalto Paranaense, na latitude $24^{\circ} 45' 26''$ S e longitude $51^{\circ} 45' 41''$ W, compreendendo uma área territorial de 1.665.901 km² (ITCG 2012), como podemos observar no mapa 2.

Mapa 2 - Município de Pitanga 2016



Fonte: elaborado pela autora.

Faz-se necessário compreender esse processo de desmembramento, pelo fato da colonização ucraniana ter chegado a essa região e construído suas residências. Com o desmembramento de novos municípios esses imigrantes se encontram não somente no município de Pitanga, mas nestes municípios também.

2.3 MANIFESTAÇÕES DA CULTURA UCRANIANA EM PITANGA-PR

Após a chegada desses imigrantes, foram redistribuindo-se às terras não desbravadas, as regiões próximas ao Rio Ivaí, como o Município de Cândido de Abreu, Ariranha do Ivaí, Ivaiporã, Manoel Ribas, Boa Ventura de São Roque, Santa Maria do Oeste, Palmital e Pitanga.

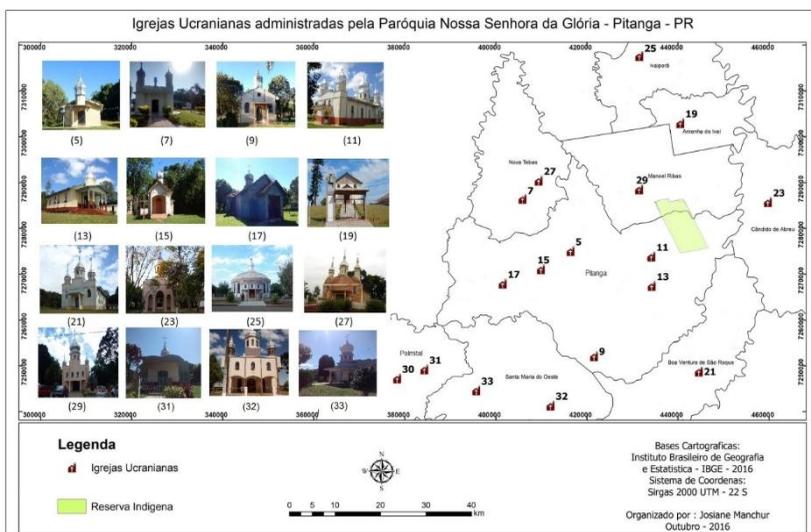
Um viés de análise da cultura é pela dimensão religiosa, sob a qual Rosendahl destaca que a “religião imprime uma abordagem ao espaço” (2012, p. 73), sendo que esta acontece e marca o uso no espaço, por isso merece uma atenção. Quando abordamos o Sagrado, é por revelar um significado expressivo para os indivíduos, assim como Rosendahl (2012) apresenta que “o significado do sagrado vai além das imagens, templos e santuários, porque a existência do sagrado está no

domínio da emoção e do sentimento do ser no mundo.” Nesse sentido, compreendemos as práticas religiosas para a etnia ucraniana como algo que confere a identidade com a cultura que está intimamente ligada as práticas culturais.

Nesse sentido, a manifestação cultural ucraniana iniciou pela religiosidade na construção de capelas e igrejas onde formavam suas colônias. Nessas igrejas eram marca visível de apropriação no território.

Essa migração é percebida na paisagem atual pela espacialização das igrejas, como podemos observar no mapa 3, como apropriação territorial do espaço geográfico na região central do Paraná.

Mapa 3 -Espacialização das Igrejas Ucranianas na Região Central do Paraná



Fonte: elaborado pela autora.

A dimensão cultural nos estudos geográficos tem por finalidade primordial analisar os aspectos culturais, bem como projetar no espaço, materializando-os. Nesse sentido, a respeito do espaço na sua dimensão simbólica e política, devido às relações de poder e cultural é que se produzem seus distintos espaços de representação, como forma de identificação do grupo social. Sendo que cada espaço produzido pelos homens, que produzem ou reproduzem a sua identidade, difere dos

outros espaços, atribuem sentidos e significados à espacialidade e à vida de cada sujeito social, inseridos num contexto espacial.

[...] a cultura tenha uma relação íntima com o sistema de representações, de significados, de valores, que criam uma identidade que é manifestada perante construções compartilhadas socialmente e são expressas espacialmente. Ou seja, de aceitar que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no locus da construção da identidade espacial de um grupo. (FIGUEREDO, 2013, p.57).

Nessa compreensão de que a cultura é construída também de significados com os espaços, analisaremos a cultura da etnia ucraniana, no município de Pitanga-PR, primeiramente por meio da materialidade, como construções de apropriação e uso pela etnia, como a instituição de ensino Escola São Bento, que foi construída pelas religiosas, cuja intenção era preservar e educar os descendentes, transmitindo, assim, o conhecimento cultural.

Construído pelos ucranianos no município de Pitanga, no ano de 1941, o Colégio São Bento, de iniciativa do Padre Benedito Malnick, então vigário da paróquia Nossa Senhora da Glória de rito oriental ucraniano (CLEVE, 2010), pela necessidade de proporcionar a educação e a assistência religiosa às crianças descendentes de ucranianos. Para isso manteve ligação com a Associação da Imaculada Virgem Maria de Prudentópolis, entidade mantedora, conseguindo, dessa forma, que fossem colocadas à disposição de sua igreja, as religiosas Calixta e Melecia Dromohoreski, as quais deram início às atividades na escola em 1944, sendo agregada a moradia das religiosas à escola.

Essa instituição escolar serviu por muito tempo como local de ensino e perpetuação da língua ucraniana, como relata a senhora Olga Chuluk.

“A escola São Bento era onde os filhos dos ucranianos estudava, lá tinha aulas com as irmãs. Aprendi português, matemática, ciências, e nos sábados a gente ia para catequese e também aula de ucraniano. E se não fosse a gente ficava a gente de castigo. E outra coisa, não tinha zeladora, era a gente que limpava.[...] Hoje não tem mais nada, nem aula de ucraniano têm. [...]” Olga Chulek⁴

Essa instituição de ensino é mantida até os dias atuais, cuja propriedade particular está sob a administração das religiosas ucranianas, pautada numa filosofia de educação cristã. Contudo, seu público de educando é aberto, não restringindo apenas aos descendentes de ucranianos, regidos pelos documentos da Secretária da Educação do Estado e extraindo do currículo escolar o ensino da língua ucraniana e as tradições da cultura como bordado, dança, pintura, etc.

O autor Boruszenko (1969, p.10) destaca que a religiosidade do povo ucraniano, “em sua maioria os imigrantes ucranianos são católicos do rito oriental e uma pequena parte é de ortodoxos”, sendo uma característica marcante de preservação da cultura, entre os descendentes, a tradição religiosa, a qual é manifestada e concretizada pelas igrejas nas colônias que fixam residência. Boruszenko (1969, p. 10) expressa que “a liturgia bizantina, da qual a ucraniana é um ramo, tem origem na de Jerusalém, de São Tiago, reformada por São Basílio Magno e abreviada por São João Crisóstomo, no século IV. Foi logo aprovada pela Igreja, sendo seguida até hoje por grande número de cristãos do Oriente.” Para manutenção da religiosidade, são enviados sacerdotes, oriundos da Ucrânia, para a celebração nas igrejas. Em 1897, o Pe. Silvester Kizyma, da Ordem Basiliano, chega ao Brasil e inicia a construção das primeiras capelas.

A Igreja de rito oriental, com estilo arquitetônico bizantino, foi implantada no Brasil pelos primeiros imigrantes galicianos, pois não dominavam o português e sentiam a necessidade das manifestações religiosas de sua terra natal. Com a migração dos descendentes ucranianos para a região central do território paranaense, as

⁴ Entrevista concedida a Josiane Manchur, no dia 12 de jan de 2016.

igrejas desse rito se multiplicaram, podendo ser consideradas verdadeiras “fortalezas” da cultura ucraniana no estado. (HAHN; LUZ, 2011, p. 240).

O município de Pitanga teve a terceira igreja construída por imigrantes ucranianos, onde é local de preservação da cultura original por seus antepassados. (VAZ, 2004)

Paróquia Nossa Senhora da Glória: Localizada na rua Conselheiro Zacarias, 555, com capacidade para 450 pessoas sentadas, foi fundada em 1944. A primeira igreja estilo ucraniano em madeira, e a atual igreja em alvenaria, vitrais coloridos, 2 torres na frente, 1 torre atrás, cobertas de zinco e com cruzeiros em vidro e ferro coloridos. Teve lançamento de sua pedra fundamental no ano de 1968 e inaugurada na festa da padroeira em 15 de agosto de 1988 em comemoração ao primeiro milênio do cristianismo na Ucrânia com a presença do bispo Ucraniano no Brasil Dom Efraim Krewy (DEBOÇA, et. al. 2006, p. 10).

Podemos observar através dos registros fotográficos, a primeira e atual igreja nas imagens a seguir, sendo esta de madeira e como ponto de encontro das famílias ucranianas.

Figura 3 - Casamento 1922 de Pedro Manchur e Olga Manchur



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 - Igreja Ucrainiana Nossa Senhora da Glória – Pitanga



Fonte: Teixeira (2016).

Segundo Deboça et. al. (2006) apresenta a igreja ucraniana como um dos pontos turísticos do município. Além de ser um local turístico, também retrata e releva a tradição materializada no território dos colonizados ucranianos no município.

Atualmente, a Igreja está localizada no município de Pitanga, onde diversas igrejas na região estão sob sua responsabilidade e administração. Há comunidades ucranianas que mantêm encontros mensais e um contato entre os descendentes, e também nos municípios vizinhos, como Manoel Ribas, Boa Ventura de São Roque, Palmital, Ariranha do Ivaí, Cândido de Abreu, Nova Tebas, Santa Maria do Oeste, Ivaiporã.

Após o desmembramento, é de responsabilidade da paróquia que está sediada em Pitanga, a manutenção e periodicidade de atividades dessas igrejas.

*“A Paróquia atente as capelas, somos em quatro padres que celebramos uma vez por mês pois somos em poucos padres. Se o dia da missa for no domingo, é celebrada em ucraniano, mas se for no dia de semana é em brasileiro. As pessoas que participam são as famílias, todos vão pra missa.[...] Em cada colônia têm em torno de 50 famílias, e aqui na cidade (Pitanga) são mais ou menos 300 famílias,” Padre Carlos Melniski na Igreja Ucraniana-Pitanga.*⁵

O encontro mensal com as colônias é uma maneira de preservação da cultura, principalmente com os descendentes na manutenção da língua, pois é o local de conversas e trocas de informações, já que são em propriedades rurais.

As igrejas ucranianas são marcas de um povo, o qual expressam sua fé através de tempos de acordo com uma arquitetura, cultuando o sagrado na beleza do rito bizantino, além de apresentar um tempo, no qual a madeira era a principal matéria-prima para diversas moradias da sociedade no século XIX.

As igrejas ucranianas revelam as práticas religiosas de um povo, nas quais é compreendida como morada dos deuses, e, para a tradição bizantina, é o local de um único Deus, onde é celebrada constantemente a memória do filho de Deus que habitou a Terra e ressuscitou e revive a

⁵ Entrevista concedida a Josiane Manchur, no dia 20 fevereiro de 2016.

cada encontro missal. Por isso a igreja é sagrada por habitar o “Cristo”, e por isso essa é construída com os melhores materiais e cuidado para preservar.

Para o povo ucraniano, a igreja tem uma relação íntima, pois estabelece uma identidade étnica, formando suas raízes históricas, sendo, portanto, um elo de seu passado, presente e também futuro, como apresenta Kozlinski (2009, p. 18):

Igrejas de madeira... bela, harmoniosa... no topo da colina ou no vale... Quanta dificuldade para construí-la! Sacrifício de tantos! Fruto da fé inabalável de um povo que, há mais de 100 ou menos anos, trabalhou incansavelmente para que a casa de Deus fosse edificada...

Porque a Igreja? É a casa de Deus, a mais bela de todas as casas. Ali se expressam os sentimentos mais íntimos do ser humano: a sua religiosidade. Ali, a expressão da fé, a oração, o desabafo junto de Deus na hora da dor... A expressão da alegria na hora do bem. Ali, o lugar privilegiado, onde o profano e o sagrado se encontram. Sim, pois ela é a expressão máxima do encontro. Com Deus na oração, na Santa Missa, na ação de graças... O encontro com o irmão, no diálogo amigo com a comunidade reunida... Nossas Igrejas de madeira... Quanta lembrança do passado...Quanta história... nossos pais, avós, bisavós.

Assim como Kozlinki (2009) apresenta uma ligação entre os descendentes e as igrejas, percebemos que estas são construídas com um estilo próprio, no qual a mesma arquitetura é estabelecida pelos imigrantes, com o propósito de “amarração de seu passado cultural ao novo habitat através da preservação de seus costumes e tradições que, em sua maioria, estavam ligados à prática religiosa” (BATISTA, 2009, p. 25).

De acordo com Batista (2009), a arquitetura das igrejas ucranianas e ortodoxas possuem as mesmas características em termo de arquitetura-tipológica, destacando os tipos de encaixes utilizados nas quinas da madeira; planta retangular (basílica), e planta central-circular, octogonal ou em cruz grega (rotunda), com cobertura em cúpula ou meia cúpula. Destacam ainda os telhados e torres elaborados em madeira recoberto por material de alumínio, uma cruz no alto da cúpula e o

campanário⁶. Todo o planejamento do telhado tem por finalidade proteger o embasamento das construções das águas das chuvas, e ao mesmo tempo como elemento decorativo.

Já no interior das igrejas, o que destaca são as pinturas decorativas com tintas fortes e desenhos perfeitos, respeitando uma simetria, mantendo fidelidade aos atores representados. Além disso, os elementos têm valores simbólicos como, peixe, uvas e estrelas, no entanto encontram-se igrejas cujas paredes não têm pintura decorativa. É interessante perceber que não há forro na construção das igrejas antigas, onde as janelas predominam, como forma de criar um jogo de luzes.

Segundo Batista (2009), há apenas uma igreja que apresenta característica tradicionalmente ucraniana, e está sob a responsabilidade da Paróquia Nossa Senhora da Glória, São Pedro e São Paulo, na localidade XV de Cima (figura 15).

Alguns elementos são fundamentais e estão presentes em todos os templos religiosos, de acordo com Batista (2009): a) santuário: um piso mais elevado do que a nave, o qual só o clero pode acessar; b) altar: situado no meio do santuário, sendo uma mesa quadrada sustentada por quatro colunas, e, em cima no centro, encontra-se o Sacrário (Kevót); c) prótese: é um pequeno altar sob o qual são preparadas as oblatas; d) Diakonikon : lado oposto da prótese, na qual é reservado a paramentação dos ministros; e) trono e assentos: para uso do clero, que fica atrás do altar central; f) crucifixo: é um símbolo pintado localizado atrás do altar; g) candelabro; h) tetrápode: pequeno altar onde são realizadas as pequenas celebrações, como a do batismo; i) ambão: correspondente ao púlpito das igrejas latinas; e, por último, j) iconóstase: divisória entre a nave e o altar, onde encontram-se os ícones (quadros dos santos).

As Igrejas que estão sobre a responsabilidade da Paróquia Nossa Senhora da Glória de Pitanga, não apresentam as características tradicionais arquitetônicas descritas por Batista (2009), mas a disposição dos elementos está presente. Elas encontram-se no espaço geográfico, informando uma representatividade na região central do Estado do Paraná, sob a responsabilidade da Paróquia de Pitanga, Igreja Nossa Senhora da Glória. Foram pesquisadas apenas as igrejas ucranianas nas comunidades e município vizinhos, não analisamos as igrejas que são de

⁶ Local onde se tem o sino.

pertencimento da Católica Romana, e apenas são emprestadas para celebrações da comunidade ucraniana.

Quadro 1 -Localização das Igrejas sob a administração da Paróquia Nossa Senhora da Glória

Figura	Município	Nome da Igreja
	Localidades do Município de Pitanga	Igreja
05	Arroio Grande dos Koupak	Igreja Nossa Senhora Aparecida
07	Barreirinho do Trevo	Igreja Anjo da Guarda
09	Barra do Espirito Santo	Igreja Espirito Santo
11	Borboleta Abaixo	Igreja Nossa Senhora do Patrocínio
13	Pitanga Abaixo	Igreja São Pedro e Paulo
15	Rio XV de Cima	Igreja São Pedro e Paulo
17	Rio Voraz de Cima	Igreja São Nicolau
	Município	Igreja
19	Ariranha do Ivaí	Igreja São Miguel Arcanjo
	Município	Igreja
21	Boa Ventura de São Roque	Igreja São Miguel Arcanjo
	Município	Igreja
23	Cândido de Abreu, Localidade de Pinhal	Igreja Natividade de N. Senhora
	Município	Igreja
25	Ivaiporã	Igreja São José
	Município	Igreja
27	Nova Tebas	Igreja Nossa Senhora Imaculada
	Município	Igreja
29	Manoel Ribas	Igreja Cristo Rei
	Município	Igreja
30	Palmital	Igreja Bom Jesus
31	Localidade de Vila Burei	Igreja Nossa Senhora Aparecida

	Município	Igreja
32	Santa Maria do Oeste	Igreja Natividade de N Senhora
33	Localidade de São José	Igreja São João Batista

Fonte: elaborado pela autora.

Na sequência, serão apresentadas as imagens das igrejas ucranianas sob a responsabilidade da Paróquia Nossa Senhora da Glória do Município de Pitanga, na qual se destacam algumas construções de madeira e outras de alvenarias, porém todas apresentam a cúpula visível na paisagem e a cruz na frente da igreja com a escrita: “З Нами Бор”, que significa “Deus está conosco”. Além disso, há a pintura do padroeiro da igreja em quadro ou na parede.

Podemos contabilizar no município de Pitanga oito Igrejas (figuras 05 até 18), destacando apenas uma igreja (figura 07) com duas cúpulas e duas Igrejas com três cúpulas e vitrais na cúpula central.

No município de Ariranha do Ivaí, uma Igreja chamada de São Miguel Arcanjo (figuras 19 e 20), localizada no centro da cidade, apresenta construção em madeira, sendo a única que não há cúpula e nem traços típicos na construção por fora, porém na parte interna apresenta todos os itens, como mesa central, ícones, etc.

No município de Boa Ventura de São Roque há uma igreja, São Miguel Arcanjo (figuras 21 e 22) que destaca a arquitetura com três cúpulas.

No município Cândido de Abreu há uma igreja, Natividade de Nossa Senhora (figuras 23 e 24), localizada na comunidade de Pinhal, há 10 km da cidade. Essa igreja é destaca pela localização na beira da rodovia e visível na paisagem, mesmo com uma cúpula. Essa comunidade foi uma das primeiras a ser fundada após a saída dos descendentes de ucranianas da colônia Cristina e seguiram pelas margens do Rio Ivaí.

No município de Ivaiporã, há uma igreja, São José (figuras 25 e 26) localizada no centro da cidade e destaca-se por ser a única que apresenta a iconóstase (divisória entre o altar e os bancos dos fiéis) e formato circular.

No município de Nova Tebas, há uma igreja, Nossa Senhora da Imaculada (figuras 27 e 28) localizada na comunidade Barreirinho de Baixo, com cinco cúpulas na arquitetura, uma construção muito semelhante à Igreja Nossa Senhora da Glória, da cidade de Pitanga.

No município de Manoel Ribas, há uma igreja, Cristo Rei (figuras 29) com três cúpulas e vitrais.

No município de Palmital, há duas igrejas, sendo uma na cidade Bom Jesus (figura 30) com três cúpulas, e destaca-se por ser a maior de todas, somente ficando inferior a da cidade de Pitanga. E outra na comunidade Vila Burei, Igreja Nossa Senhora Aparecida (figura 31) em formato circular.

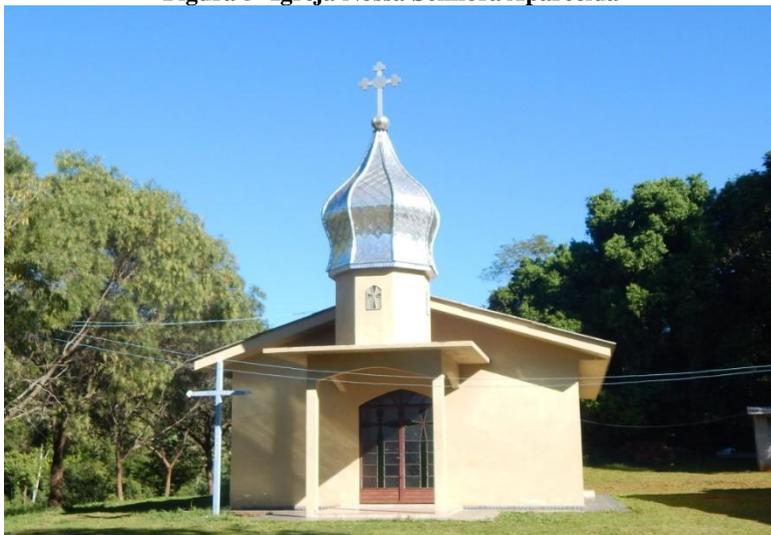
No Município de Santa Maria do Oeste há duas Igrejas, uma na cidade Natividade de Nossa Senhora (figura 32) que se destaca com três cúpulas, tendo a mesma dimensão que a igreja do Município de Palmital. E outra na comunidade São José, Igreja São João Batista (figura 33) e apresenta uma cúpula.

Essas características serão analisadas em detalhes nas imagens a seguir com detalhes semelhantes tanto na parte externa quanto interna.

Iniciamos com as igrejas presente nas localidades do interior do Município de Pitanga e em seguida pelos Municípios de Ariranha do Ivaí, Boa Ventura de São Roque, Cândido de Abreu, Ivaiporã, Nova Tebas, Manoel Ribas, Palmital e Santa Maria do Oeste.

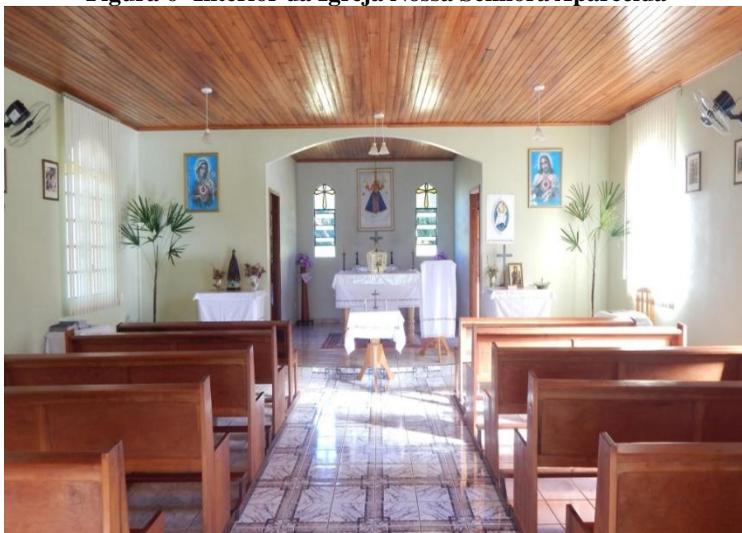
Município de Pitanga-PR

Figura 5 -Igreja Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Figura 6 -Interior da Igreja Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

A Igreja Nossa Senhora Aparecida é construída em alvenaria com uma cúpula em seu interior. No lado esquerdo, há um ícone de Nossa Senhora, apresentado um dos únicos elementos da pintura tradicional ucraniana. Percebemos que a mesa do altar apenas tem o sacrário típico da Católica Romana. Nessa Igreja, as celebrações são realizadas no rito bizantino ucraniano traduzido. Como podemos analisar na imagem, há a presença dos livros do lado direito sob a mesa.

A Igreja Anjo da Guarda na sua construção é apresentada as duas cúpulas tradicionais como observamos na figura 7.

Figura 7 -Igreja Anjo da Guarda



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Na imagem 8, podemos observar a expressividade no número de praticante da cultura ucraniana, no dia da celebração. O encontro para celebração é realizada há cada quinze dias no rito ucraniano e com alguns cantos. Essa igreja está localizada á beira da rodovia e para participar da celebração religiosa os fies deslocam-se de suas casas, muitas vezes são quilômetros de distância para manter a fé, que além da fé, é a possibilidade de trocas e diálogos com o grupo cultural, é um dos únicos locais de encontro e conversas com outros descendentes na língua ucraniana, como podemos constatar no relato de muitos dos fiéis, pois seus filhos e netos não aprenderam a língua, enquanto outros fiéis (da mesma idades, mais antigos, geralmente acima de 50 anos) conseguem dialogar nesta língua.

Figura 8 -Interior da Igreja Anjo da Guarda



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Podemos analisar elementos tradicionais da cultura através das toalhas dos altares bordadas com cores vermelha e branca, livros da celebração nos bancos, mesa central e sob a mesa do altar, o Kevot⁷. E nessa Igreja, as celebrações são realizadas em rito bizantino ucraniano cantado, nas quais toda a comunidade participa.

A Igreja Espírito Santo destaca-se pela presença dos vitrais e uma cúpula, como podemos observa na figura 9.

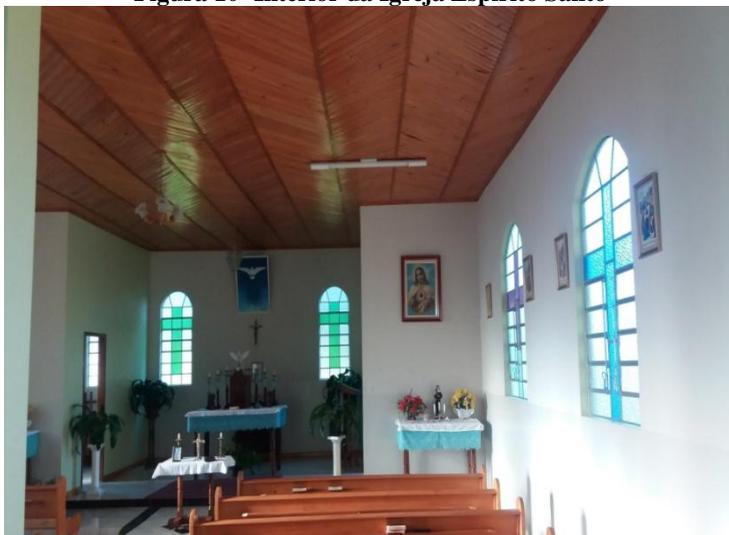
⁷ Sacrário.

Figura 9 – Igreja Espirito Santo

Fonte: Fotografia feita pela autora (2012).

No interior dela, há a mesa central, livros ucranianos nos bancos, como podemos perceber nas imagens a seguir: Há presença dos livros com as celebrações em ucranianos, revelam que há pouco tempo aconteceu celebração e que esta foi celebrada no rito ucraniano. Podemos observar que não são todos os fiéis que sabem a língua, pois na imagem conseguimos detectar apenas 4 livros, confirmando a premissa acima. Porém como o rito da celebração não muda, os fiéis participam pois todos conhecem a sabem “de memória” as respostas da celebrações.

Figura 10 -Interior da Igreja Espírito Santo



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

A Igreja Nossa Senhora do Patrocínio apresenta cinco cúpulas grandiosas, como podemos observar na imagem a seguir.

Figura 11 -Igreja Nossa Senhora do Patrocínio



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

No interior da Igreja destacam-se a mesa central no meio do corredor, os livros ucranianos revelando as celebrações na língua ucraniana. E o altar com o Kevót⁸.

Figura 12 -Interior Igreja Nossa Senhora do Patrocínio

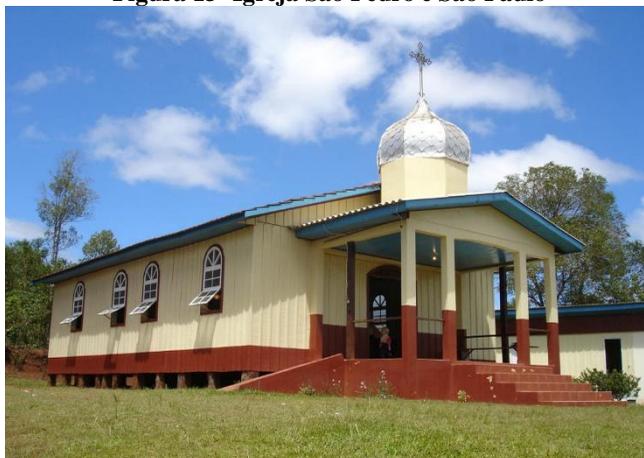


Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

A Igreja São Pedro e São Paulo (figura 13) apresenta uma cúpula, e sua construção é em madeira.

⁸ Sacrário.

Figura 13 -Igreja São Pedro e São Paulo



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Podemos observar que no seu interior há somente os ícones, o desenho de São Pedro e São Paulo, e na parte superior tem talhado um coração, demonstrando a habilidade e uma preciosidade artística feita diretamente na madeira. Nessa comunidade, a celebração é na língua bizantina ucraniana, onde há aulas de canto para os jovens na língua ucraniana, organizada pela coordenadora da catequese.

Figura 14 - Interior Igreja São Pedro e São Paulo



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

A Igreja São Pedro e Paulo (figura 15) está localizada na comunidade Rio Quinze de Cima. De acordo com Batista (2009), é a única da região central do Paraná que apresentada como uma tradicional Igreja ucraniana, com todos os elementos característicos na arquitetura de construção, contudo, não nos objetos na parte interior.

Figura 15 -Igreja São Pedro e São Paulo



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

No interior destacam-se a pintura com cores vibrantes, vitrais nas janelas, com desenhos, com podemos analisar na figura 16. Na frente do corredor, o tetrápode com disposição dos ícones, e sob o altar central, o Kevót.

Figura 16 -Interior da Igreja São Pedro e São Paulo



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Mesmo sendo uma das únicas igrejas tradicionais ucranianas, como descreve Batista (2009), a celebração é feita em rito bizantino traduzido, pois são poucos os fiéis que a frequentam, e os mais antigos não conseguem manter uma celebração na língua ucraniana. Esse é um dos maiores sentimentos de perda de identidade, expressado pela média de 15 famílias que ainda frequenta esta Igreja.

A Igreja São Nicolau, localizada no Rio Voraz de Cima, fica em torno de 10 km de distância da São Pedro e Paulo do Quinze de Cima. Tem sua preservação arquitetônica em madeira, tetrápode, Kevót, e o detalhe nas toalhas bordadas, como podemos analisar na figura a seguir.

Figura 17 -Igreja São Nicolau



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Figura 18 - Interior da Igreja São Nicolau



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Ariranha do Ivaí-PR

No Município de Ariranha do Ivaí, a Igreja São Miguel, é a que foge dos padrões da arquitetura externa, sendo a única que não apresenta cúpula dentre as pesquisadas nesse trabalho, como podemos perceber na figura 19.

Figura 19 -Igreja São Miguel



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

No interior da Igreja São Miguel destacam-se elementos típicos ucranianos, como o Kevót, tetrapóde e o ambrão, como podemos observar na figura 20.

Figura 20 -Interior da Igreja São Miguel

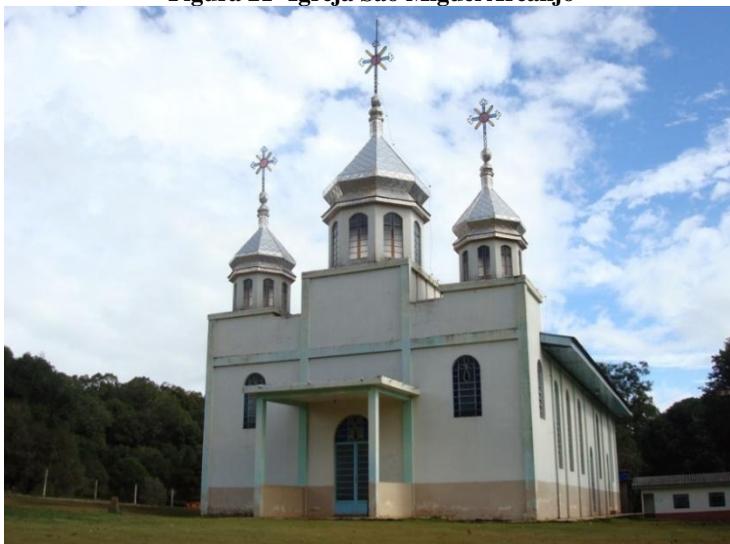


Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Município de Boa Ventura de São Roque- PR

No Município de Boa Ventura de São Roque, a Igreja de São Miguel é destacada pela paisagem do local. Apresenta construção em alvenaria com três cúpulas, na qual é a única que apresenta a cruz no topo das cúpulas, composta por vitrais que se destacam pelas cores no reflexo da luz solar.

Figura 21 -Igreja São Miguel Arcanjo



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

No interior, ressaltam-se os bordados sobre os altares, tanto no central com o Kovát, e o tetrápode como, podemos observar na imagem a seguir.

Figura 22 - Interior da Igreja São Miguel



Fonte: Arquivos Paroquiais (2016).

A comunidade ucraniana de Boa Ventura de São Roque destaca-se por manter as tradições além das celebrações, com o grupo de dança Volênia, o qual se apresenta para toda a região. Também preservam a cultura viva através de frequentes jantares com comidas típicas.

Município de Cândido de Abreu- Localidade do Pinhal

No Município de Cândido de Abreu há duas igrejas, porém a da localidade de Pinhal está sob a responsabilidade da Paróquia de Pitanga.

Figura 23 -Igreja Natividade de Nossa Senhora



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Figura 24 -Interior da Igreja Natividade de Nossa Senhora



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Município de Ivaiporã- PR

O município de Ivaiporã é o maior em total de população, contabilizando quase 31 mil habitantes, onde destaca-se a Igreja São José, localizada no centro da cidade. Essa igreja tem formato circular, e é a única que apresenta no seu interior o iconóstase, como podemos observar na figura 25.

Figura 25 -Igreja São José



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

No interior da Igreja São José, as pinturas destacam-se pela riqueza de detalhes e pela quantidade de bancos, o que demonstra um público grande de frequentadores. Os fiéis ucranianos do município vizinho, Jardim Alegre, participam também dessa igreja.

Figura 26 -Interior da Igreja São José



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Município de Nova Tebas-PR

A Igreja Nossa Senhor Imaculada Conceição fica localizada na comunidade Barreirinho de Baixo, pertencente ao Município de Nova Tebas. Essa igreja é destaque na paisagem. Entre toda a igreja pesquisada é a única que possui três cúpulas, como podemos perceber na figura 27.

Figura 27 -Igreja a Nossa Senhora Imaculada Conceição



Fonte: Metropolia, 2015

No seu interior, destacam os elementos como a tetrápole e o Kavót, como podemos constatar na figura 28.

Figura 28 -Interior Igreja a Nossa Senhora Imaculada Conceição



Fonte: Porfirio (2016).

Município Manoel Ribas-PR

A Igreja Cristo Rei destaca-se por localizar na cidade de Manoel Ribas e por sua arquitetura em alvenaria é contrastada na paisagem.

Figura 29 -Igreja Cristo Rei



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Município de Palmital-PR

O Município de Palmital conta com duas Igrejas, uma na cidade com a Igreja Bom Jesus, a qual é uma das maiores construções em alvenaria e apresenta três cúpulas, como podemos analisar na figura 30. A outra Igreja se localiza na comunidade Brunei, chamada de Igreja Nossa Senhora Aparecida, cujo formato é circular possuindo uma cúpula.

Figura 30 – Igreja Bom Jesus



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

A Igreja Nossa Senhora Aparecida, localiza-se na Vila Brunei no Município de Palmital, sendo uma dentre as duas igrejas que apresentam formato circular. Seu formato e elementos característico como a cruz em escrita ucraniana “Deus conosco” e a cúpula destacam na paisagem na beira da rodovia. Nessa igreja a frequência dos fiéis são poucos, demonstrando assim a tradição da cultura ucraniana não perpetuando nas gerações futuras.

Figura 31 -Igreja Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Município Santa Maria do Oeste- PR

O município de Santa Maria do Oeste tem duas Igrejas ucraniana, uma no centro da cidade, Igreja Natividade de Nossa Senhora, com três cúpulas e construção em alvenaria. E a Igreja São José, localizada na comunidade São José a 10 km da área urbana.

Figura 32 - Igreja Natividade de Nossa Senhora



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

A Igreja São João Batista apresenta uma cúpula, construída no ano 1953 em madeira e no ano de 1991 em alvenaria. São João Batista. Atualmente participam vinte famílias.

Figura 33 - Igreja São João Batista



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Podemos assim perceber que a maioria das Igrejas apresentam apenas uma cúpula, duas Igrejas em formato circular. De todas, apenas uma com o iconóstase, e uma com campanário. Em relação às celebrações, são realizadas a cada quinze dias, exceto a da cidade de Pitanga, a qual acontece semanalmente. Percebemos que metade das Igrejas pesquisadas ainda são na língua e no rito bizantino. Já a outra metade ocorre no rito bizantino traduzido em português. Além disso, uma característica importante é a presença das Igrejas do Rito Católico Romano ao lado das Igrejas Ucrânicas, significando há uma divisão dos fiéis entre “católicos” e “ucranianos”.

Devido à substituição das igrejas de madeira pelas de alvenaria, muitas perderam as características das Igrejas genuinamente ucranianas. Contudo, nem por isso há uma perda de religiosidade dos fiéis em frequentar e manter as tradições.

Por meio da discussão realizada, podemos perceber que estas manifestações culturais que estão presentes na formação do município de Pitanga contam-nos uma rica história sobre a construção do espaço geográfico.

Além da materialidade do templo religioso, a ligação com as práticas religiosas permitem uma identidade da cultura. O jornal de circulação semanal, *Paraná Central*, de responsabilidade de João Kindra, publicado no ano de 1982 no município de Pitanga, apresenta notícias e reportagens relacionadas aos descendentes de ucranianos, com divulgações de práticas religiosas, dentre essas o dia de “benzer” a água; o convite para os ensaios de dança no salão da Igreja; divulgação e resumo do Congresso da Juventude Ucraniana do Brasil ocorrido em Pitanga. São ações que marcam uma simbologia da cultura dessa etnia.

Diante disso uma manifestação presente na tradição dos ucranianos é a religiosidade expressada principalmente como local de preservação da cultura e identidade desse grupo, como percebemos através das imagens a seguir, com a tradição da via sacra na Páscoa. As imagens pintadas na parede são representações dos momentos de Cristo até o Calvário, totalizando 12 ícones. Através desses ícones, percebemos toda a obra artística da decoração desse templo religioso na parte interna. Uma das tradições mantidas é a flexão no chão, como forma de penitência em que os fiéis mantem até os dias atuais.

Figura 34 - Via Sacra com flexão no chão



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Outra prática comum nessa data anual é a bênção de alimentos realizada no sábado, como nos mostra a imagem a seguir na Igreja Ucrâniana Nossa Senhora da Glória, onde os fiéis levam alimentos para serem abençoados num sinal de agradecimento. Porém, esses alimentos são escolhidos a partir de um significado, como ovo cozido (pêssenkas⁹), linguiça cozida, pão, sal, manteiga, frutas, chocolates, entre outros alimentos que cada um deseja abençoar e partilhar no café da manhã do domingo. Vejamos abaixo, essa prática entre os fiéis nas figuras 35 e 36.

⁹ Ovo decorado com símbolos. Mas em Pitanga-PR como não foi passado esse ensinamento, os ovos são cozidos e decorados com cores ou tintas homogêneas, sem desenhos.

Figura 35 -Benção de alimentos



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Os descendentes de ucranianos revivem suas tradições durante um momento no ano, a celebração da Páscoa, na qual um grande número de fiéis participam, como podemos observar pela figura 36. Nessa celebração, a Igreja é enfeitada com palmeiras onde é feito um pequeno altar no meio delas. Esse altar tem em média 30 cm de altura, no qual há a exposição de um ícone de Jesus Cristo, em que os fiéis se direcionam em procissão e de joelhos, com gesto de beijar o ícone¹⁰, lembrando o respeito e o amor por Cristo crucificado.

Figura 36 - Celebração na Sexta-feira Santa-Páscoa



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

¹⁰ Ícone é o retrato de Jesus Cristo pintado num manto.

Através dessas práticas, percebemos a tradição mantida entre os fiéis dessa cultura, através da participação deles nas celebrações.

A celebração da Páscoa é realizada através de cantos na língua ucraniana e percebemos que é o momento em que há maior participação dos fiéis na Igreja, mesmo muitos não compreendendo a língua ucraniana.

Falar uma mesma língua, compartilhar com os demais membros da sociedade os mesmos valores, ideias e hábitos, são maneiras de se vincular e construir uma identidade cultural. É um recurso para se diferenciar dos outros grupos, tornando-a com suas características únicas. Paul Claval destaca que existem diferentes concepções de cultura:

[...] numa primeira concepção a cultura aparece como um conjunto de práticas [...] segunda é um conjunto de princípios e regras, normas e valores que deveriam determinar as escolhas dos indivíduos e orientar a ação [...] a terceira é apresentada como um conjunto de atitudes e de costumes que dão ao grupo social a sua unidade [...] identidades coletivas [...] (CLAVAL, 2002, p. 21).

Segundo o autor, essa definição parte de algo externo ao indivíduo, que se é construído a partir de sua relação com o grupo, o qual procura dar continuidade às práticas como meio de pertencimento ao grupo social, construindo, assim, a sua identidade.

Ao abordar o conceito de identidade cultural na modernidade, Hall (2011) apresenta que no século XX há uma heterogeneidade de influências, em que o indivíduo não se restringe somente a uma única influência cultural, ou seja, são transformações modernas, as quais rompem com um modelo que, até então, se vigorava interferindo na formação de uma identidade pessoal.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão mudando

nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2011, p. 09).

Podemos observar e constatar que os descendentes da cultura ucraniana, principalmente os jovens, incorporam hábitos como a culinária e a comunicação oral e escrita do local que estão inseridos, para manter-se integrante e atuante na sociedade, não apenas aquela dos seus antepassados.

Quando falamos de identidades culturais de grupos, remetemo-nos à ação no local, pois é nessa escala que são apresentadas as singularidades dos sujeitos. Conforme afirma Tuan (1983), o lugar revela as experiências dos sujeitos, constituídos de sentimentos e pensamentos. E com a globalização e formação de uma identidade global ocorre essa interferência nos locais, enfraquecendo as identidades culturais em níveis escalares menos, como nacionais e locais.

Alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de *todas* as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural descrita por Kenneth Thopson (1992), mas agora num escala global- o que poderíamos chamar de *pós-modernos global*. (HALL, 2011, p.74).

Nessa percepção, temos as fragmentações das identidades nacionais, contudo na visão e defesa de Hall (2011), pois, nesse cenário, o que temos é simplista, exagerado e unilateral. Corroborando com esse argumento de que não há uma homogeneização das identidades e desaparecimento das identidades culturais nos locais, Santos (2005) apresenta que o território é desigual, onde o processo de sociedade moderna e globalizada, numa visão de homogeneização de invasão cultural dominante não atinge uniformemente todos os espaços. É por perspectiva que analisaremos a relação de preservação de uma cultura por um grupo étnico frente às tendências culturais modernas.

Muitas das tradições da cultura ucraniana têm se perdido ao longo do tempo, como, por exemplo, “brincadeiras dos jovens”, as quais são mencionadas pelos descendentes da cidade de Pitanga.

A língua sendo o meio de comunicação e de fundamental importância para uma tradição, não está sendo transmitida às gerações futuras. Isso pode ser constatado por meio das entrevistas realizadas com descendentes, com a expressão da linguagem, em que a maioria dos seus filhos não compreende a língua e pouco tem praticado elementos da tradição, como os alimentos, a língua, o bordado.

Em relato, a Sr^a Genha Black Manchur¹¹ (84 anos) e a Sr^a Olga Ulica Chavarem¹² (68 anos) enfatizam que as suas netas não “sabem” os costumes da tradição, pois os pais não as ensinaram, mas destacam que ela ainda mantém viva a tradição nos encontros familiares em datas religiosas com alimentos típicos, principalmente no Natal e na Páscoa. Dentre as tradições está a canção “Христос воскрес (Cristo Ressuscitou) cantada na Ceia Pascoal.

Canção Religiosa

Христос воскрес
Cristo Ressuscitou

Христос воскрес із
мертвих; смертю смерть
подолав і тим, що в
гробах, життя дарував!

Cristo ressuscitou de
entre os mortos;
com Sua morte destruiu
a morte e aos que jaziam
nos sepulcros deu a
vida!

No relato de Sr^a Olga Tupich¹³ (80 anos), muitas coisas mudaram com os ritos litúrgicos, nos quais eram todos na língua ucraniana e, hoje, tem momentos de leituras e práticas na língua portuguesa. Também relata que após as festas e comemorações natalinas, os jovens iam às casas dos descendentes para cantar canções ucranianas, que hoje isso se

¹¹ Entrevista concedida a Josiane Manchur, no dia 10 de janeiro de 2016.

¹² Entrevista concedida a Josiane Manchur, no dia 10 de janeiro de 2016.

¹³ Entrevista concedida a Josiane Manchur, no dia 12 de janeiro de 2016.

perdeu. Esse fato dos jovens cantarem nas casas também é relatado pela Sr^a Genha Black Manchur, (84 anos) a qual destaca que a sua filha, com seus amigos no tempo de juventude, realizavam essa tradição nas casas das famílias, e que hoje não se faz mais.

Assim, percebemos que no relato das entrevistas está presente o forte vínculo religioso, de identidade cultural ucraniana.

A partir desses argumentos, podemos observar a definição e a valorização do território por grupos sociais expressando suas culturas. Segundo Berdoly (2012, p. 101) remete que o “olhar geográfico nos indica que essas práticas têm uma dimensão espacial, que requerem uma organização do território ou uma intenção com o meio ambiente, levando a uma adaptação ou à sua transformação” em que não devem ser desconsiderada ao estudar o espaço geográfico.

Diante da observação podemos compreender que a religião constrói na paisagem marcas materiais como imateriais através da territorialidade, que por sua vez, carrega consigo um conjunto de significados nas práticas desenvolvidas por instituições ou grupos com intencionalidade de preservar costumes culturais ao longo dos séculos. A partir desse estudo compreendemos que a cultura ucraniana se perpetua pela ação religiosa mantendo e unindo os membros da comunidade principalmente no exercício da comunicação da língua durante celebrações religiosas e através da catequese infantil a qual as religiosas ensinam um pouco da língua, significados das práticas e ritos e cantos para as crianças. Além da língua, observou-se a prática de bênção de alimentos na Páscoa, uma prática significativa e grandiosa entre os descendentes tanto por expressar a religiosidade quanto elementos culturais preservados.

CAPÍTULO III - ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO E A SUA LEGITIMIDADE NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, apresentamos a pesquisa no ensino, como proposta para o ensino de Geografia no ambiente escolar, visando à construção do conhecimento, assim como o estudo do local como escala de pesquisa, articulando as bases dos documentos oficiais que norteiam os trabalhos docentes dentro das instituições escolares estaduais de Pitanga/PR. Os documentos consultados são: Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM); Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e o Projeto Político Pedagógico (PPP) de um colégio no Município de Pitanga-PR. Por mais que alguns autores questionem as orientações contidas nestes documentos, devem-se, ou não, serem seguidas. É importante saber que são documentos que regem e direcionam os trabalhos docentes na educação básica, os quais devemos articular nosso trabalho docente inovador com tais documentos construídos historicamente, fazendo parte da educação escolar.

3.1 GEOGRAFIA E A CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A Geografia escolar passou por reformulações, tanto nas bases estruturais, como filosóficas, sendo inicialmente introduzida nas instituições escolares, objetivando o fortalecimento do nacionalismo e patriotismo do território-nação, articulado à dominante corrente teórica, Geografia Tradicional. Posteriormente, com movimentos de renovação da ciência geográfica, em meados do século XX, a Geografia escolar também se renova e visa um ensino que atenda a demanda das classes populares, através de reflexões e criticidade do espaço vivido, abordando uma perspectiva de uma formação cidadã, com o intuito de instrumentalizar o aluno para realizar tarefas concretas na realidade social. Com isso, as bases metodológicas de ensino geográfico também são renovadas, ou seja, não basta ensinar apenas conteúdos geográficos, mas promover uma organização para aprendizagem, considerando as características físicas, culturais, intelectuais do aluno.

Atualmente, discutir o ensino da Geografia na educação básica, digamos que seja desafiador, porque se procede tanto pelas exigências e cobranças importadas para o professor desenvolver seu trabalho escolar, quanto pelas expectativas da sociedade.

Com relação às exigências, elas acontecem pelo sistema e método do trabalho escolar, no qual devemos seguir orientações e modelos padronizados que priorizam a leitura e o raciocínio lógico (português e matemática), ou seja, conteudista. Na disciplina de Geografia, essas duas competências aparecem nos longos textos dos livros didáticos, bem como na ênfase de cálculos matemáticos, no conhecimento cartográfico, com avaliações voltadas para memorização e cobrança de conteúdos.

Não estou dizendo que esses métodos não sejam importantes, mas como compreendemos o conhecimento geográfico para o aluno viver em sociedade, nos propomos a trabalhar com a formação do aluno cidadão através de diversos meios, na qual os conteúdos dos livros, manuais e diretrizes devem ser um caminho, e não o ditador na aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, abordar temas e propor um trabalho diferenciado da rotina de uma sala de aula é nossa proposta para valorizar um ensino de aprendizagem significativa, através de leituras da escala local.

E para promover uma geografia do cotidiano é preciso investigar esse cotidiano e aplicar nele o conhecimento geográfico. Então nos perguntamos: como promover um ensino a partir do cotidiano? É pensando nesse propósito que fizemos esta dissertação, com investigações do local e explicações a partir da geografia cultural para ensino geográfico articulando na inserção no ambiente escolar.

Hoje, o desafio é mergulhar no cotidiano das escolas e construir um ensino de real contribuição na formação do aluno. Segundo Cavalcanti (1998), a respeito da construção do conhecimento geográfico no ambiente escolar, se faz necessário pensar sobre a importância dessa disciplina na vida do aluno. Há um consenso dos autores, sobre a contribuição na ampliação do conhecimento espacial, considerando que a sociedade organiza e se reorganiza ao longo da história, moldando o espaço com práticas sociais e culturais, bem como a contribuição para compreender e contextualizar o próprio local e o mundo que vive. Para a autora, compreender o local sem intervenção escolar, torna-o limitado.

A construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno, ocorre na escola, mas também fora dela, como se observa mais adiante na análise das representações sociais dos alunos. Entretanto, a ampliação desses conhecimentos, a ultrapassagem dos limites do senso comum, o confronto de diferentes tipos de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades operativas do pensamento abstrato são processos que podem ser potencializadores com práticas intencionais de intervenção pedagógica (CAVALCANTI, 1998, p. 12).

Nesse contexto, compreendemos que a instituição escolar, combinado ao docente de Geografia, possui papel de ampliação do conhecimento do aluno, uma vez que outros ambientes são formadores, como a própria realidade familiar e social vivenciada cotidianamente. Para Cavalcanti (1998), a formação do aluno acontece no confronto do conhecimento do senso comum com o científico. O docente deve compreender que o aluno não é um indivíduo “vazio” de conhecimento, mas que todo o conhecimento adquirido ao longo de sua história pode ser “olhado” sob uma nova perspectiva, contribuindo na compreensão do processo dos elementos presentes no cotidiano, como apresenta Castrogiovanni (2014, p. 89), que “é preciso ensinar aos alunos enxergá-la (realidade), mesmo no voo de um pássaro que não exerce o seu movimento por acaso”.

Corroborando nesse sentido, Costella (2013) argumenta que ensinar é despertar no aluno situações a serem ensinadas com um novo conhecimento, sempre procurando trabalhar os conteúdos de forma significativa com inserção de novos, ao “re-olhar” para a realidade após as aulas de Geografia. Assim, Costella e Rego (2011) destacam um ensino atrelado ao cotidiano, com possibilidade de aprendizagem, devido ao fato de proximidade e dotados de complexidade de relações e o campo de forças que ali existentes, que estabelecem e permitem o resultado da complexidade da vida social.

[...] o cotidiano (o lugar) está congestionado de inúmeros eventos geográficos, como a utilização diária de meios de transportes, de tempos gastos em deslocamento, de tipo de profissões, de taxas pagas... Esses condicionantes da vida local podem estar presente, mas não são lidos geograficamente, pois são amontoados de fatos, que não condizem com totalidades compreendidas. Com a interpretação geográfica delas, oportuniza-se uma leitura e uma (re)leitura que levem à compreensão da totalidade por meio da geografia. (COSTELLA; REGO, 2011, p. 111)

O ensino de Geografia e sua importância ocorre pelo fato da necessidade de: “nossa existência, nossa identidade se dá no espaço” (KAECHER, 2014, p. 21). Diante dessa questão, é inerente ao ser humano social, pensar o espaço que vive. Esse pensamento está ligado ao pensamento de que o educador deve despertar no educando o desejo e

o entusiasmo, a fim de que sua mensagem atinja os corações e a mente dos educandos. Pois a relação vai além de “ensinar”, pois ensinar é usar regras cognitivas, e ao educar, o professor transmite valores, os quais muitas vezes são superiores aos tempos e aos conteúdos geográficos. Por isso, o docente tem uma função e atribuições que vão além do ensinar. Segundo o Freire, é impossível não pensar, assim como é impossível educar. “A escola tem ido na direção da homogeneização e da simplificação exagerada” (KAECHER, p. 36). A simplificação é uma das realidades, pois não deixando o aluno pensar, o docente tem as respostas prontas para as perguntas, e simplifica como se o aluno já possuísse um rol de informações e conteúdos que, ao ser sintetizados no momento da exposição oral, é absorvida pelo aluno.

Sendo assim, a aprendizagem não ocorre pela oralidade, mas pelo processo de elaboração, ou seja, o fazer. Nesse sentido, a proposta da pesquisa no ensino contempla essa construção de conhecimento.

3.2 O ESTUDO DO LUGAR E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

Como apresentamos nas discussões anteriores, o objetivo da Geografia é conhecer o espaço geográfico, no entanto, atualmente na sociedade moderna e tecnológica, temos a possibilidade de conhecer todos os espaços com apenas um *click*. Diante de tal realidade, nos questionamos qual é o papel do professor de Geografia? Está perdendo o encantamento das aulas para novas descobertas, novos espaços não conhecidos?

A partir desses questionamentos, corroboramos com Castro, Gomes e Corrêa (1997, p.7), os quais que:

as explorações geográficas consistem em verdadeiras metáforas das antigas. Os mundos novos são parte do nosso cotidiano, as descobertas são novas formas de olhar, de relacionar, de conceber, as viagens contemporâneas são construídas pela interiorização em novos percursos. Nesse sentido, a Terra incógnita não cessa de ser descoberta.

Portanto, os mundos novos são descobertos a partir de novos olhares e interpretações que damos a eles, e isso permite explorar cada vez mais os lugares que conhecemos, sob novas lentes do conhecimento.

O lugar é um conceito fundamental para compreender a sociedade no espaço, pois esse conjunto de objetos e de ações revelado em práticas sociais dos diferentes grupos vive num determinado lugar, e o reconstruem, ou seja, é através dessa escala que as materialidades são reveladas aos sujeitos. Para Callai (2000, p. 84), utilizando explicação de Santos, é no lugar “que este está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos”. E, atualmente, com a Globalização, os lugares tendem a se conectarem através das informações e mercadorias. Ao compreender o lugar, a Geografia significa entender o que acontece no espaço onde se vive, para além de suas condições naturais e humanas.

O estudo do lugar é para perceber e analisar os elementos que estão visíveis, próximo aos indivíduos, ou seja, decodificando essa construção e reconstrução do espaço pelas relações sociais e naturais. E um objeto proposto para esse estudo é o mapa.

A representação cartográfica é uma síntese de um determinado espaço, o que permite conhecê-lo através do mapa, mas para isso é necessária a interpretação dessa ferramenta, assim como existem outras ferramentas, tais como imagens, filmes, textos, que possam ser usados nas aulas de Geografia para conhecer os lugares.

Segundo Callai (2000, p. 93), o aluno deve adquirir uma formação da consciência espacial, e o espaço é construído e reconstruído pelos homens e natureza, o qual precisamos analisá-lo. Essa consciência parte também de observar, ter um olhar espacial sobre o espaço, percebendo nas “marcas” deixadas nesse espaço. Além desses elementos, a Geografia tem um critério que é escala de análise. Isso é, a busca por explicações do que acontecem em determinados níveis desta escala e em outros níveis.

Ao pensar o ensino escolar básico brasileiro no século XIX, é de se deparar com desafios. Aliás é sempre desafiador estudar e querer compreender a educação, pois se não houvessem mais segredos, não teria tanto estudos sobre isso. Após as explicações da psicologia sobre as capacidades psíquicas e mentais para a aprendizagem, acreditaram os educadores que obteriam a fórmula para toda a educação. Contudo, não foi bem assim, pois não basta somente o desenvolvimento genético e mental para a aprendizagem, mas outros fatores como o âmbito social, que continua sendo objeto de pesquisa e investigação para a sociedade.

Ao pensar sobre a atuação do professor em sala de aula, devemos pensar, como um profissional, que não é um mero ator que

decora e reproduz o texto de um ator, neste caso, os documentos oficiais, mas um profissional que tem liberdade para comparar, estudar e montar seu próprio repertório a ser exercido em sala de aula. Essa autonomia não significa abolir todos os documentos que regem a educação básica, como os PCNs, DCEs, Caderno de Aprendizagem, mas contrapor e direcionar as aulas de Geografia. Esses direcionamentos, apresentado por tais normas, devem ser um norteador para o licenciado. Sabemos que são muitas exigências para se cumprir, mas não podemos fazer disso um empecilho para que as aulas sejam rotineiras e sem inserção de temas contextualizados, pois o estudo geográfico do espaço é constante e dinâmico.

A composição dos níveis escolares regida pela Lei das Diretrizes de Base (LDB) de 1996 no Art.21º, descreve como Educação Básica e Ensino Superior, sendo que a Educação Básica é formada pela Educação Infantil; Ensino Fundamental e Ensino Médio com duração de no mínimo três anos. O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) facilita o trabalho docente embasado na LDB e nas Diretrizes do Conselho Nacional da Educação (DCNE), visando orientações da disciplina de Geografia. Nesse documento, a Geografia se encontra na área do conhecimento das Ciências Humanas e suas tecnologias, junto a História, a Sociologia e a Filosofia, cujo objetivo é a exclusão de formação técnica, mas voltada para o ensino superior, para formar cidadãos e os preparando para a vida, bem como capacitá-los na aprendizagem.

Segundo o PCN, a disciplina de Geografia deve ser orientada pelos conceitos: espaço geográfico; paisagens; lugar; território; escala; globalização; técnicas e redes, como base estrutural para o desenvolvimento dos conteúdos durante o período escolar, como veremos a seguir.

3.3 DOCUMENTOS OFICIAIS QUE REGEM A EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ

Os documentos que norteiam os trabalhos dos docentes nos estabelecimentos de ensino foram apresentados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), com base na Lei das Diretrizes de Bases (LDB) nº 9 394/96 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental e médio, contemplando todas as áreas do conhecimento.

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) visa discutir e direcionar as transformações sociais e culturais da sociedade, levando em conta as

LDBs, ressaltando as transformações no ensino pela sociedade brasileira, a qual visa priorizar atualmente uma formação que contemple a cidadania e sua inserção como sujeito na sociedade.

Nas orientações do PCN para as ciências humanas, é destacado o item da contextualização sociocultural, incumbindo assim a cada disciplina articular as múltiplas relações que os seres humanos tecem com os meios sociais e naturais. Tais compreensões implicam perceber/reconhecer que as relações sociais, os valores étnicos, as relações de dominação e de poder, as representações culturais e as formas de trabalho estão presentes na organização do passado e do presente das sociedades, e que por meio desses itens o aluno tenha possibilidade de se reconhecer como sujeito na produção e organização espacial.

Nas orientações para a disciplina de Geografia, o PCN apresenta a importância dos conceitos para compreensão e ensino do conteúdo geográfico, construindo uma articulação com nitidez nos objetivos do ensino com as próprias características essenciais da Geografia como ciência.

Quadro 2 -Conceitos e Concepções Norteadoras

Conceito	Concepção norteadora
Espaço Geográfico	Conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, que procuram revelar as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, lutam, sonham, vivem e fazem a vida caminhar.
Paisagens	União visível do arranjo espacial, alcançado por nossa visão.
Lugar	Porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecida e cria identidades.
Território	Porção do espaço definida pelas relações de poder, passando assim da delimitação natural e econômica, para a de divisa social.
Escala	Dois tipos: escala cartográfica e escala geográfica. A primeira envolve uma relação matemática numérica, e a segunda uma visão relativa a elementos componentes do espaço geográfico. Distribuição dos fenômenos.
Globalização, técnicas e redes	Processo de globalização que corresponde a uma etapa do processo de implementação de novas tecnologias, que acabam por criar a intercomunicação entre os lugares – redes- com tempo simultâneo.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do quadro 2, percebemos que as abordagens por conceitos é para desprender de um caráter informativo, e transformar numa construção de conhecimento reflexivo e dinâmico com articulações, demonstrando, assim, que não é algo acabado, mas que está em constante transformação desse espaço geográfico, tanto natural como social.

O documento aborda as competências específicas da disciplina por meio de três perspectivas: representação e comunicação; investigação e a compreensão e contextualização sociocultural. Dentro do nosso estudo, o terceiro item aborda a temática dissertada neste trabalho, reconhecendo que os contextos socioculturais são elementos construtivos do espaço geográfico e que devem estar presentes nos conteúdos dos docentes desenvolvidos em sala de aula.

Em síntese, podemos concluir que esse documento faz abordagens culturais, numa perspectiva de orientação para o trabalho docente na formação do aluno que cursa o ensino médio.

As Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs) de Geografia do Estado do Paraná regem as práticas e bases estruturais dos docentes dessa disciplina nas instituições escolares do Estado, com o início da elaboração do documento no ano de 2003 e 2004, com término e estruturação em 2008. Desde então, foi adotado e seguido pelas escolas do estado.

O documento inicia com uma discussão sobre a finalidade da escola, como enfoque voltado para formação de estudantes de classes populares, procurando, assim, atender as carências dessa demanda e propor estratégias de aprendizado para formação de alunos cidadãos, os quais não sejam apenas expectadores, mas sujeitos autônomos perante a sociedade atual.

A partir disso, as DCEs abordam a importância de compreender o sujeito que está na escola, valorizando a formação histórica individual, na qual a instituição deve proporcionar acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, e contextualizado para promover a compreensão nos contextos da realidade inserida. Para isso, o documento destaca o papel da escola ao incentivar os docentes em práticas pedagógicas que contemplem uma aprendizagem de igual nível para todos.

Nesse sentido, de uma formação cidadã, as DCEs têm fundamentos teóricos, os quais destacam o currículo como uma constituição de “conjunto de conhecimentos ou matérias a serem de um ciclo”, ou seja, é uma estrutura para o professor orientar as atividades em sala de aula, com caráter estrutural prescritivo, desconsiderando as

discussões sobre a seleção do conhecimento, mas um programa de atividades planejadas com conteúdos a serem superados pelos alunos dentro de um ciclo.

Para orientar esse programa de conteúdos às DCEs, são apresentadas quatro dimensões estruturantes: econômica; política; socioambiental e cultural demográfica, devendo assim, estar presente em todos os conteúdos do ciclo anual da disciplina.

Ao analisar as DCEs e a dimensão cultural, tema central da pesquisa, percebemos a importância ressaltada nesse documento, para que os docentes promovam reflexões, práticas e inserção de tal tema, dentro dos conteúdos. A dimensão cultural no espaço ganha importância por abordar ponto de vista das relações políticas e de resistência, destacando o campo de estudo da Geografia Cultural para o campo de ensino. Pois, ao estudar os registros da sociedade através de objetos e manifestações culturais materializadas na paisagem, tornam-se instrumento de análise para o conhecimento geográfico. E de acordo com as DCEs, a contribuição dos aspectos culturais é pertinente para compreender os movimentos e ações que a sociedade realiza, bem como os modos de vida que estão impressos no território. Nessa dimensão, as DCEs não deixam de ressaltar a importância de abordar o espaço dessas manifestações no nível local, sendo a escala de melhor compreensão e fortalecimento para a aprendizagem do espaço geográfico.

O documento DCEs de Geografia aborda a preocupação sobre a finalidade e metas dessa disciplina, compreendendo que se espera dos sujeitos dessa etapa uma maior capacidade de abstração dos conceitos, realizando recortes temáticos mais complexos. Destaca que a organização dos conteúdos deve promover a problematização e levantamentos de pensamento crítico sobre o objeto geográfico.

Não podemos deixar de destacar que, inserido na dimensão cultural, menciona-se a obrigatoriedade em abordar a história da cultura afro-brasileira e educação ambiental no ensino de geografia, na qual podemos incluir que a diversidade cultural brasileira não deve ser negligenciada nos estudos geográficos. Também as DCEs destacam a importância dos recursos didáticos-áudio-visuais como potencializadores para o ensino, com aprofundamento e problematização sobre assuntos, além de oportunizarem dinamização nas aulas e compreensões sobre o espaço geográfico.

Para finalizar, analisaremos o Projeto Político Pedagógico (PPP) como documento interno das escolas, o qual é elaborado pela gestão

escolar. Sendo assim, esse documento revela a filosofia e a identidade, bem como os caminhos a serem trilhados pela instituição escolar.

De acordo com dados disponíveis no site do Núcleo Regional da Educação - NRE Pitanga, fazem parte desse núcleo as instituições de ensino fundamental e médio das cidades de Boa Ventura de São Roque, Laranjal, Nova Tebas, Mato Rico, Palmital e Santa Maria do Oeste, atendendo um total de 31 estabelecimentos da rede estadual, e 4 escolas particulares. Dentre esses 31 estabelecimentos, estão localizados no município de Pitanga: 9 escolas estaduais, sendo 3 na área urbana do município; 5 na área rural; e uma no distrito. Destacamos o colégio de realização do trabalho, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 3 - Colégios Estaduais do Município de Pitanga

Estabelecimento de Ensino	Localização
Antônio Dorigon, C E- EF M e Prof.	Bairro: Centro
Arroio Grande C E Campo- EF M	Área rural : Arroio Grande
Aurélio Buarque de Holanda C E C- EF M	Distrito Vila Nova dos Alemães
Júlia H de Souza, C E EF-M Prof.	Bairro: Vila Planalto
D. Pedro I C E D- EF M Profissional e Normal	Bairro: Centro
Rio do Meio C E Campo - EF M	Área rural- Localidade Rio do Meio
São João da Colina C E Campo- EF M	Área rural- São João da Colina
Padre Victor C de Almeida C E Campo EF M	Área rural Rio XV Baixo
Zélio Dziubate, C E Campo -EF M	Área rural: Barra Bonita

Fonte: Elaborado pela autora.

No PPP estão reunidas propostas de ações concretas a executar durante determinado tempo, e, igualmente, aspectos pedagógicos com definições e organizações de atividades educativas necessárias para o processo de ensino e aprendizagem. Os PPP são documentos públicos, ou seja, disponíveis para toda a comunidade, podendo ser encontrados nos sites das escolas pelo portal *Dia-a-Dia Educação*, o qual é de gerenciamento do Núcleo Regional de Educação do Estado do Paraná, tornando-se uma fonte rica para ser analisada em nossa pesquisa.

O PPP do Colégio Antônio Dorigon E.F.M.e P. data atualizada no ano de 2014, apresentado o ensino, atende a Educação Básica (Fundamental II e Ensino Médio). A partir de 1996 faz adesão ao Programa Expansão, Melhoria e Inovação do Ensino Médio do Paraná (PROEM) estabelecido pelo Decreto de 2.208 / 97, o qual faz a inserção de cursos profissionalizantes articulados ao Ensino Médio. No ano de 2002, inicia-se a atividade de pós-médio, oferecendo cursos

profissionalizantes à comunidade em geral. Em 2005, foi reformulado com a implantação de Curso Subsequente, tendo a mesma função. Em 2006, o Colégio oferece também à comunidade, curso na área de qualificação em agricultura, agregando à sua administração uma escola base da Casa Familiar Rural¹⁴ Vitor Mariano Castro, localizada na comunidade Borboleta São Roque, para atender os objetivos do curso.

No ano de 2012, o Colégio adere ao Programa Ensino Médio Inovador, articulando quatro projetos extracurriculares para os alunos: Documentário e Jornalismo Informativo; Iniciação Científica e Pesquisa; Informática; Cinema e Literatura, permitindo assim, uma formação ampliada e de maiores possibilidades de trabalhos pós Ensino Médio.

Ao analisar essas propostas de projetos que o Colégio aderiu, percebemos a valorização e meios de proporcionar uma formação voltada para o mercado de trabalho.

Um item observado no PPP está na organização escolar do Ensino Médio, apresentando um sistema por blocos¹⁵.

Esse documento destaca a participação da comunidade escolar na gestão escolar, visando uma articulação na construção da cidadania dos alunos com a comunidade local, além de buscar uma compreensão da realidade da qual faz parte, e ampliar a compreensão e transformação do mundo. Para isso, destaca uma valorização da história dos alunos, promovendo a organização dos conteúdos no currículo escolar, com a realidade vivenciada por eles na comunidade local, por meio de metodologias e sistemas avaliativos diferenciados, bem como destaca o segmento a teoria da Pedagogia Histórico-Crítica, além da perspectiva de aprendizagem de Vigotski.

No PPP, a abordagem cultura aparece como organização social do espaço para compreendê-lo, e na educação voltada para o campo, na

¹⁴ As casas Familiares permitem a formação técnica em conjunto com sua família e a comunidade onde vive. Sistema alternado de ensino, sendo que uma semana permanece na escola em regime internato, e uma semana na propriedade familiar, desenvolvendo atividades programas e orientações na escola.

¹⁵ Bloco I, disciplinas de Língua Portuguesa, História, Educação Física, LEM- Inglês, Biologia e Filosofia. No Bloco II: Matemática. Geografia, Física, Sociologia, Química e Arte. O sistema de blocos foi implantado no Paraná visando melhor aproveitamento do conteúdo.

qual se procura valorizar e trabalhar com a diversidade sociocultural. Essa abordagem no ensino do campo é com relação à forma de cultivo da rela, as práticas que o homem utiliza, e o seu relacionamento com a natureza.

Observamos e constatamos que o Colégio tem preocupação de proporcionar melhores condições de ensino, por meio de cursos profissionalizantes para aqueles que desejam um Ensino Médio voltado para o mercado de trabalho.

A proposta Curricular de Geografia do Colégio Antônio Dorigon apresenta a importância da formação do aluno cidadão, em que a Geografia é uma ferramenta de compreensão do espaço geográfico e sua inter-relação com base nos conteúdos estruturantes: Dimensão Econômica da Produção do/no espaço; geopolítica; dimensão socioambiental e a dimensão cultural demográfica. Através dessas dimensões de conteúdos estruturantes, a Proposta Curricular descreve os conteúdos bases para cada ano, como no documento das DCEs do Paraná.

O encaminhamento metodológico primeiro deve atender questões articuladas pelo professor, abordando as relações de poder, relações entre sociedade e natureza, espaço-tempo, numa proposta de construção do conhecimento do espaço geográfico. A Proposta Curricular do Colégio destaca que deve articular discussões regionais, envolvendo aspectos socioambientais e culturas do Brasil e do Paraná, aulas de campo e mídias, como recursos para o aprendizado. Ressalta, também, a importância dos conceitos nas abordagens dos conteúdos e uso de diversas linguagens, bem como abordagens com a realidade dos alunos promovendo reflexões para estimular a problematização da sociedade.

3.4 PESQUISA NO ENSINO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao abordamos o processo educacional, devemos ter como premissa a formação de um conhecimento através de diversos meio, estimulando constantemente a reflexão desses sujeitos diante de informações. Esse processo de reflexão coloca o docente como ponto central desse processo educacional, por isso busca constantemente métodos que visem a melhor aprendizagem no sistema educacional.

A necessidade de criar novas práticas é devido a transformação dos “temas da vida em veículos para a compreensão do mundo” (REGO, 2011 p. 09) com isso o ensino de Geografia é uma constante renovação e exige do professor esses novos métodos pelo fato de cada realidade na

qual o aluno está inserida muda-se. Diante desse pressuposto adotamos a e a pesquisa como percurso metodológico na Educação Básica proposta por Demo (2001) compreendendo como procedimentos para conhecer um objeto ou assunto. Esse método de construção do conhecimento pela pesquisa é utilizado frequentemente no meio acadêmico, porém, Demo (2001) apresenta esta proposta para a Educação Básica. É sobre essa proposta de pesquisa no ensino que nos embasamos para desenvolver e adquirir a aprendizagem.

Segundo Demo (2001), a pesquisa como método educativo e seu princípio toma como base o processo criativo e emancipatório. Esse processo permite descobrir, pensar, sistematizar e conhecer, através do uso de instrumentos e métodos, a elaboração do conhecimento, sendo fundamentais na formação do educando.

Nesse contexto, compreendemos que a pesquisa é um processo que demanda atitude, pois o aluno deve investigar sobre determinado tema, não ficando apenas receptor da exposição do professor. Demo (2001, p.71) argumenta que a “pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória”. E nesse caminho emancipatório forma cidadão que saiba manejar a sua emancipação para não permanecer na condição de objeto das pressões alheias.

Demo (2001) apresenta a pesquisa, como diálogo com a realidade, e, nesse sentido, articulamos com a proposta desenvolvida, pois a realidade local é passível de ser investigada através de várias investigações a campo e também com fontes primárias de informação, para uma síntese do conhecimento elaborado.

Um coisa é aprender pela imitação, outra pela pesquisa. Pesquisar não é somente produzir conhecimento, é sobretudo aprender em sentido criativo. É possível aprender escutando aulas, tomando nota, mas aprende-se de verdade quando se parte para elaboração própria, motivando o surgimento do pesquisador, que aprender construindo (FRANCHI, 1998 apud DEMO, 2001, p. 44)

Nesse contexto, Demo (2001) traz a tona a forma do professor ensinar questionando o processo de “dar aulas”, no qual o professor repassa para os alunos o que sabe. Diante dessa realidade simplista de atuar em sala de aula, Demo (2001) questiona e aponta o que é *ser*

professor, sendo que o primeiro item que destaca na definição de “ser professor” é pesquisador, exatamente pela capacidade de dialogar com a realidade.

Nesse sentido, para “explorar tais possibilidades implica certa posição ativa diante do que se quer conhecer” (SILVA; KRUPEK; CIARAMELLO, 2016, p. 12), ou seja, é envolvimento ativo dos sujeitos no processo elaboracional, envolvendo caminhos por respostas, exigindo do pesquisador vários caminhos a percorrer como apresenta Silva, Krupek, Ciaramello (2016 p. 13) “a realização da pesquisa envolve a formulação de perguntas: onde, quando, quanto, quem, por que, etc., cuja busca de respostas forçam o pesquisador a defrontar o mundo, a fim de buscar respostas”.

Diante dessa proposta, reconhecemos que há construção de um conhecimento num processo de formação dos alunos, e não apenas o professor um detentor de todo o conhecimento repassando para os alunos. Deixando de lado aquela visão do professor é a figura central e única para a construção do conhecimento.

Silva, Krupek, Ciaramello (2016) destacam que essa proposta para a Educação Básica é desafiadora, pois além de adotar práticas investigativas sobre o tema e não apenas conteúdos, há uma redefinição do professor como um co-orientador, auxiliando e criando condições para que os alunos desenvolvam suas pesquisas, pois promovendo atividades como esta, promovam nos alunos o interesse por descobrir. Para isso, o docente pode utilizar os diferentes recursos didáticos possíveis como fotografias do espaço vivido e a partir dele elaborar atividades da pesquisa. E a Geografia é uma das disciplinas que mais está presente na realidade.

Sendo assim, há diversas possibilidades de abordar os assuntos da realidade, pois sua essência de estudo baseia-se da interpretação do real, promovendo a reflexão e compreensão que o espaço é constituído de um saber não estático, mas dinâmico resultado de fatores que a “cada transformação social, obrigatoriamente, renovam-se ideologias e símbolos que assumem novos e mutantes sentidos desse processo infinito” (CASTROGIOVANNI, 2014, p. 87), combinado ao processo histórico que a formaram espaço como características ímpares, mas que cada espaço revela uma totalidade, sendo passível de observações e estudo de interpretações.

O professor em sala de aula tem um papel fundamental. Compreendermos que o aluno não é um indivíduo “vazio” de conhecimento, mas que todo o conhecimento adquirido ao longo de sua

história pode ser “olhado” sob uma nova perspectiva, contribuindo na compreensão do processo dos elementos presentes no cotidiano.

CAPÍTULO IV - PESQUISA NA ESCOLA

Instigar os alunos para os conhecimentos geográficos é atribuição do professor, o qual embasado de métodos para atingir uma aprendizagem significativa, propõe atividades para os alunos. É sob essa proposta que adotamos atividades pautadas nos conceitos geográficos e elementos sobre cultura ucraniana para pensar e refletir a respeito do espaço geográfico local, que contribuísse para a construção do conhecimento.

A partir disso, foram utilizadas entrevistas com a comunidade ucraniana, além de vídeos, documentários, músicas e saídas de campo, destacando a importância de conhecer a espacialização e preservação desta cultura em Curitiba e também no município de Pitanga-PR. O trabalho teve como resultado final a produção cultural de um material como síntese desse processo sobre a cultura ucraniana a partir das potencialidades individuais dos alunos sobre a temática, como as histórias em quadrinhos, textos sobre a cultura, língua e culinária.

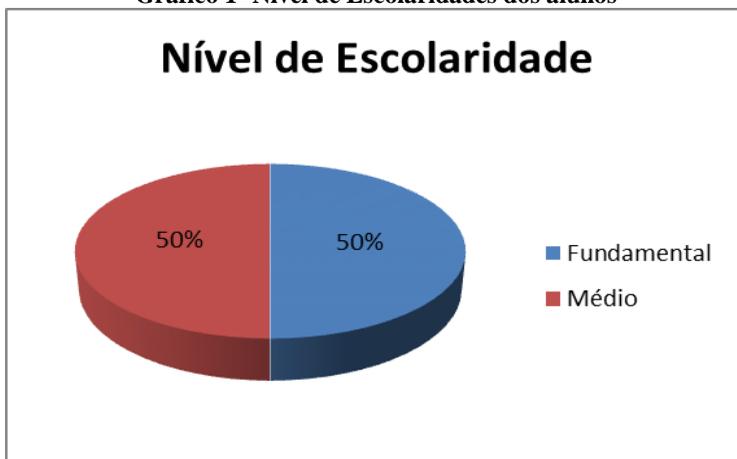
4.1 O CAMPO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa são alunos do Colégio Antônio Dorigon-Pitanga, escolhidos de maneira aleatória, culminando uma parceria com a Sala de Recurso - Altas Habilidades, a qual consiste num apoio pedagógico especializado, com caráter diversificado, oferecido pela escola regular, desenvolvido no período contrário aquele em que o aluno está matriculado na série que frequenta. Conta com um professor especialista em Educação Especial em um espaço físico (sala de aula) apropriado e equipado com os instrumentos e materiais necessários para o desenvolvimento das atividades previstas.

Por muito tempo a Sala de Recurso teve a finalidade de contribuir com apoio aos alunos que apresentavam dificuldades na aprendizagem. No entanto, em 2003, por uma Deliberação do Conselho Estadual da Educação orientou normas para a Educação Especial incluindo alunos superdotados/ Altas Habilidades. Com isso, temos a Sala de Recursos Multifuncional para Altas Habilidades/Superdotação, a qual é um espaço organizado com materiais didático-pedagógicos, equipamentos e profissional(is) especializado(s), sendo ofertado atendimento educacional especializado, visando atender às necessidades educacionais dos alunos público-alvo da Educação Especial, na Rede Pública de Ensino.

As Sala de Apoio-Altas Habilidades no Município de Pitanga tem as atividades desenvolvidas no Colégio Estadual Antônio Dorigan, atendendo um total de nove (9) alunos, porém com frequência assídua de seis (6) alunos, sendo que 3 são alunos do Fundamental e 3 do Ensino Médio, como podemos analisar no gráfico abaixo.

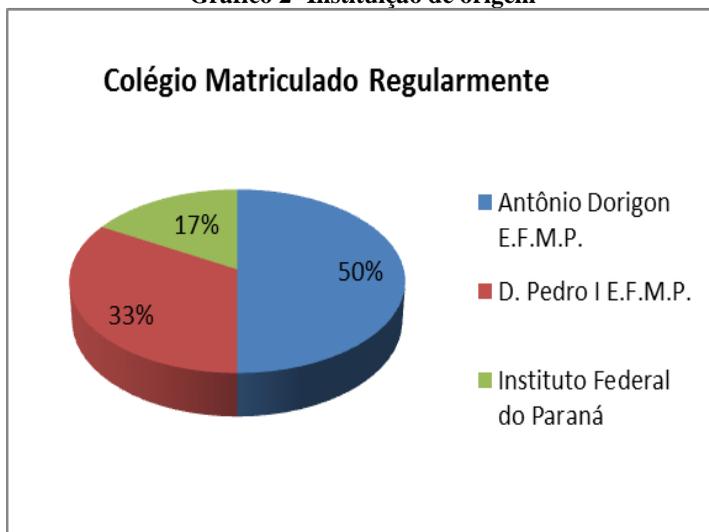
Gráfico 1 -Nível de Escolaridades dos alunos



Fonte: Elaborado pela autora.

Esses alunos são de diferentes colégios do Município, destacando para aqueles do Colégio Antônio Dorigan, como constata o gráfico abaixo:

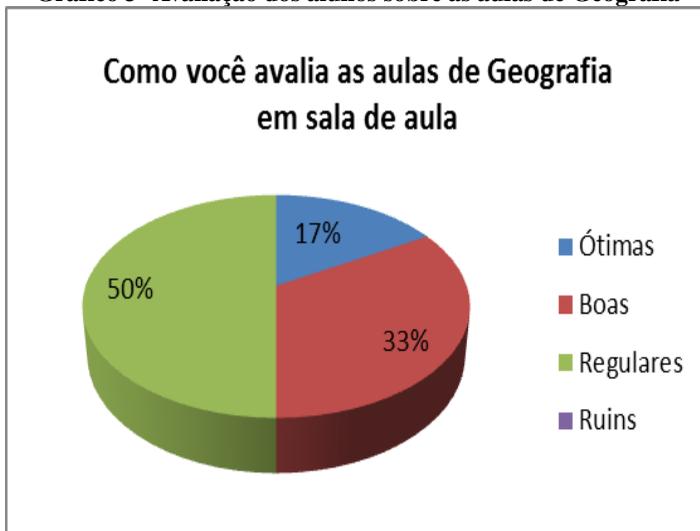
Gráfico 2 -Instituição de origem



Fonte: Elaborado pela autora.

Com o método de conhecimento dos alunos, aplicamos questionários com a intenção de conhecer a rotina das aulas de Geografia, vivenciada por eles constantemente em sala de aula, bem como a relação do conhecimento aprendido em sala e sua inserção no cotidiano.

Ao serem questionados sobre as aulas de Geografia, percebemos que eles consideram regulares e boas, como podemos observar no gráfico a seguir.

Gráfico 3 -Avaliação dos alunos sobre as aulas de Geografia

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando questionados sobre a rotina das aulas de Geografia, percebemos que 50% as aulas são pautadas no livro didático, como explicita os alunos nas respostas de “ler o livro e copiar algumas coisas”, “estudamos o livro”, leitura do “livro”. Por isso contactamos que não são citados outros instrumentos utilizados pelo professor.

Com relação à percepção dos conhecimentos geográficos no cotidiano, obtivemos respostas como “as paisagens, os locais que passamos”, e “relevo e vegetação”, e os demais alunos não responderam essa questão. E no item que chama atenção sobre as aulas de Geografia, é a falta de trabalho de campo realizado pelos professores, pois apenas um aluno respondeu que o professor de Geografia já realizou um trabalho de campo com uma visita ao Parque na cidade.

No item sobre o conhecimento da cultura ucraniana, percebemos que desse grupo metade reconhece a existência dessa cultura no Município, como podemos observar no gráfico 4.

Gráfico 4 -Conhecimento sobre a cultura ucraniana

Fonte: Elaborado pela autora.

E sobre a cultura ucraniana, os alunos que a conhecem destacaram elementos dessa cultura como as comidas e as danças típicas.

Com isso constatamos que há um conhecimento da cultura existente no local, porém é pouco explorado, pois não são todos que aprendem e sabem dessa cultura na região.

A estrutura física para o desenvolvimento das atividades da sala de recurso-Alta Habilidades está localizada no Colégio Antônio Dorigon, no Município de Pitanga-PR, como podemos observar na imagem a seguir.

Figura 37 -Colégio Estadual Antônio Dorigon- Pitanga- PR

Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

4.2 PROCESSOS DAS ATIVIDADES

Buscamos através da pesquisa com os alunos, investigar o espaço local, utilizando os conceitos e métodos para a construção do conhecimento para gerar novos conhecimentos, constituindo um processo de aprendizagem para o indivíduo em que a realiza, como afirma Pádua (1996, p. 29):

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

Nesse sentido, o professor deve estimular o ato de pesquisar para que o aluno passe a ser sujeito e não apenas objeto da nossa história. Assim como Freire (2001, p. 32) apresenta que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, pois não há aprendizagem somente através da exposição oral e escrita do professor em sala de aula.

O educar pela pesquisa é estimular o aluno à curiosidade pelo desconhecido, instigá-lo a procurar respostas, ter iniciativa, compreender e dar início a elaboração de seus próprios conceitos. É também um desafio ao professor transformar suas táticas didáticas.

Para analisar esse espaço, a Geografia utiliza de conceitos como as paisagens, a região, o território, o lugar e a natureza, em que cada um revela um caminho para analisar e explicar a formação e constituição do espaço no qual habitamos. Santos (2009) faz uma ressalva para não estudar os conceitos puros, ou seja, devemos buscar uma ressignificação do conceito em cada contexto histórico, considerando o espaço híbrido a partir dessa inter-relação entre os diversos fatores do objeto e ações (natural- social- global- local), revelando um acúmulo de diferentes ações ao longo do tempo, e permitindo ser “palco” para as novas ações ao substituir as anteriores.

Karcher (2014) aborda uma discussão na qual a Geografia está sempre presente na vida cotidiana, queiramos ou não, pois estamos inseridos num espaço sobre um território, o qual apresenta diferentes objetos e relações. Com base nesse pressuposto, desenvolvemos

atividades para os alunos, destacamos as diferentes temáticas e recursos utilizados, com a finalidade de aprendizagem a partir de conceitos e também sobre a cultura ucraniana presente no espaço local vivenciado pelos alunos.

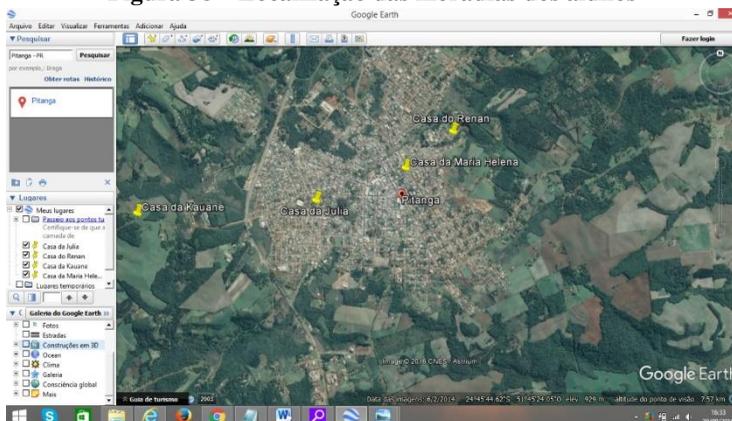
Articulando a pesquisa como método de aprendizagem, procuramos desenvolver com os alunos atividades que contemplassem essa abordagem, bem como os conceitos propostos pelas DCEs do Estado do Paraná.

Para início das atividades, procuramos resgatar nas aulas de Geografia, a orientação espacial, visando uma investigação do espaço cotidiano, destacando a importância do conhecimento geográfico e a investigação do posicionamento no espaço geográfico.

ESPAÇO

Atualmente, com as tecnologias disponíveis, utiliza-las nas aulas de Geografia é um ponto atrativo para os alunos. O uso de programas, como o Google Earth, permite a espacialização da residência de cada aluno, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 38 – Localização das moradias dos alunos

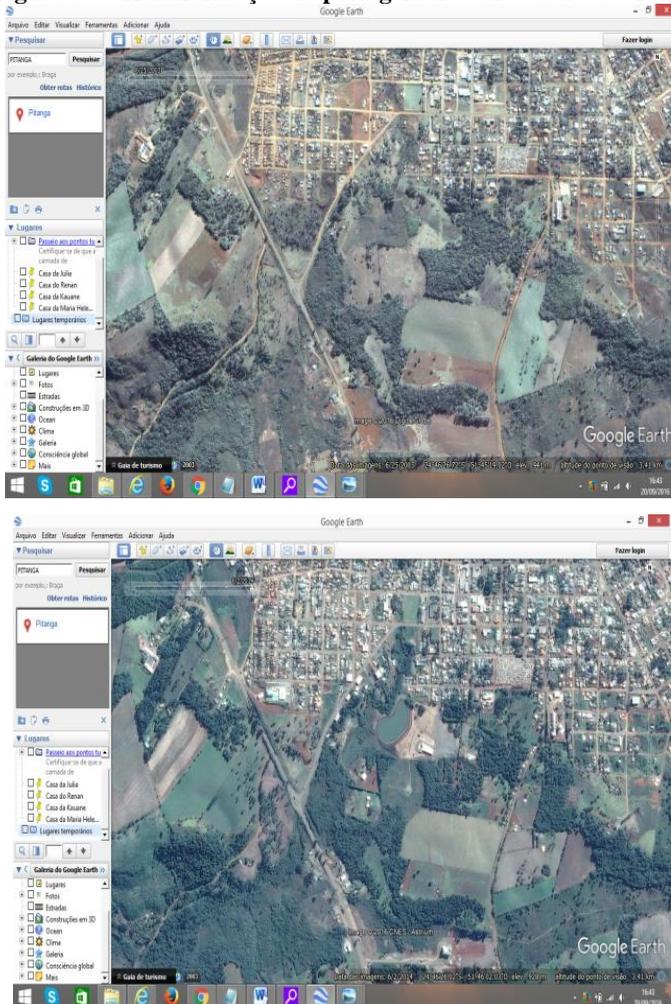


Fonte: Google Earth (2016).

Além da espacialização e essa noção espacial ampla do espaço geográfico, o Google Earth permite fazer uma análise das transformações desse espaço ao longo do tempo através de uma ferramenta. Nesse sentido, utilizamos essa ferramenta para observar as

transformações da cidade de Pitanga de 2003 até 2016, enfocando as modificações na vegetação e aumento das áreas construídas, tanto residências quanto comerciais. Essa modificação, podemos perceber na figura 39 a seguir:

Figura 39 - Transformação da paisagem nos anos de 2003 e 2016.



Fonte: Google Earth (2016).

Usar as ferramentas tecnológicas com os alunos permite desenvolver conceitos geográficos numa abordagem atual e dinâmica. O uso das imagens no Google Earth possibilita o manuseio e a interação com as ferramentas disponíveis, promovendo a compreensão e uma análise do espaço vivenciado, bem como também de outros espaços.

PAISAGEM

Contemplando as DCEs do Estado do Paraná para um ensino geográfico baseado em conceitos, utilizamos o conceito de paisagem (natural, modificada) letras de músicas e imagens.

As letras de músicas permitem uma aprendizagem prazerosa, por envolver as emoções e auxilia na problematização do conteúdo, além de instigar a criatividade do aluno, como nos mostra Muniz (2012). Esse recurso apresenta noções e conceitos básicos de Geografia como a descrição de elementos e transformações das paisagens numa abordagem. Assim como alguns elementos podem ser compreendidos na interação da música com a leitura do espaço geográfico, em que:

[...] as manifestações populares, mudanças e transformações na forma de ver e pensar o espaço e o tempo pode ser descritas através da música. Assim os valores incorporados às letras das músicas contam os fatos históricos e culturais de uma sociedade que conseqüentemente ocupa um determinado espaço geográfico (SILVA, 2015, p. 30)

Nessa compreensão, utilizamos a música “Fui passear na Fazenda do Pe Zezinho” para a reflexão sobre os elementos que a letra apresenta sobre paisagem, enfocando a relação entre a sociedade e o espaço natural, bem como as formas da paisagem rural.

A partir da letra, os alunos levantaram opiniões sobre as modificações com a modernidade do “novo rural”¹⁶, com atividades como o turismo rural e também a modernização, utilizada nas atividades rurais. Em muitas propriedades apresentam sistemas integrados de encanamento no transporte do leite, já ordenado direto para o resfriador.

¹⁶ Novo Rural, proposto por José Graziano da Silva (2001) em atividades no meio rural não ligados a terra como turismo rural. Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a05.pdf> Acesso em jun. de 2016.

Para contrapor a paisagem rural, utilizamos a letra da música do Milton Nascimento – Paisagem da Janela, na qual traz uma abordagem da observação e percepção de um ângulo da janela, destacando os elementos da paisagem cultural como “igreja, cemitério, torres”, etc.

Paisagem da Janela
Milton Nascimento

Da janela lateral do quarto de dormir
Vejo uma igreja, um sinal de glória
Vejo um muro branco e um vôo pássaro
Vejo uma grade, um velho sinal
Mensageiro natural de coisas naturais
Quando eu falava dessas cores mórbidas
Quando eu falava desses homens sórdidos
Quando eu falava desse temporal
Você não escutou
Você não quis acreditar
Mas isso é tão normal
Você não quis acreditar
E eu apenas era
Cavaleiro marginal lavado em ribeirão
Cavaleiro negro que viveu mistérios
Cavaleiro e senhor de casa e árvores
Sem querer descanso nem dominical
Cavaleiro marginal banhado em ribeirão
Conheci as torres e os cemitérios
Conheci os homens e os seus velórios
Quando olhava da janela lateral
Do quarto de dormir
Você não quis acreditar
Mas isso tão normal
Você não quis acreditar
Mas isso tão normal
Um cavaleiro marginal
Banhado em ribeirão
Você não quis acreditar

Na sequência, as imagens foram nosso recurso didático sobre diferentes paisagens (urbana, natural, favela, cidade, área reflorestada), classificando e percebendo os elementos naturais e elementos modificados ou culturais.

Após essas reflexões e debates, a atividade prática pautou na construção de um quadro com elementos naturais e elementos culturais. Com essa classificação, os alunos perceberam que diante das transformações da sociedade no espaço geográficos as paisagens têm interferência constante na sociedade, revelando que a paisagem natural pode conter vários elementos culturais.

Em seguida, observou duas imagens de Pitanga de 1960 (figura 40) e de 2015 (figura 41), para discutir as transformações na paisagem pela sociedade pitanguense relacionando as músicas e as imagens anteriores.

Figura 40 -Avenida Getúlio Vargas, 1960. Pitanga



Fonte: Skyscrapercity, 2014.

Na paisagem de 1960, podemos identificar elementos de uma paisagem com casas de madeira, retiradas da própria região, que, segundo Paula (2015), o Município de Pitanga, no ano de 1935 até 1974, apresentava mais de 117 serrarias, enfatizando uma das principais atividades para construção civil. Na imagem, podemos ainda perceber as ruas sem qualquer pavimentação e há grande quantidade de vegetação, principalmente a árvore Araucária.

Para uma análise da paisagem e suas modificações, selecionamos a mesma avenida de 1960, porém mais recente datada de 2015. Na figura 42, retratando a paisagem de 2015, analisamos o crescente número de veículos (carros e motos), a pavimentação asfáltica, construções comerciais como as lojas e um prédio, residências de 18 andares no centro da cidade. Também destacam os fios de luz, e ao fundo esquerdo da imagem, o templo religioso ucraniano.

Figura 41 - Avenida Getúlio Vargas

Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Para uma comparação espacial além de uma avenida, na área urbana de Pitanga, trabalhamos com um vídeo de sobrevoo aéreo atual (2015), no qual apresentam algumas imagens antigas e atuais, demonstrando as transformações que ocorreram no município.

A partir das atividades, podemos perceber a interatividade dos alunos e debates sobre o assunto, como os elementos da paisagem em que um aluno relata que o espaço geográfico apresenta elementos que estão além das paisagens, o visível, e é possível perceber e analisar o espaço através das sensações. Nessa compreensão, percebemos um entendimento do aluno sobre o espaço, assim como a percepção e compreensão sobre o que seria uma paisagem natural e social, sendo que muitas das paisagens mesmo ditas naturais, tinham interferência da sociedade com modificações, ou, até mesmo, a preservação é uma interferência, e essas modificações podem ser uma análise no espaço vivenciado cotidiano, como modificações na área urbana da cidade.

TERRITÓRIO

Com relação ao conceito de território, procuramos abordar a formação deste com base no processo do território de Pitanga, e também território político através da emancipação do Paraná, para analisar as delimitações das fronteiras e as redefinições dos limites do Município de Pitanga.

O conceito de território é apresentado por Santos (1986):

O território usado e a expressão desenvolvimento se dá pelas formas de conteúdo que são difundidas. O território usado se torna impregnado dessas formas conteúdo que reproduzem as lógicas desiguais de acumulação de recursos para os usos presentes e futuros do território (SANTOS, 1986).

Este conceito, trabalhado pelos docentes no Ensino Básico, demanda uma transposição didática, conforme argumenta Boligian (2003). Desse conceito, de acordo com Ferreto (2009), a linguagem cartográfica apresenta contribuições, e identificar o território nos mapas permite elaborar um conhecimento de leitura, destacando todos os interesses e poderes nessa construção, principalmente a importância do mapa para a legitimação do território político.

Para o desenvolvimento desse conceito da construção do território como espaço social, utilizamos a leitura de mapas do Estado do Paraná, por meio das redefinições políticas, desde a emancipação em 1847 até a atual configuração de 2011, como podemos observar na figura 42, na montagem de uma linha do tempo.

Figura 42 - Linha do Tempo de 1825 até 2001 das fronteiras políticas do Estado do Paraná



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Promover atividades, articulando a temática com a escala local, neste caso o Estado do Paraná, é um dos caminhos para se chegar à aprendizagem significativa, pois permite reflexões sobre o Estado em que estão inseridos.

Ao discutir o território social representado nos mapas, aborda-se a sociedade na qual está presente, de forma que nesta abordagem buscamos destacar o processo de imigração que ocorreu no Estado do Paraná.

Sobre a temática da imigração, destacamos a formação social do Estado e o surgimento de novas territorialidades, com a chegada do povo ucraniano ao Estado do Paraná. E para introdução da temática, voltamos a utilizar a música “Vida de Imigrantes” do compositor e cantor Edinho Vilas Boas, pela qual enfocamos o conceito de imigrantes numa perspectiva de contexto histórico, dos motivos do deslocamento populacional pelos territórios, bem como os interesses e expectativas para migração. Através dessa letra, foi possível explorar o conceito de lugar, destacando o processo de afetividade e o sentimento de “saudade” da terra natal, no caso dos ucranianos, o processo de construção de um novo espaço como lugar de suas origens.

Para fomentar a imigração, utilizamos um poema “A Saga” da autora Helena Kolody, explorando as entrelinhas da autora na sua história, expressada na literatura.

Durante essa atividade, foi possível abordarmos a questão da Geografia física do Estado, contribuindo para a entendimento no povoamento pelas regiões do Estado, assim como os interesses do governo no final do século XIX, na colonização das terras de mata fechada nesse período.

Com o processo dos múltiplos territórios e a (re) territorialização, como apresenta Haesbaert (2004), percebeu-se através do povo ucraniano a tentativa de refazer, nesse processo, os elementos culturais do país de origem no nosso país. E, atualmente, esta cultura está presente na arquitetura e no modo de vida, tanto no cultivo da terra, como nas atividades do cotidiano dessa população em algumas cidades do Estado do Paraná e em Pitanga.

Sobre essa temática, alguns debates surgiram, direcionando para as questões dos sobrenomes, da imposição da cultura num território estrangeiro, bem como a preservação das características físicas, como os olhos e a cor de pele clara. As tradições preservadas em determinadas regiões, opostas a outras do estado pelo número de pessoas estabelecidas nas colônias que faziam parte da mesma cultura foram pauta de questões na compreensão sobre o conceito de território.

Para ampliar as aulas de Geografia e promover um pensamento de espacialização e compreensão da formação do território pela cultura ucraniana, bem como fomentar os conhecimentos, o estudo na sala de aula não é desassociado da realidade, uma vez que também se utiliza o trabalho de campo como recurso para o ensino-aprendizagem.

De acordo com a aula de campo, “possibilita a compreensão de uma realidade complexa a partir de um dado palpável, além de contribuir para enriquecer a disciplina de Geografia e dinamizar o trabalho do professor” (p. 1). Nessa compreensão que a aula de campo permite, por meio dos elementos presentes no espaço geográfico, aplicar ou compreender a significação dos conteúdos geográficos.

Superar os métodos tradicionais de ministrar aula é uma das tarefas do professor, especialmente o de Geografia. Nem sempre é fácil, porém desenvolver práticas como aula de campo, é um dos recursos que valoriza o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, permitindo refletir sobre os conteúdos e conhecimento na sociedade e problematiza-los.

As aulas de campo precisam ser resgatadas no ensino da Geografia Escolar, pois permite ultrapassar os muros da escola com a análise do espaço por onde esse aluno vivenciar, podendo ser na área urbana da cidade, do bairro ou em outros municípios do Estado.

A aula de campo foi realizada em Curitiba-PR, na qual a cultura ucraniana está representada e retrata no Memorial Ucraniano no Parque Tingui-Curitiba, com objetivo de ampliar a visão espacial sobre a cultura ucraniana no Estado do Paraná.

Figura 43 - Alunos no Parque da Ciência em Curitiba-PR



Fonte: Arquivo Parque da Ciência (2016).

O memorial foi construído em 1995 como forma de homenagem ao centenário dos primeiros imigrantes ucranianos ao Brasil, tendo uma réplica em madeira da Igreja São Miguel, a primeira Igreja construída no Município de Mallet na região da Serra do Tigre. Além da Igreja, encontra-se no local um espaço de venda de artesanato da cultura, como *pêssenka*, tolhas bordadas, ícones (quadros pintados com as imagens de santos) e na paisagem uma *pessênka* de grande tamanho moldado no ferro para relembrar as tradições culturais dessa população, entre outros elementos culturais, como podemos analisar na figura 44.

Figura 44 - Visita ao Memorial Ucraniano- Curitiba-PR



Fonte: Cedorak (2016).

Essa atividade ganha importância pela espacialidade da cultura e por haver lugares que preservam. Também possibilita perceber que mesmo na escala local, está presente essa cultura.

Para essa análise local, promovemos a aula de campo na Igreja Nossa Senhora da Glória no Município de Pitanga, como local de preservação e marca da territorialização da cultura ucraniana no local, como podemos observar na figura 45.

Figura 45 - Visita a Igreja Ucraniana de Pitanga



Fonte: Cedorak (2016).

O espaço geográfico revela uma representação social, onde é expressada por elementos além da materialidade, construindo uma identidade coletiva como práticas, rituais, língua, etc, (GIL FILHO, 2003).

A aula de campo na igreja contou com a participação do Padre Carlos, um dos sacerdotes da Paróquia, apresentando os elementos da cultura, migração dos povos até o Brasil, assim como as explicações sobre a escrita ucraniana e os vitrais das janelas presente na Igreja. Através dessas práticas culturais que os grupos sociais ucranianos mantiveram viva a cultura ao longo do tempo.

Também o Padre Carlos ressaltou a estrutura interna da Igreja, a qual favorecer a acústica do local, já que as celebrações não utilizam instrumentos musicais, mas somente cantos *a capella*.¹⁷

Este momento permitiu instigar os alunos a observarem o espaço por diversos ângulos e de diversas formas, através de fotografias. O olhar do aluno na figura 46 expressa sua curiosidade ao observar os detalhes na pintura interna da igreja.

Figura 46 -Interior da Igreja Ucrâniana de Pitanga



Fonte: Cederoak (2016).

Na aula de campo, o professor também pode explorar locais como museus, lugar onde apresenta por meio das imagens, além da história dos municípios, fotografias que permitem uma análise das transformações no espaço geográfico local. No Município de Pitanga, no marco Geodésico, há uma exposição de fotos que retratam a formação do município ao longo dos anos, além de uma observação da cidade numa visão espacial abrangente, como podemos analisar na figura 47 e 48.

¹⁷ Somente com o som da voz, sem instrumentos.

Figura 47 - Marco Geodésico de Pitanga



Fonte: Cedorak (2016).

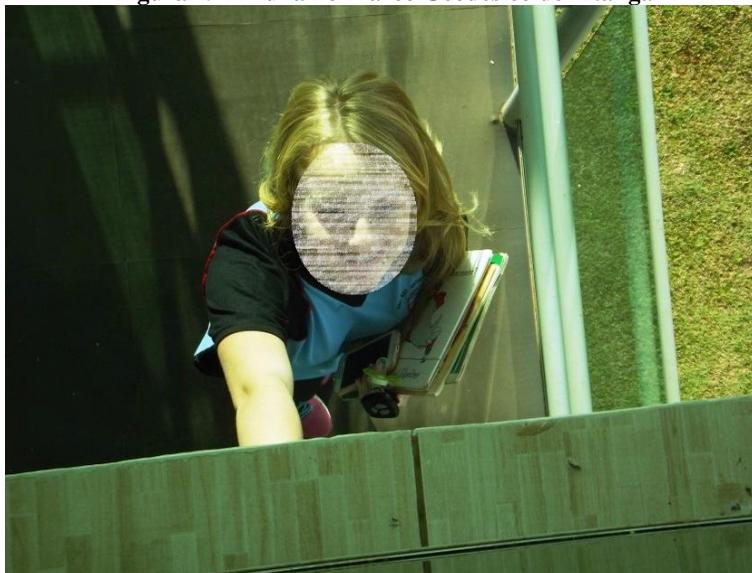
Figura 48 - Alunos no Marco Geodésico de Pitanga



Fonte: Cedorak (2016).

A aula de campo permite aos alunos uma interação e novos conhecimentos, como, por exemplo, aprimorar habilidades artísticas, como as fotografias. Essas descobertas de habilidades através dos registros fotográficos podem ser exploradas pelos alunos, para registrar os diferentes espaços vivenciados por eles, como podemos perceber na figura 49.

Figura 49 - Aluna no Marco Geodésico de Pitanga



Fonte: Cedorak (2016).

O marco geodésico permite abordar um conceito da Geografia- a paisagem, a partir da qual é possível analisar e compreender o espaço no qual os alunos vivem. Esse conceito foi revisto no momento do campo, como podemos observar na visão do marco Geodésico pela figura 50.

Figura 50 - Vista panorâmica do Marco Geodésico



Fonte: Cedorak (2016).

A construção do conhecimento acontece pelo processo de informação, mas também pela interação e pela elaboração de práticas sobre a temática. Nessa compreensão, os alunos utilizaram como representação do conhecimento sobre as atividades e da cultura ucraniana através de fotografias e cartazes, como podemos observar na figura 51, com os momentos de todas as atividades, assim como a elaboração e produção cultural de cada aluno.

Figura 51 -Cartaz das atividades realizadas pelos alunos



Fonte: Fotografia feita pela autora (2016).

Após esse trabalho, os alunos construíram um material sobre a cultura ucraniana de Pitanga-PR, no qual cada um abordou uma temática cultural.

A elaboração de representações da aprendizagem é significativa pelo fato de externalizar um conhecimento.

Assim sendo, educar pela pesquisa é buscar uma forma de conhecimento crítico e criativo. Nesse processo criativo que se encontra as produções e as representações dos alunos após o processo investigativo e dialógico sobre a cultura ucraniana em Pitanga.

4.3 A PRODUÇÃO ESCOLAR SOBRE A CULTURA UCRANIANA DE PITANGA

A temática pode estimular os alunos a perceberem que a cultura está presente na construção e reconstrução do espaço local que estão inseridos, mas também que esse espaço não está desassociado de um contexto mundial, como a migração dos ucranianos. Essa temática também pode ser contextualizada na atual sociedade, sendo que esses fatos históricos podem ser percebidos e que a cultura que representa a identidade de um ser, grupo, povo, nação em todas as manifestações sócio-político. E que esta se concretiza em fatos ou situações histórico-geográfica que movimentam ideias, costumes, postura éticas na sociedade.

A cultura ucraniana pode servir de introdução para o respeito e a valorização da diversidade cultural presente no espaço geográfico. É por isso que devemos aproximar a realidade com a temática com o significado das diversidades da própria condição humana que o ser se evidencia.

A partir de todas essas atividades desenvolvidas podemos perceber a apropriação dos conceitos geográficos na temática nas produções elaboradas pelos alunos. Cada aluno participante teve uma identificação com algum elemento da cultura: culinária, língua ucraniana, história oral, objeto simbólico e a partir desse interesse realizaram a produção escolar.

Podemos perceber que uma aluna teve mais identificação com elementos culturais na dança e no símbolo *Pêssenska*, expressando assim seu interesse artístico sobre os detalhes e nos significados que a cultura tem para a sociedade que participa e se identifica com as tradições culturais.

As alunas do sexto ano do ensino fundamental expressaram com a criatividade e ludicidade do conhecimento através da história em quadrinhos “Encontro do Pinhão com a *Pêssenska*”.

O aluno do terceiro ano do ensino médio elaborou uma pesquisa e posteriormente uma redação sobre a formação e manutenção cultural através da língua.

A aluna do sétimo ano, procurou investigar através da história oral com uma moradora de Pitanga as práticas culturais ucranianas. Através da entrevista, percebeu que muitas dessas práticas não estão mais presente na família.

Essas produções didáticas podem ser acompanhadas a seguir, destacando o processo criativo de cada aluno sobre a temática.

**PRODUÇÃO ESCOLAR SOBRE A
CULTURA UCRANIANA DE PITANGA**



Apresentação

Podemos melhorá-la, transforma-la? Essas são questões presente nos discursos dos docentes da educação básica, principalmente durante a elaboração dos planejamentos no início do ano letivo, porém não fica restrito a essa data, mas os acompanha constantemente na execução em sala de aula.

Para isso, buscamos promover e desenvolver atividades pedagógicas que auxiliem o docente no trabalho em sala de aula, amparado pelos documentos que regem a educação básica, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Estaduais e o Projeto Político Pedagógico, integrando com as bases científicas da disciplina de Geografia através do trabalho de pesquisa investigativa.

Nossa proposta foi trabalhar com alunos, desenvolvendo atividades num viés de pesquisa sobre a cultura ucraniana no município de Pitanga-PR. Para isso, estabelecemos parcerias com o projeto Altas Habilidades do Município de Pitanga, o qual tem como estrutura física as dependências do Colégio Estadual Antônio Dorigon- E.F.M. atendendo alunos desta escola, e também do Colégio Estadual D. Pedro I- E.F.M. e do Instituto Federal do Paraná –IFPR.

Nessa perspectiva de pesquisa, adotamos uma série de atividades com diferentes recursos e práticas, como poemas, textos, aula de campo, vídeos, visando à construção do conhecimento geográfico escolar.

Deixamos evidente que as atividades foram baseadas em temas e conceitos da ciência geográfica, permitindo uma leitura e compreensão da realidade local por meio da temática cultural, as quais que podem ser utilizadas para outras temáticas e realidades.

Autores

Arthur Cechee dos Santos

Aluno do 1º ano, Colégio Estadual D. Pedro I E.F.M.- Pitanga

Giulia Mezaroba

Aluna 6º ano, Colégio Estadual D. Pedro I E.F.M.- Pitanga

Kauane Martins de Moura

Aluna 6º ano, Colégio Estadual Antônio Dorigon - E.F.M.- Pitanga

Maria Helena Dal Santos

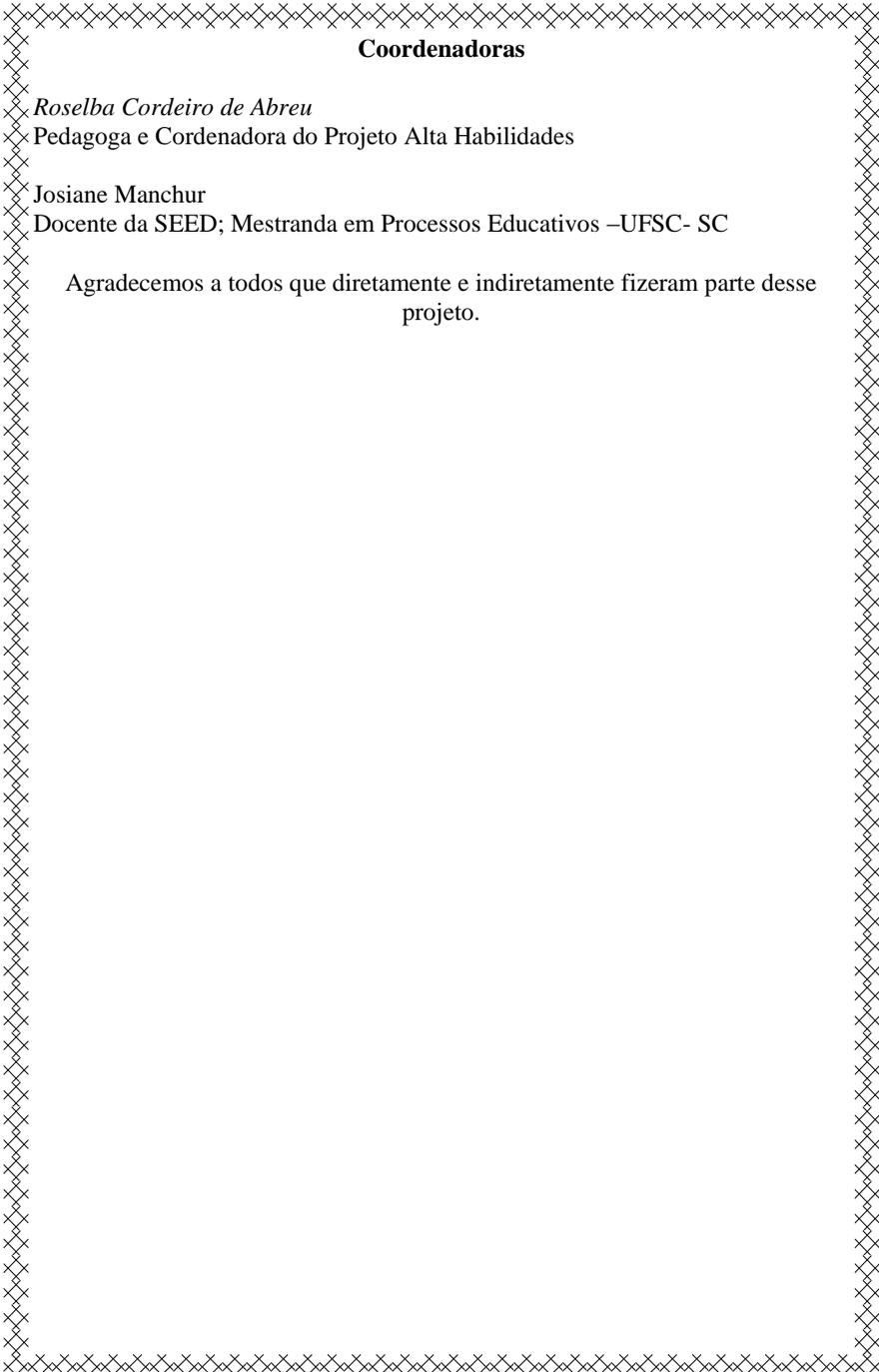
Aluna 7º ano, Colégio Estadual Antônio Dorigon - E.F.M.- Pitanga

Maria Cândida Cedorak de Lima

Aluna 1º ano, Instituto Federal do Paraná-IFPR- Pitanga

Renan Alexandre

Aluno 3º ano, Colégio Estadual Antônio Dorigon - E.F.M.- Pitanga



Coordenadoras

Roselba Cordeiro de Abreu

Pedagoga e Coordenadora do Projeto Alta Habilidades

Josiane Manchur

Docente da SEED; Mestranda em Processos Educativos –UFSC- SC

Agradecemos a todos que diretamente e indiretamente fizeram parte desse projeto.

Migração dos Ucrânianos para o Brasil

Os primeiros imigrantes ucranianos têm origem da Região da Galícia- leste do Império Austro- Húngaro (imagem 02 e 03) no século XIX, sendo um território limite oriental da Europa. As primeiras pessoas migraram para terras desconhecidas no ano 1890, com um desconhecimento real sobre a existência da América, mas com um desejo de liberdade e vida melhor, pois nesse período a região era marcada com uma história de regime escravista nas áreas rurais, abolido em 1848, mas mantido até 1890, como afirma Guerios (2012, p. 37).



Imagem 01: Localização da Galícia-Ucrânia. Google Earth, 2015



Imagem2:Galicia.Fonte:Wikipédia.2016

Os primeiros imigrantes que deslocaram para o Brasil são de origem camponesa. Como destaca Guérios (2012, p. 37), estes visavam melhores condições para trabalhar na agricultura, terra livre, e podiam ser adquirida por eles, como também fugindo das dificuldades econômicas e sociais que a Europa enfrentava, conforme a afirmação a seguir:

Os rutenos que vieram ao Brasil no final do século XIX eram então uma população quase totalmente composta por camponeses analfabetos, alijada de educação e sem participação na vida administrativa local, com sua vida completamente ligada à atividade na terra e com pouco acesso à educação, esses camponeses não tinham contato com ideias que extrapolasse suas vivências cotidianas na aldeia.

Os imigrantes nessa primeira fase eram aliciadas por “agentes” da companhia de navegação que transportava pessoas para a América, os quais convenciam essa população a deixar suas terras e navegar além-mar em busca de uma vida melhor. Os primeiros imigrantes ucranianos chegaram na região do Paraná no ano de 1847, em Paranaguá.

Como apresenta Boruszenko (1969), trabalhavam na redistribuição de terras no planalto paranaense, realizando atividades pioneiras e desenvolvendo atividades agrícolas.

Concentraram-se em colônias, que vão desde os atuais municípios de União da Vitória a Palmas - pelos de Cruz Machado, Paulo Frontin, Mallet, Rio Azul, Irati, até Prudentópolis, Ponta Grossa, Ipiranga, Guarapuava e Reserva; estabeleceram-se também em Antônio Olinto (hoje município do mesmo nome), e nas colônias de Marcelina e Guajuvira nas proximidades de Curitiba, bem como em Wenceslau Brás, no Norte velho. Mais tarde, acompanhando o desbravamento e o movimento geral para o Norte e Oeste, os imigrantes ucranianos estenderam-se pelos municípios de Pitanga, Pato Branco, Apucarana, Borrazópolis, Maringá, Campo Mourão, e outros. (BORUSZENKO, 1969, p. 8).

Chegaram à região de Prudentópolis, onde já havia uma pequena vila, formada por barracas, improvisada pelo governo para recebê-los. Onde se estabeleceram não havia casas, então começaram a povoar este lugar. Na verdade, havia pessoas nessa região, mas estavam espalhadas por toda a região e ao chegarem em Prudentópolis, trabalhavam na construção da estrada de ferro que ligava Irati até União da Vitória, e também na linha telegráfica de Foz de Iguaçu a Paranaguá, fixando moradia em Prudentópolis, Mallet, União da Vitória, Rio Azul.

Nessa época, os imigrantes eram agricultores, ou seja, com conhecimento para trabalhar na agricultura.

Eram construtores, por isso, percebemos que eles, em mutirão, começam a construir suas próprias casas e todos os móveis para sua sobrevivência, pois encontraram na região uma floresta densa, como afirma Guérios (2012, p. 39) “assim, logo após sua emancipação, no início de 1854, a Província do Paraná. Tinham ocupadas apenas suas terras de campos limpos, e as áreas relativas a esses quatro colônias (suíços, alemães, franceses) A maior parte do restante de seu território

era coberta por floresta inexplorada.” E assim iniciou o povoamento e cultivo econômico das terras paranaenses.

Na Serra Pitanga, a colonização iniciou por volta da metade do século XIX, com povoados esparsos e desorganizados, os quais abriram caminhos em meio à floresta, e, assim estabeleceram suas residências.

No ano de 1914 começaram a chegar a Pitanga os primeiros colonos, que eram procedentes das localidades do Rio dos Patos, Ivaí e Prudentópolis, na maioria de origem alemã, ucraniana, polonesa e italiana. Os primeiros a chegar foram [...] estabeleceram-se no lugar Rio do Meio dos Alemães, caminho de Guarapuava a Pitanga. Suas mudanças foram trazidas em carroções puxados por duas ou mais parelhas de cavalos ou burros, seguindo obstáculos e dificuldades de toda ordem, vencidos esses intrépidos povoadores. Mais tarde, em 1918 chegou outra leva de colonos [...] (CLEVE, 2010, p. 63).

Assim como Cleve (2010) descreve o deslocamento para a Serra Pitanga pela passagem da Serra da Esperança, muitos imigrantes seguem pelo Rio Ivaí e fundam a Colônia Tereza Cristina, localizada atualmente no Município de Cândido de Abreu. Em seguida, alguns se deslocam para Manoel Ribas, Ariranha do Ivaí, Ivaiporã, Boa Ventura de São Roque, Pitanga, Santa Maria do Oeste, Palmital, entre outras cidades.

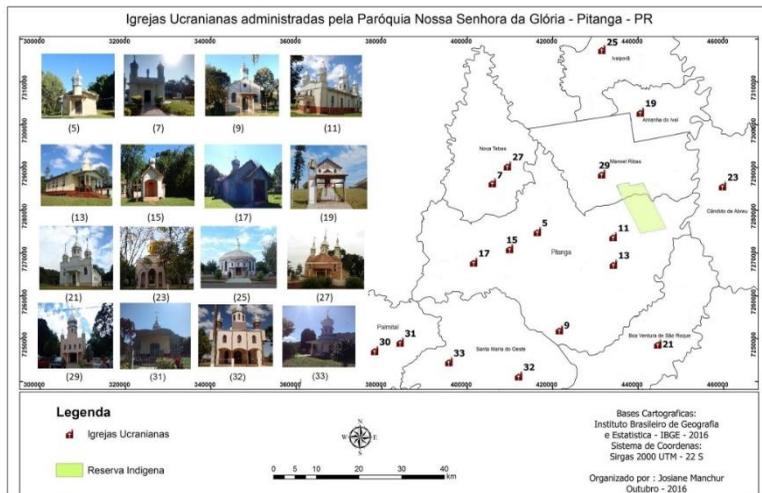


Imagem 03: Cidades percorridas pelos imigrantes ucranianos. Fonte Google Earth (2016).

Os imigrantes ucranianos chegam no Município após os irmãos Caillor, de origem francesa, povoarem e fundarem Boa Ventura em 1847 e a constituição de um pequeno povoado as margens do Rio Batista (ROCHA et al., 2014)

Os primeiros imigrantes ucranianos, ao chegarem na região onde hoje é o município, depararam-se com as condições de mata fechada, e iniciaram então as construções das primeiras casas em estilos e com referências às suas experiências de origem. A paisagem que hoje é o município tinha casas esparsas e as ruas eram de chão batido, com uma vegetação ao fundo de Mata de Araucária.

Vaz (2004, p. 80) relata a história de uma moradora imigrante na sua chegada à região de Pitanga em 1916: “Pitanga tinha só umas 30 casas na rua grande”, iniciando a formação do município e aumento a população dessa região, paisagem que perdura até 1925, como podemos observar as imagens ao lado.

Os imigrantes ucranianos chegam a essa região devido à promessa de terras para desenvolver suas atividades e estabelecerem as suas moradias, pois a região era pouco povoada.

Nessa compreensão de que a cultura é construída também de significados com os espaços, analisaremos a cultura da etnia ucraniana, no município de Pitanga-PR, primeiramente por meio da materialidade,

como pelos ucranianos no município de Pitanga, no ano de 1941, a qual serviu por muito tempo como local de ensino e perpetuação da língua ucraniana. Outra materialidade presente no município é a igreja construída por imigrantes ucranianos, onde é local de preservação da cultura original, por seus antepassados. (VAZ, 2004).

Atualmente, a cultura ucraniana é mantida em vinte e três Igrejas espalhadas pelos Município de Pitanga, Boa Ventura de São Roque, Santa Maria do Oeste, Ariranha do Ivaí, Cândido de Abreu, Manoel Ribas e Nova Tebas, através de celebrações e festas típicas.

A seguir, apresentaremos alguns elementos da cultura ucraniana, como a dança, *pêssanka*, construções religiosas, língua ucraniana. Também uma entrevista com a moradora de Pitanga descendente de ucraniano, na qual relata as práticas culturais passadas através de gerações anteriores, bem como o que já se perdeu dessa cultura na atualidade.

Essas produções foram realizadas pelos alunos, os quais, após os encontros e campo sobre a temática, desenvolveram temas sobre a cultura.

Dança

A dança é uma das manifestações culturais que mantém viva na memória a história de luta e símbolo dos seus antepassados. No Município de Pitanga, o grupo de Dança Ucraniano Kiev, revelam que a cultura é mantida e vivenciada por jovens que identificam com as tradições.

Grupo de Dança Kiev –Pitanga- PR



Fonte: Foto de Maria Cândida Cedorak de Lima (2016)

***Pêssankas* “A arte ucraniana de decorar ovos.”**

Pêssankas, um símbolo da reconstrução da Ucrânia. Tradição milenar e símbolo de vida nova, a arte de decorar os ovos de Páscoa, mostra sua força, unindo o passado ao presente. São ovos artisticamente decorados com cores e símbolos.

A cidade de Kolomyia, 200 km ao Sul de Lviv, na província de Ivano-Frankivsk, Ucrânia Ocidental, guarda uma verdade que nem todos os ucranianos conhecem. Muito menos os estrangeiros ocidentais.

Ali, no coração dos montes Cárpatos, permaneceu latente, durante os setenta anos da brutal dominação do povo ucraniano pelo comunismo soviético, uma pequena semente de um dos maiores orgulhos deste povo milenar: a *Pêssanka*. Esta tradição de pintar ovos na Páscoa, que expressa o símbolo de vida nova, varrida do mapa da Ucrânia pelo poder de Moscou, sobreviveu somente naquela recôndita região camponesa, próxima à fronteira da Romênia. Era escondida nas Igrejas, camuflada nos paióis das aldeias, confeccionada em volta do fogo nos terríveis invernos. Pela vontade de seu povo de um dia reencontrar o futuro, resistiu como uma centelha no coração das famílias e no húmus da terra.

Ovos decorados - *Pêssankas*

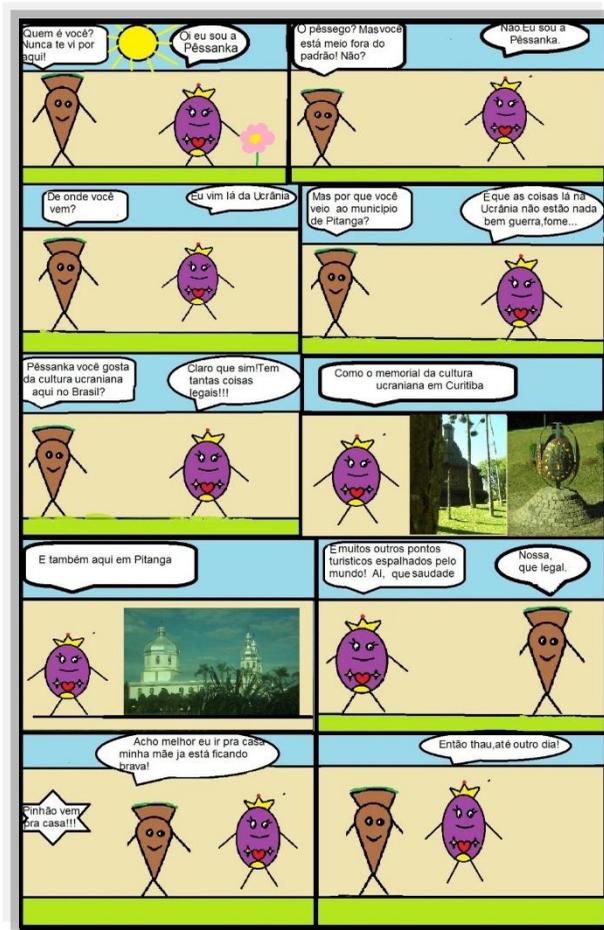


Disponível em:< <http://www.correiodocontestado.com.br/wp-content/uploads/2014/04/cid1030410.jpg>

A cultura ucraniana é incorporada à cultura paranaense, da forma como é retratada na ilustração a seguir, a qual enfatiza uma harmoniosa convivência entre tais culturas, porém conhecemos muito pouco dessa cultura que está há mais de cem anos presente entre os descendentes de imigrantes no território, retratada no primeiro encontro entre o personagem Pinhão, nome remetido ao fruto da Mata Araucária-

vegetação típica da região sul do Brasil e a personagem Pêssenka, objeto típico de grande simbolismo para a cultura ucraniana.

ENCONTRO DO PINHÃO COM A PÊSSENKA



Autoras: Giulia Mezaroba, 6º ano, Kauane Martins de Moura, 6ºano (2016).

Construções da Cultura

O monumento principal do Memorial é inaugurado em 26 de outubro de 1995, em homenagem ao centenário da chegada dos imigrantes, com a réplica da igreja ucraniana de São Miguel, na Serra do Tigre (município de Mallet), uma das mais antigas do país. O Memorial da Imigração Ucraniana, localizado dentro do Parque Tingüi, é um tributo à contribuição desse povo à cultura do Estado. Oito famílias de ucranianos chegaram ao Paraná em 1891, fixando-se na Colônia Santa Bárbara, entre Palmeira e Ponta Grossa. Porém, somente a partir de 1895 que as grandes levas de imigrantes fixaram-se nos arredores de Curitiba e, mais tarde, em Prudentópolis e Marechal Mallet, deslocando-se para outras regiões, chegando até Pitanga.

Memorial Ucraniano em Curitiba-PR



Fonte: Maria Cândida Cedorak de Lima (2016).

Outro marco na paisagem são as igrejas ucranianas, as quais imprimem uma arquitetura e um elo de ligação entre os praticantes dessa cultura.

No Município de Pitanga existem nove Igrejas espalhadas pelas comunidades. E na cidade, a Igreja Ucraniana Nossa Senhora da Glória chama atenção com sua arquitetura típica, com cúpulas em alumínio e, no seu interior, pinturas decorativas, como podemos analisar nas imagens a seguir.

Igreja Nossa Senhora da Glória Pitanga



Fonte: Maria Cândida Cedorak de Lima (2016).

Uma das maneiras de preservar uma cultura é através da língua, ou seja, o *locus* de uma comunicação entre os indivíduos expressa a identidade dos membros de um determinado grupo social. A língua, portanto, é um fator importante, pois é por meio dela que os ensinamentos são transmitidos para os próximos praticantes, bem como mantém as práticas culturais.

Quais são os principais pilares históricos e culturais de um povo? Bem, existem vários: a culinária, os rituais, as pinturas e as esculturas, entre outras. Enfim, são várias as formas de conhecer a cultura de um país ou povo. Porém, sem dúvida nenhuma, uma das principais, se não a principal, é o idioma. A língua é o principal elo que une as pessoas, que as aproxima. Um povo sem uma língua oficial, que todos saibam e consigam se comunicar, é apenas um aglomerado de pessoas estranhas que não conseguem compreender um ao outro.

Obviamente, também há casos em que a língua se perde, ou é misturada com a de outro povo. Como, por exemplo, os ucranianos no Brasil. Nesse caso, falamos de uma população menor, mas que, da mesma maneira, “perdeu” sua língua com o passar do tempo.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes, a língua ucraniana vem sendo misturada e até mesmo abandonada pela língua portuguesa. Pense um pouco: você vê quantos descendentes falando ucraniano com uma fluência boa hoje em dia? A resposta é simples: poucos. E os que falam são, geralmente, os mais velhos, por terem sido, digamos, mais “expostos” à língua.

Canção Religiosa

Христос воскрес
Cristo Ressuscitou

Христос воскрес із
мертвих; смертю смерть
подолав і тим, що в
гробах, життя дарував!

Cristo ressuscitou de
entre os mortos;
com Sua morte destruiu
a morte e aos que jaziam
nos sepulcros deus a
vida!

Poema

Мій боже милий, знову лихо!
Meu Deus querido, outra calamidade!

Було так любо, було тихо;
Estava tão bom, tanta tranquilidade;

Ми заходились розкувати
Quando começávamos a nos soltar

Своїм невольникам кайдани.
dos grilhões que usavam nos amarrar.

Аж гульк! Ізнову потекла
Mas então!... Uma vez mais correu o
sangue

Мужицька кров! Кати вінчанні,
dos pobres mujiques! A velha gangue

Мов пси голодні за маслак
de velhacos, cachorros esfaimados

Гризуться знову.
outra vez engalfinhados!

CHEVTSCHENKO, T. 2010.
Tradução MENDES, L.R. 2015

Дякую - Obrigado(a)

Parte da culpa, e isto vale para todos, é a falta de incentivo para que os jovens aprendam tanto a ler e a escrever, quanto falar. Caso não cuidarmos bem, a língua ucraniana, não a do leste europeu, mas a nossa, “brasileira”, pode sim vir a morrer em breve.

Renan Alexandre, 3 ano (2016).

Atualmente, o local de difusão da língua ucraniana são as celebrações religiosas, que ainda são mantidas. Bem como palavras de cumprimentos em datas festivas como “Khrestós voskrés” (Cristo Ressuscitou) nos dias que sucedem a Páscoa e no Natal.

Os descendentes de ucranianos aprenderam a língua com seus familiares e na escola com as religiosas, e, atualmente, essa prática não vem sendo realizada, como argumenta uma descendente:

A vó do Slauko (esposo) conversava só em ucraniana, nada, nada em brasileiro. Ela veio da Ucrânia. Helena Bartko Gluchak, 69 anos. Pitanga (2016).

Eu adorava ir na Igreja lá, porque era tudo ucraniano. Fui aprender português só com 23 anos [...] Nasci em Prudentópolis, e só falava em ucraniano [...] E minha mãe não aprendeu [...] Nós não sabia conversa nada em português. Ana Stoski 86 anos. Moradora de Rio XV de Baixo- Pitanga

Nesse sentido, compreendemos que entre as famílias a primeira língua a ser falada foi a ucraniana e, posteriormente, a língua portuguesa. Essa prática tem se perdido entre as famílias, pois os filhos desses descendentes não sabem a língua e conseqüentemente não ensinaram os seus filhos.

A cultura ucraniana também pode ser aprendida através da história oral, em meio às conversas com esses descendentes, os quais preservam na memória o tempo passado sem mudanças, como podemos perceber na entrevista concedida pela senhora Maria Helena Krautchuk Dal Santos.

Memórias



Entrevista com uma moradora de Pitanga-PR. Fonte: Fotografia feita pela autora. (2016)

Sou Maria Helena Krautchuk Dal Santos, tenho 75 anos. Meus pais nasceram em Prudentópolis. Morei com eles lá até meus 18 anos, então vim parar Pitanga em 1966, junto com um grande grupo de pessoas.

Estudei em um colégio de freiras, da Imaculada Conceição de Maria em Prudentópolis e lá aprendi sobre a cultura ucraniana. Atualmente pouca coisa, sei da cultura, faço algo sobre a culinária, mas não muito. Ainda entendo quando falam em ucraniano, mas não falo muito bem, sei ler também, tenha um **Buak** (alfabeto em ucraniano), mas meus filhos, quando pequenos, pegavam para brincar e acabou estragando, mas eu era craque pra ler. Os costumes na Igreja são praticamente os mesmos.

Mas uma coisa que eu sinto saudade, que não fazem mais, é dos 3 dias a partir da Páscoa eram guardavam só para brincadeiras. Os adultos ficavam conversando e as crianças brincando de roda, pega-pega, lenço atrás, e os adultos brincavam junto às vezes. Esses dias eram chamados de Hailka.

Os outros feriados também eram bastante valorizados, hoje em dia nem tanto.

No 1º dia antes da Páscoa, a mãe enchia umas cestinhas com comida pra mim e meus irmãos levarmos para benzer na Igreja, enchia de gente lá, a mãe fazia *pêssankas* pra gente. O ovo era cozido na casca de cebola e ficava bem alaranjado. A dança (que era mais difícil que a dança da garrafa) permanece um grupo em Boa Ventura, mas não é tão valorizada.

Depois que comecei a namorar parei de ir a Igreja Ucrâniana, naquele tempo quando namorava com brasileiro não podia ir à Igreja de ucraniano, tinha que seguir o marido, hoje em dia é melhor, mais livre e vou às vezes.

Hoje vejo como fui boba, quando vim para cá, não dizia que era ucraniana, tínhamos vergonha, os brasileiros ficavam falando mal de nós. **(Grifo nosso)**

Depoimento concedido a Maria Helena Dal Santos,

7 °ano, (2016).

A Culinária Ucrâniana

A cultura ucraniana detém de uma vasta diversidade, com um povo assíduo pelos costumes nas mais diversas artes, tais como música, dança, e a gastronomia. Esta última representa bem a pluralidade do país apresentando uma variedade de texturas, cores e sabores, o que faz dessa cultura ainda mais fascinante. Um dos pratos típicos de destaque é o *Pierogue*, o qual é bastante apreciado pela população pitanguense, descendentes ou simpatizantes.

Ingredientes

- *1 kg de farinha de trigo
 - *90 g de manteiga sem sal
 - *1 envelope de fermento biológico
 - *3 ovos
 - *1 xícara (chá) de água morna
 - *1 colher (chá) de sal
 - * 1 colher (café) de açúcar
 - *2 xícaras (chá) de óleo
- Recheio
- *Requeijão caseiro (ou ricota) com batata cozida e amassada.



Pierogue

Fonte: Giulia Mezaroba.
2016

Modo de Fazer

Em um recipiente colocar a manteiga com água morna, acrescentar uma xícara de farinha de trigo e o fermento. Mexer levemente e reservar por 30 minutos. Misturar os ovos sal e açúcar e acrescentar a farinha até dar ponto para sovar, sem grudar as mãos. Levar à mesa e sovar até soltar da mão. Abrir com o rolo a massa e cortar em formato redondo. Colocar o recheio de sua preferência e fechar. Em uma panela com água cozinhar em média 20 minutos. Pode servir cozido com molho ou frito.

Com essas práticas ainda os descendentes de ucranianos mantêm presente na memória as tradições dos seus antepassados. n o ambiente familiar e comunitário.

O espaço geográfico é moldado e remodelado pela sociedade que nela habita, configurando com uma dinamicidade, contínua. Com isso. o espaço é palco das mais diversas manifestações e representações sociais. Cabe a nós perceber a grandiosidade dessas ações e descobrir os atores existentes. Isso é estudar a Geografia desvende os mistérios e os atores do seu espaço, e não apenas estude a Geografia, mas FAÇA Geografia.

Depoimento das Alunas do Projeto

Agradecemos pelo projeto maravilhoso que nos fez aprender sobre a cultura ucraniana, e pelo passeio até Curitiba.

Além de divertido, foi uma ótima maneira de aprendizagem.

Aprendemos sobre o histórico da cultura ucraniana através do monumento visitado Memorial Ucraniano, a grande Pêssanka, as mini Pêssenkas e pesquisas realizados.

Em Pitanga, também visitamos a Igreja da Cultura Ucraniana, onde vimos estátuas.

Ficamos encantados com os detalhes pintados no interior da igreja.

São deslumbrantes.

Conhecemos a Bíblia da cultura ucraniana, a qual é escrita na própria língua.

Também conhecemos o marco geodésico, ao lado da Igreja, indicando o centro do Estado.

Giulia Mezaroba,6º ano e Kauane Mantins de Moura,6º ano (2016).



Alunos do Projeto em
CURITIBA

Fonte: Maria Cândida

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência geográfica tem por base não a materialidade e compreender o espaço geográfico através da cultura são um das possibilidades de análise e interpretação social. E a cultura ucraniana foi construída no território, e após cem anos ainda é praticada pelos sujeitos descendentes e também por aqueles que se identificam, não deixando esquecer as práticas culturais, como a culinária e a língua. Porém, muito se perdeu e, como percebemos nas entrevistas no Município de Pitanga, há uma preocupação com a cultura, pois as gerações futuras não perpetuaram a cultura.

Atualmente, os templos religiosos com as celebrações na língua ucraniana é um local que mantêm as tradições culturais presentes nos descendentes da cultura ucraniana, bem como na manutenção da cultura entre os fiéis, ligando o passado com o presente.

Diante de uma sociedade multicultural, onde fazemos parte de vários grupos culturais, a ucraniana se dissolveu pelos cidadãos do município de Pitanga. No entanto, um elemento precisa ser resgatado para que essa cultura não caia no esquecimento local, é a valorização da língua.

A cultura ucraniana pode ser um tema investigativo das aulas de Geografia, por envolver vários elementos, nos mais diferentes níveis escolares. Assim como no Memorial Ucraniano encontramos alunos da escola primária numa aula de campo, tendo como objetivo as cores, a história da imigração, na disciplina de Geografia, essa temática tem muito a contribuir, como podemos perceber no interesse dos alunos ao realizar a pesquisa e nas produções finais.

A partir da trajetória percorrida nessa dissertação, podemos concluir que os desafios educacionais brasileiros, em especial do ensino público, ainda são muitos, principalmente nas práticas pedagógicas. Algum tempo atrás se dizia que o aluno aprende do abstrato para o concreto, mas, hoje, as crianças aprendem muitas coisas abstratas e não conseguem realizar ações concretas simples, levando a compreender que na atualidade o foco não é a teoria, mas a formação do professor ao utilizar as teorias pedagógicas para uma aprendizagem eficiente.

Nessa perspectiva, enfocamos uma proposta pedagógica, pesquisa no ensino, como possibilidade de aprendizagem geográfica. Nesse sentido, compreendemos que o professor pesquisador é aquele que utiliza a pesquisa e as teorias educacionais nas suas práticas cotidianas, visando analisar o processo de aprendizagem dos alunos na

complexidade cotidiana deles. Com base nesse pressuposto, buscamos desenvolver práticas que contribuíssem com o processo de aprendizagem dos alunos pela temática cultural.

Ao analisar os documentos que regem a educação básica do Estado do Paraná, a dimensão cultural se faz presente em todos os níveis educacionais. Entretanto, percebemos pela investigação através das entrevistas com os alunos, que não é trabalhado pelos docentes. Procuramos assim, realizar as diferentes práticas pedagógicas, instigando os alunos a perceberem a cultura ucraniana no espaço geográfico, os quais produziram um material com a temática, para expressar sua aprendizagem.

Numa correlação da temática com a aprendizagem, procuramos a problematização dessa informação através de várias atividades investigativas, com resultado em produções didáticas dos alunos, as quais revelam uma riqueza de aprendizagem pela qualidade do conhecimento expressado nas atividades. A partir disso, compreendemos que a construção do conhecimento não se faz pela oralidade e pela cópia em sala de aula, mas com atividades que permitem os alunos a observar e ler criticamente a realidade, de modo a questionar para participar como sujeito dessa realidade, de forma a interagir ativamente.

Finalizo este trabalho dissertativo pela necessidade da pesquisa, mas não pelos questionamentos, pois são as inúmeras indagações sobre o ensino da Geografia no ambiente escolar, uma vez que a cada leitura e realidade escolar surgem novas reflexões sobre o trabalho docente e aprendizagem geográfica escolar.

Desejo que essa reflexão não se encerre. Que esta temática seja apenas um ponto para futuras reflexões sobre o ensino da Geografia e encoraje a realizar pesquisas sobre as diversas possibilidades de ensinar Geografia na Educação Básica, destacando a sua contribuição nos currículos brasileiros. O sistema cartesiano brasileiro presente nas escolas precisa ser revisto e seja possível de modificações para pensar um método de ensino reflexivo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, F. D.; IMAUIRE, M. R. G.; CORRÊA, S. R. M. **Igrejas Ucrânicas**: Arquitetura da imigração no Paraná. Curitiba: Instituto ArquiBrasil, 2009.

BERDOULAY, V. Espaço e Cultura. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares Geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012. p. 100- 133.

BERNARDES, L. M. C. Distribuição da população no Estado do Paraná em 1940. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 12, n. 4, 1950.

BOLIGIAN, L. **A transposição didática do conceito de território no ensino de Geografia**. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95662/boligian_1_m_e_rcla.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 maio 2016

BORUSZENKO, O. A imigração Ucrâniana no Paraná. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DA HISTÓRIA, 4. 1969, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 1969.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Ciências humanas e suas tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2008. Disponível em: <<http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-05-geografia.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

CASTROGIOVANNI, A. C. Ensino, complexidade e diversidade da vida nos fazeres geográficos. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.) **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 33-48.

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.) **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 35-48.

CASTROGIOVANNI, A. C. Subir os sótãos para descobri a Geografia. In: MARTINS, R. E. M. W; TONINI, I. M; GOULAT, L. B. (Org.) **Ensino de Geografia no contemporâneo: experiência e desafios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. p. 85-101.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas-SP: Papirus, 1998.

CLAVAL, P. “A volta do Cultural” na Geografia. **Revista de Geografia Mercator**, v. 1, n. 1, p. 19-28, 2002. Disponível em: <http://geografias.net.br/pdf/01_A_volta_do_cultural_na_Geografia.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 2014.

CLEVE, J. J. C. **Memórias de Pitanga**. Curitiba: Artes e Texto, 2010.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. A aula de campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Revista Geografia**, v. 20, n. 2, p. 99-114, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7416/10649>>. Acesso em: 10 maio 2016.

CORRÊA, R. L. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012. p.133-154.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 135-147.

COSTELLA, R, Z. A importância dos desafios na construção do conhecimento geográfico. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 49-54.

COSTELLA, R, Z. Movimentos para (não) dar aulas de Geografia e sim capacitar o aluno para as diferentes leituras. In: KAERCHER, A.N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M. **Ensino de Geografia para Ensino Médio**. Porto Alegre: Editora Imprensa Livre, 2013. p. 102-120.

COSTELLA, R, Z.; SCHÄFFER, N.O. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Editora Edelba. 2012.

DEBOÇÃ, L. P. et al. Tipologias e potencialidades turísticas para o Município: Um estudo no Estado do Paraná. **RECEDM**, Campo Largo, v. 5, n. 2, nov. 2006. Disponível em:
<<http://revistas.facecla.com.br/index.php/recadm/article/viewArticle/252>> Acesso em: 9 out. 2013.

DEMO, P. **Pesquisa: princípios científico e educativo**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

EDINHO VILA BOAS. A vida de imigrante. [2017?]. Disponível em:
<<https://www.vagalume.com.br/edinho-vilas-boas/vida-de-imigrante.html>>. Acesso: 10 maio 2016.

ELLIOTT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e própria. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado Aberto, 2001. p. 137-152.

FERREIRA, J. C. V. **Municípios Paranaenses: Origens e significados de seus nomes.** 2006. Disponível em:
<http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Produtos_DGEO/Divisas_Municipais/Origens_Significados_nomes_municipios_pr.pdf. Acesso em: 21 maio 2014.

FIGUEREDO, L.C. **Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões.** Revista Geografia Ensino & Pesquisa. v.17,n.1, jan/abr.2013, p.55 – 70.

FRANCIOTTI, M. A. **Cadernos de Estudos: Fundamentos Epistemológicos da Geografia.** Indaial.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

GIL FILHO, S. F. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em Geografia.** 2003. Disponível em:
<<http://faustogil.ggf.br/gilfilho/arquivos/espaco-representacao-geografia.pdf>>. Acesso: 10 maio 2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUÉRIOS, P. R. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião.** Curitiba: Editora UFPR, 2012.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. **A identidade na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HAURESKO, C. **Lugares e tradições: as comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros.** Guarapuava: Unicentro, 2012.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território,** Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. 2014. Disponível em :<<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E GEOCIÊNCIA. 2012. Disponível em: <<http://www.itcg.pr.gov.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

KAERCHER, N.A. Práticas geográficas para *lerpensar* o mundo, *converentendersar* com o outro e *entenderscobrir* a si mesmo. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.15-34.

KOZEL, R.; GALVÃO, W. Representação e Ensino de Geografia: contribuições teórica- metodológicas. **Ateliê Geográfico**, Minas Gerais, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/5333/4394>>. Acesso em: 10 maio 2016.

KOZLINSKI, D; MURAN, S. **Boletim do Centenário da Paróquia Sagrado Coração de Jesus**. Mallet, [20--].

LUIZ, L. D.; HAHN, F. A. Nova Tebas: Territórios e territorialidades. **Revista GEOMAE**, Campo Mourão, v. 2, n. 1, p. 207-216, 2011.

LUIZ, L. D.; HARACENKO, A. A.de S. A reprodução camponesa ucraniano contexto da colonização do Município de Novas Tebas-PR. **Revista GEOMAE**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, p. 47-67, 2010.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MILTON NASCIMENTO. Paisagem da Janela. [2017]. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47443/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. 2. ed. Maringá: Editora Eduem, 2008.

MUNIZ, A. A música nas aulas de Geografia. **Revista da Ensino de Geografia**, Uberlândia, v.3, n. 4, p.80-94, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N.4/Art6v3n4.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

PADRE ZEZINHO. **Fui passear na fazenda**. [2017]. Disponível em:<<https://www.paulinas.org.br/pub/partitura/P1173660114.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

PÁDUA E. M. M. **Metodologia da pesquisa. Abordagem teórico prática**. Campinas: Papirus, 1996.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Geografia**. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_geo.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

PAULA, A. M. **Faces da expropriação e da desterritorialização camponesa em Pitanga-PR**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/39107/R%20-%20D%20-%20ADRIANO%20MAKUX%20DE%20PAULA.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 10 maio 2016.

REGO, N. Em direção a uma geografia educadora. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de Geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2011.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e a sua dimensão espacial. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 2012. p. 73-100

SANTOS, M. O retorno do território. In: SOUZA, M.A.A. **Apresentação Milton Santos, um revolucionário**. 2005. Disponível em:
<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SAUER, C. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 19-27.

SILVA, C. L.; KRUCPEK, M. R; CIARAMELLO, P. R. **Tópicos de pesquisa e ensino de Geografia**. Guarapuava: UAB/UNICENTRO, 2016.

SILVA, R. S. **A importância da música nas aulas de Geografia: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de Geografia**. 2015. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015. Disponível em:
<<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/RENAGILA%20SOARES%20DA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2016.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. 188p.

TENCHENA, S. M. Comunidades Ucrânicas: suas fronteiras étnicas e religião. **Revista Nunes**, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Editora DIFEL, 1983.

VAZ, T. A. **O Lendário Caminho do Peabiru na Serra da Pitanga.** Guarapuava: [s.n.], 2002.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte da coleta de informações para a pesquisa de Mestrado intitulada “**Representações da Cultura Ucraniana no Município de Pitanga-PR**”, sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, sob orientação da professora Dr^a Rosemy da Silva Nascimento, docente do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina- SC. Essa pesquisa tem como um dos objetivos investigar a percepção do lugar que vivemos por meio do conhecimento geográfico.

Todas as informações serão utilizadas somente para fins acadêmicos e após a conclusão terá divulgação e socialização dos resultados por meio de artigos publicados em anais de eventos e revistas científicas.

1. Identificação

Nome: _____

Ano: _____

Quanto tempo estuda na escola: _____

2. Ensino

3. Já participou de projetos propostos pela escola? Qual?

4. Quando tem alguma ação na escola, como Feira de Ciências, você:

() Participa só porque vale nota

() Participa por querer desenvolver uma atividade criativa

() Participa por ser um trabalho coletivo e acha interessante para aprender mais.

5. Ensino de Geografia

6. Como você avalia as aulas de Geografia que tem desde que começou a estudar no ensino escolar

() Ótimas

() Boas

() Regulares ()

Ruins

Explique a sua resposta:

7. Descreva como é a rotina das aulas de Geografia: _____

Se tiver algo ruim, descreva:

8. O que mais gosta das aulas de Geografia?

9. Você percebe no seu cotidiano os conhecimentos geográficos? Dê exemplo como percebe.

10. Já foi em alguma saída de campo (visita, passeio) proposto pelo professor de Geografia? Se sim, onde foi?

11. Você lembra do que aprendeu com essa aula prática?

12. Tem conhecimento das culturas no município? () SIM () NÃO

Quais: _____

13. Conhece a cultura ucraniana em nosso município? () SIM () NÃO

14. O que conhece sobre ela

15. Expresse no verso da folha através de desenho ou poema ou música ou texto ou outro o significado e a importância do conhecimento da Geografia para a sua vida.

APÊNDICE B - ATIVIDADES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



**CONCEITO DE CULTURA EM ALUNOS DO PROJETO ALTAS
HABILIDADES
COLÉGIO ANTÔNIO DORIGON – PITANGA/PR**

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosemy da
Silva Nascimento
Mestranda: JOSIANE MANCHUR

Pitanga
2016

Introdução

Este trabalho faz parte de uma pesquisa do mestrado intitulado como: **MANIFESTAÇÕES CULTURAIS UCRANIANAS DO MUNICÍPIO DE PITANGA-PR E SUAS REPRESENTAÇÕES PARA O ENSINO GEOGRÁFICO**, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC.

O trabalho tem como objetivo geral a Cultura ucraniana no Município de Pitanga como objeto de estudo para o ensino de Geografia contextualizado e significativo na formação de alunos do ensino médio do Colégio Antônio Dorignon -PR.

Nossa proposta será trabalhar com alunos do ensino médio, desenvolvendo atividades numa viés de pesquisa sobre a cultura ucraniana no município de Pitanga-PR.

Objetivo Específico

- Realizar uma investigação dos conhecimentos sobre o ensino de Geografia e a contextualização no seu cotidiano e também do conhecimento da cultura ucraniana;
- Promover atividades para a construção da percepção e do conhecimento da cultura;
- Elaboração de uma cartilha sobre a cultura ucraniana para divulgação no colégio e na região.

Metodologias

Serão adotadas métodos investigativos como questionários, e para as atividades de construção do conhecimento serão utilizadas entrevistas com a comunidade ucraniana, vídeos, documentários, músicas e saídas de campo para conhecer o entorno e a cultura ucraniana presente no município de Pitanga-PR, desembocando em uma cartilha didática.

Roteiro de atividades

1) Atividade – Investigação e localizando no espaço geográfico.

Aplicação de questionários para os alunos do projeto sobre o nível de conhecimento e compreensão do ensino de Geografia, bem como a percepção da cultura ucraniana no município.

Uso da imagem de satélite do Google Earth para localizar no espaço identificando os diferentes usos da atual paisagem, percebendo a

sua localização e da escola. Observando a atual paisagem e disposição da área urbana da cidade.

2) Atividade- Compreendo o espaço e a transformação da paisagem de Pitanga ao longo dos anos

Nesta atividade o objetivo é conhecer o município de Pitanga, através da formação histórica

por meio de imagens e do processo de culturas na apropriação do espaço.

3) Atividade – Investigando suas origens

Talvez essa aula seria para conhecer os diferentes formações culturais no espaço e identificando as suas origens, conhecendo eles, por meio de questionários.

-Quais são suas raízes culturais, sabe de onde vieram, quais são as práticas culturais que ainda preservam dos seus pais? Modificaram? Continuam as mesmas?

-Poema sobre as diferentes raízes culturais do Brasil

-Roda de Conversa – abertura para falarem, expressarem suas opiniões e conhecimento sobre eles.

4) Atividade – Colonização do Paraná e de Pitanga

Nesta atividade destacar o processo de povoamento e colonização estrangeira no Paraná. Enfocado os Ucrânicos que chegaram e transformaram a paisagem.

-Apresentando também que aqui já existiam diversos povos, nesse caso os povos indígenas e também vestígios do Caminho de Peabiru.

-Imagens

-Música

-Poema (Ms Helana pode me ajudar na questão da literatura paranaense desse período histórico

5) Ucrânicos em Pitanga

Investigação da história de Pitanga e do processo de colonização da cultura ucraniana por meio de fotos, imagens e questionários com os moradores antigos.

-Fotos e entrevistas

-Questionários.

6) Atividade -Transcrições das entrevistas e tabulação de questionários.

Nesta atividade serão tabuladas os questionários realizadas como investigação da origem e preservação da cultura ucraniana na cidade de Pitanga-PR

7) Atividade - Aula de campo- Visita a Igreja Ucraniana e o Marco Geodésio

Nessa atividade será realizado a proposta de visitar a igreja, conhecendo o processo de construção e o espaço ocupado por ela, bem como uma visita ao Marco Geodésico para visualizar de um outro ângulo o espaço do Município de Pitanga.

Momento de instigar a observar o espaço de diversos angulas e de diversas formas através de fotografias.

8) Atividade- Produção cultural da Cultura Ucraniana

Nessa atividade apresentaria uma música sobre a cultura no espaço abordando tanto a materialidade quanto a imaterialidade da cultura e o vídeo construído pela DIANA sobre a cultura.

Nesta atividade os alunos apresentariam uma poesia, um desenho em quadrinho, uma pintura, abordando o tema central da cultura ucraniana no Município, desenvolvendo assim suas habilidades individuais e que fariam parte da cartilha.

9) Atividade – Organização da Cartilha Cultural

Montagem da cartilha elencando os temas importantes capturados durante a pesquisa para colocar na disposição da cartilha.

10) Atividade – Finalização das atividades

Nesta última atividade é a visualização da cartilha cultural com os alunos.